U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITECTURA

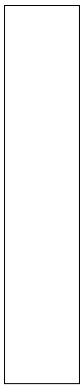
O património abandonado da Fábrica da Chicória

circunstância, registo e transformação

Beatriz Tomé de Andrade Salvado Sousa

M

2019



O património abandonado da Fábrica da Chicória

circunstância, registo, transformação



Dissertação de Mestrado em Arquitectura apresentada à
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

por

Beatriz Tomé de Andrade Salvado Sousa

Orientada por

Professor Doutor José Manuel Soares

Porto, Março 2019

Nota à edição:

A presente dissertação foi escrita em português, segundo o antigo Acordo Ortográfico.

O corpo de texto principal apresenta-se escrito em português, pelo que as citações referentes a edições de língua não portuguesa foram traduzidas pela autora.

Agradecimentos

“ Quisera poder enfeixar nesta página emotiva o essencial da minha consciência de ilhéu. Em primeiro lugar o apego à terra, este amor elementar que não conhece razões, mas impulsos; – e logo o sentimento de uma herança étnica que se relaciona intimamente com a grandeza do mar. “

Vitorino Nemésio, “Açorianidade” in Insula, 1932

Agradecida por nascer e crescer entre o azul, o verde e o cinzento.Tonalidades que relembro em cada regresso a casa. Este trabalho foi uma razão para redescobrir a ilha de São Miguel: o lugar que será sempre ponto de partida. Por tudo isto, obrigada.

Um especial agradecimento ao Professor José Manuel Soares pelas inquietações suscitadas e pelo apoio incondicionável ao longo do processo.

A todos os colegas que me acompanharam das noites na Torre H entre folhas de processo, até aos minutos de inquietação antes do computador se desligar pela miléssima vez na Torre G.

A quem fez do Porto casa: Luís, Laura, Jonas e Pilar.

E aos que da minha casa fizeram casa do povo, Pipa, Freitas, David, Ju e Natacha.

Obrigada ao Presidente da Junta de Freguesia da Ribeirinha, Marco Furtado, pelo apoio incansável.

À minha Família pelo apoio incondicional. Ao meu irmão Zé e à Ana pela companhia nas viagens incontáveis à Fábrica da Chicória, à Ribeirinha e à Ribeira Grande. Aos meus Pais e ao Cláudio pela presença e compreensão.

Resumo

Como arquitectos, muitas vezes “desenhamos” sobre telas em branco. A tela tem um tamanho pré-indicado de intervenção e influencia o traço que a cobrirá, consoante o seu material; mas está em branco.

Contudo, tal como um artista sente dificuldade em pintar sobre um quadro já riscado, um arquitecto sente, o mesmo, ao intervir em pré-existências.

Este trabalho nasce desta inquietação. No sentido de se alertar para o abandono recorrente de edíficios, neste caso, de carácter industrial, no concelho da Ribeira Grande. Recorre-se à constante dúvida sobre o papel do arquitecto numa intervenção do género, até onde vão os seus limites?

Usa-se o caso da Fábrica da Chicória como ponto fulcral da discussão. Faz-se a análise com base em diferentes escalas: ilha, concelho, freguesia e Fábrica. De modo, a haver uma compreensão total do lugar onde se insere a obra em estudo.

A partir da análise e compreensão da circunstância, nas suas diferentes escalas, há um registo do aspecto actual do edificado e uma maior compreensão das suas antigas funções. Paralelamente, compreende-se o contexto social em que se insere a Fábrica e a forma como as pessoas da Ribeirinha têm vindo a vivenciar o espaço público que a freguesia oferece.

O resulta final surge em forma de processo projectual, numa procura das respostas às dúvidas anteriormente suscitadas na análise da envolvente e do lote da fábrica.

Abstract

As architects we constantly draw over white canvas. The canvas already has a pre-established size, and their material has an effect on the finished product. But they are white, anyways.

As an artist has trouble paiting over a finished paiting, an architect feels the same designing a project for an existing building.

This study is born from that concern. Aiming awareness to the neglected buildings, in this case industrial ones, in Ribeira Grande, São Miguel. We try to question the role of the architect in this cases, where are the limits?

The Chicory Factory is the main study case. An analysis is made based on different scales: island, county, parish and factory. In a way that a total site compreension is made.

From the circumstance, in its many scales, there is a anotation of the actual state of the Factory and a understading on its old functions.

At the same time, social environment and the way residents live takes an important role on the study.

The final product is a design process, that tries to answer some of the questions who started the thesis, and some that apperead along the way.



Fig 1. Imagem característica das ruas micaelenses

Motivação

"É preciso sair da ilha para ver a ilha."[1]

O isolamento sempre foi um factor fundamental do ser ilhéu. Recordo-me do luxo que era usar o avião para sair da ilha. O luxo que era poder sair da ilha e depois voltar, porque antes os que partiam, partiam para nunca mais voltar, à deriva por uma vida melhor. A "minha ilha" desenha-se pelo contraste entre a sua beleza e pobreza. A beleza das paisagens verdes emolduradas pelo azul do mar e o cinzento inconstante do céu, e a pobreza aliada da "dor" feliz do isolamento. Lembro-me da constante humidade que invadia as paredes da casa da minha avó, recordo-me de todos considerarem o edifício antigo mau: "é para deitar abaixo", repetiam vezes sem conta.

É viva a memória da casa colada à minha que hoje é dada como "morta", abandonada pelos seus donos por falta de meios. Tornou-se hoje no habitat de espécies vegetais que espreitam por cada abertura, onde antes, via as minhas vizinhas debruçadas em conversas de rua com a minha avó.

Ao percorrer as ruas da Ribeira Grande, edifício sim, edifício não, há uma "espécie" morta que as pessoas com o passar do tempo, admitem como mais uma das normalidades da vida. Procuro alertar a comunidade regional e as entidades competentes que podemos aprender com as específicidades da nossa identidade açoriana. E que existem benefícios em "reanimar" os espaços "mortos", pela incessante busca da novidade por parte da actual sociedade.

1 José Saramago, *O conto da ilha desconhecida*

ÍNDICE

CIRCUNSTÂNCIA DO LUGAR I

Condição insular: a ilha de São Miguel

1.1 CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA 19

1.2 OCUPAÇÃO HUMANA NA ILHA 25

1.3 APROVEITAMENTO DA TERRA: CARÁCTER RURAL DA SOCIEDADE 31

FORMA E CIRCUNSTÂNCIA DO LUGAR II

A excepção a norte: da Rua Direita ao Porto de Stª Iria 43

2.1 PONTOS DE LIGAÇÃO 45

2.1.1 *Chegada à Ribeirinha* 45
2.1.2 *Circulação viária* 45
2.1.3 *Circulação pedonal* 47

2.2 PONTOS DE ENCONTRO 49

2.2.1 *Adro da Igreja* 49
2.2.2 *Largo da Cruz* 51

2.3. EXPECTACTIVAS 53

2.3.1 *Entre planos e realizações* 53
2.3.2 *Zonas circundantes da fábrica* 57
2.3.3. Possibilidades de crescimento urbano 59

Registo

O ESPAÇO (INDUSTRIAL) ABANDONADO

Fábrica da Chicória

3.1 SOBRE INTERVIR 65

3.1.1 *Estado actual do edificado* 69
3.1.2 *Limites da parcela* 81

Rua do Jogo 81
Frente Ribeirinha 87

3.2 VALORIZAÇÃO DA MEMÓRIA

3.2.1 *A rua como espaço de convívio* 99

Transformação

HIPÓTESES DE INTERVENÇÃO

4.1 EXEMPLOS NA COSTA NORTE 109
4.1.1. *Fábrica do Alcóol* 111
4.1.2. *Fábrica do Tabaco* 117
4.1.3. *Fábrica da Gorreana* 123
4.1.4. *Fábrica do linho* 127
4.1.5. *Considerações finais* 131

4.2 QUESTÕES DE PROJECTO

4.2.1. *Ligações* 135
4.2.2. *Programa* 141
4.2.3. *Possibilidades de Projecto* 147

CONSIDERAÇÕES FINAIS 164

Bibliografia 163
Crédito de imagens 166

INTRODUÇÃO

"Eu disse-lhes que por razões ambientais, o melhor seria deixar de construir. E como isso é irrealista, a melhor decisão seria aprender como renovar o mundo com o que já existe."[2]

O trabalho procura registar e reflectir sobre o abandono actual de espaços de carácter industrial no contexto insular. Destaca-se a zona norte da costa de São Miguel, nomeadamente a cidade da Ribeira Grande. Onde se implantaram várias das unidades fabris existentes em São Miguel, entre o séc. XIX e XX.

Ao longo da última década, projectos como Guimarães 2012 e LX Factory levaram o público comum a revisitar os grandes pólos da indústria portuguesa, havendo uma consciencialização do abandono, e consequente necessidade de reutilização dos mesmos. No entanto, em localidades onde estes espaços, quer por especificidades geográficas, quer demográficas, revelam proporções menores, o problema persiste esquecido.

Assim, propõe-se uma revisão ao panorama actual do património imóvel nos Açores, dedicado ao norte da ilha de São Miguel e aos espaços, que outrora, serviram a produção industrial. Têm-se como principal caso de estudo a Fábrica da Chicória, situada na Ribeirinha, uma das freguesias do Concelho da Ribeira Grande.

O ponto de partida do trabalho é a análise do contexto da Fábrica da Chicória em termos geográficos, culturais e sociais.

Nesta pesquisa, torna-se necessário mencionar a relação de dependência entre indústria, espaço, paisagem e território. Nesse sentido, pretende-se, numa primeira fase, compreender os pontos de chegada à Fábrica e a sua relação com as infraestruturas urbanas existentes. Tal como, que intervenções surgiram, num passado recente, na sua envolvente próxima.

Pretende-se compreender o espaço a intervir nas suas várias vertentes, de modo a apreender as suas qualidades e características. Proporciona-se o desenvolvimento

2 HENKET, Hubert-Jan in *Docomomo : reuse, renovation and restoration* / ed. Ana Tostões, Zara Ferreira. - Barcelona : Docomomo international, 2014. - 97 p. : il. ; 30 cm. - International committee for documentation and conservation,Journ al 52,2015, pág. 12

de um pensamento crítico sobre a situação actual e dos vários problemas associados, numa resposta própria e individual de projecto.

No entanto, não se procura que a solução final seja o ponto central da discussão, mas sim as inúmeras possibilidades do mesmo e as pertinências de cada um, tal como os problemas. Associando, as diferentes propostas a respostas que já foram dadas ao mesmo problema, no contexto real.

É importante mencionar propostas que foram desenvolvidas a nível regional, como a renovação da antiga Fábrica do Álcool e a antiga Fábrica do Tabaco na Maia, por exemplo.

Propõe-se a ideia do espaço inactivo e do espaço activo, num olhar sob a reabilitação, que se encara como a reactivação de um espaço "morto". Encara-se a sua reutilização possível através de uma intervenção que considere os pontos fundamentais da peça: a história, o contexto, a comunidade, a materialidade e o estado actual da obra.

Assume-se que ao intervir num edifício pré-existente é necessário compreender que este irá fazer a ponte entre dois momentos distintos: a memória do que já foi e a necessidade do presente.

Após uma primeira fase de entendimento do objecto de estudo num contexto geral, é necessária uma aproximação ao mesmo. Realizando-se um levantamento métrico e fotográfico, essenciais para uma compreensão aprofundada das suas proporções e materialidades. Haverá um enfâse nas várias partes da unidade, tendo em conta que se trata de uma unidade fabril composta por diferentes edifícios, de diferentes tipologias específicas da produção industrial.

Paralelamente, será constante a presença de momentos de processo projectual, de entendimento pessoal, através de desenhos à mão levantada.

FORMA E CIRCUNSTÂNCIA DO LUGAR I

"Porque o ambiente açoriano tem sido, desde há quinhentos anos, aquilo que é hoje – nas características do seu clima, no festivo da sua paisagem e na força e na generosidade do seu mar – (...)"[3]

3. DA COSTA, Francisco Carreiro - *Esboço histórico dos Açores*; Ponta Delgada – Instituto Universitário dos Açores – 1978; pág.7



Fig.2 Imagem raster do Arquipélago dos Açores.

CONDIÇÃO INSULAR - ILHA DE SÃO MIGUEL

1.1. CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA

É fundamental, antes de tudo, compreender o lugar que se estuda: "Nenhum sítio é deserto."[4] A cidade da Ribeira Grande localiza-se na Ilha de São Miguel (com 746 km^2), a maior ilha do arquipélago dos Açores.

O arquipélago é constituído por nove ilhas: no grupo oriental, Santa Maria e São Miguel, no central a Terceira, Graciosa, São Jorge, Faial e Pico, e no ocidental Flores e Corvo (a mais pequena, com cerca de 17 km^2)[5].

Situado no Oceano Atlântico, a 1430 km do Continente Europeu e a 3900 km da América do Norte, é o ponto mais Ocidental da Europa[6] localizado num planalto submarino com profundidade média de 1500 metros em plena Cordilheira Central do Atlântico. Por estar numa zona onde as placas tectónicas euro-asiática, americana e africana se intersectam, o arquipélago é alvo de uma intensa actividade sísmica e vulcânica.

Localizado sob as altas pressões - anticiclone dos Açores- que influenciam a criação dos ventos gerais que se fazem sentir nas ilhas, o arquipélago manifesta um clima marítimo temperado, com grande pluviosidade e elevados teores de humidade. Raul Brandão, aquando da sua viagem aos Açores em 1924, descreve na plenitude o clima que se faz sentir e a sua grande influência no povo Açoriano:

"Isto cresce diante dos meus olhos numa atmosfera quente e numa luz tão verde que chega a dominar o cinzento." [8]

4. SIZA VIEIRA, Álvaro - *01 textos*. Porto : Civilização, 2009; pág.27

5. in http://www.azores.gov.pt

6. "O ponto mais Ocidental da Europa é um ilhéu nas Flores, e não o Cabo da Roca, em Lisboa." SÁ COUTO, Manuel in lusofonias.net, 2013

7. BRITO, Raquel Soeiro de - *A ilha de São Miguel : estudo geográfico*. Lisboa : Instituto de Alta Cultura, 1955; pág.14/15

8. BRANDÃO, Raul - *As Ilhas Desconhecidas – Notas e Paisagens*. Lisboa, 2011; pág.22

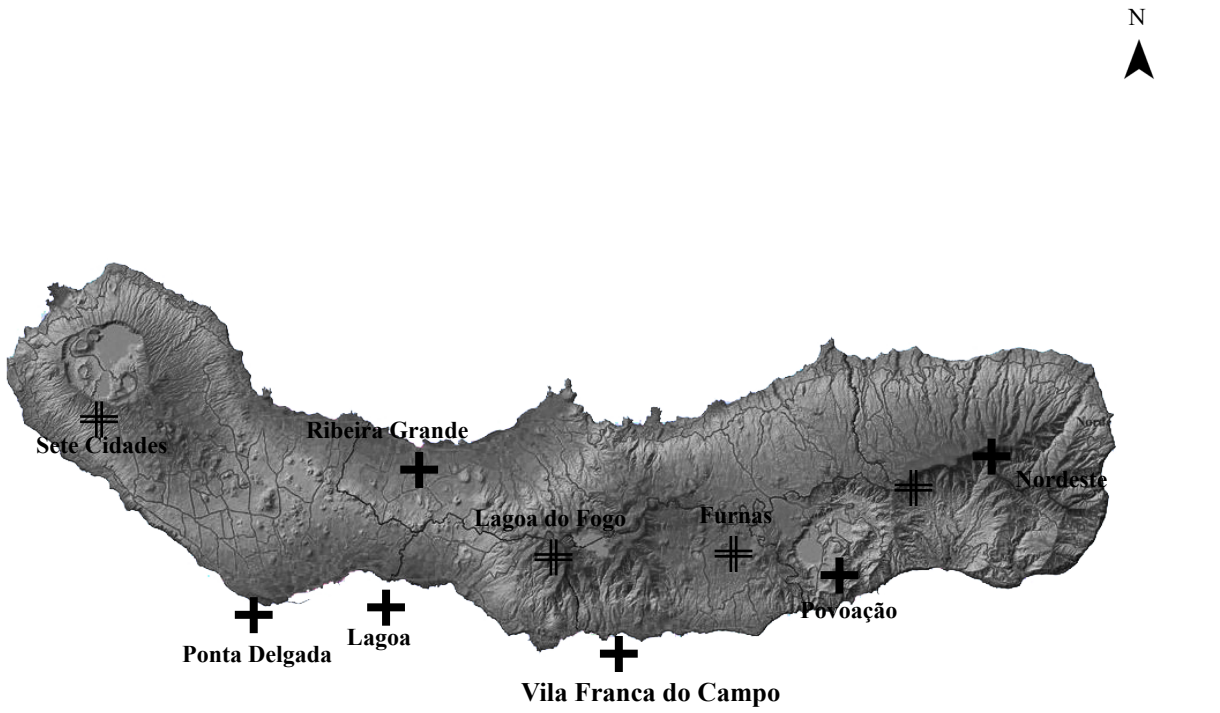


Fig.3 Imagem satélite da ilha de São Miguel; Escala 1:500 000

Raul Brandão faz referência à constante humidade que se faz sentir nas ilhas ("atmosfera quente"), a qual influencia a contínua queda de chuva e desenha o interminável nevoeiro que ocupa os céus das ilhas ("o cinzento"). Este clima toma particular dimensão nas ilhas de São Miguel e Santa Maria. Especialmente em São Miguel, a ilha mais húmida e quente, e que consequentemente possui uma vegetação ("luz tão verde") quase tropical.[9]

A ilha de São Miguel destaca-se como a de maior dimensão do arquipélago, o que consequentemente leva a que seja a mais povoada.[10]

Segundo Raquel Brito, em *A ilha de São Miguel: estudo geográfico*, a ilha desenha-se, de uma forma geral, por duas áreas montanhosas de tamanho diferente ligadas por uma plataforma baixa constituída por pequenos cones vulcânicos: a zona oriental formada por três maciços eruptivos[11] -Fogo, Furnas e Povoação - e zona ocidental formada pelo maciço das Sete Cidades.

É esta herança vulcânica que caracteriza a paisagem da ilha e influencia os diferentes agregados urbanos que se espalham pela mesma. Desta forma, existe em São Miguel uma complexidade que se revela quer pela presença das várias Lagoas (antigas crateras vulcânicas abatidas), quer pelos diferentes relevos do interior e morfologias da costa que vão desde as praias de areia preta, até aos "calhaus" e "grotas" da zona norte.

A área ocidental é influenciada pelo maciço das Sete Cidades. Aqui destaca-se a freguesia das Sete Cidades localizada junto à Lagoa das Sete Cidades; a norte a Bretanha; e a sul a Candelária, Ginetes e Feteiras; a noroeste desenvolve-se a particular freguesia dos Mosteiros que assenta junto ao mar numa plataforma baixa.

9. FERNADES, José Manuel - *Cidades e casas da Macaronésia : evolução do território e da arquitectura doméstica nas ilhas atlânticas sob influência portuguesa, quadro histórico do séc. XV ao séc. XVIII*. Porto : Faup Publicações, 1996; pág. 55

10. Segundo os Censos de 2011 realizados pelo Serviço Regional de Estatística dos Açores actualmente em São Miguel residem 137.699 pessoas in https://srea.azores.gov.pt/conteudos/Relatorios

11 . "São todas ilhas vulcânicas, que emergem da crista central do Atlântico e de um prolongamento dela, em forma de língua, que se desenvolve para leste. Esta área de médias profundidades está acidentada por uma série de cadeias vulcânicas grosseiramente paralelas: os pontos mais elevados emergem formando as ilhas; o conjunto, devido certamente à ejecção de produtos eruptivos ao longo de grandes fendas, forma um relevo semelhante ao de algumas áreas vulcânicas dos continentes, essencialmente da topografia monótona das grandes profundidades que por ambos os lados o limitam." BRITO, Raquel Soeiro, Op.cit.; pág.16

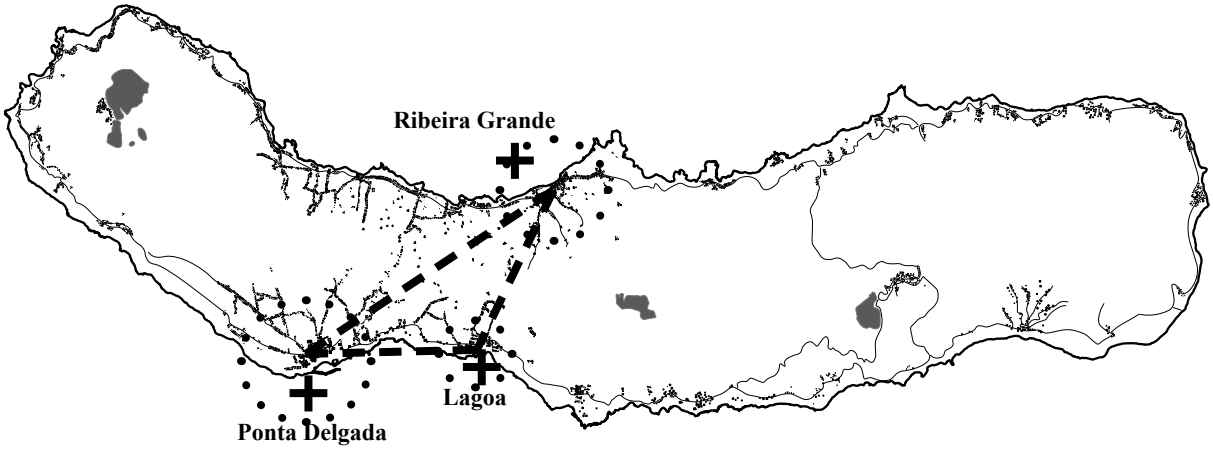


Fig.4 Triângulo central da ilha de São Miguel; Escala 1:500 000

A parte oriental possui o relevo mais acidentado e, consequentemente, torna-se a menos povoada. Raul Brandão descreve: *"Da Povoação para nordeste toda a terra é revolvida, vales profundos, ravinas admiráveis e situações imprevistas que lembram uma pequena Suíça perdida no mar."* [12]

No entanto, é a zona da ilha onde existem as maiores florestas como a Serra da Tronqueira e o maciço das Furnas. Devido às suas alturas (por exemplo, o Pico da Vara com 1103m) é a área de São Miguel onde há maior dificuldade na relação com o mar. Desta forma, os poucos aglomerados urbanos existentes surgem de condições naturais propícias como a antiga caldeira onde assenta a vila da Povoação e as suas lombas, ou o vale das Furnas (na cratera do antigo vulcão).

Por fim, na área central da ilha situam-se as principais cidades: Ponta Delgada, Ribeira Grande e Lagoa. Neste sector os terrenos são menos acidentados e a relação com o mar é facilitada pelas costas de baixa altitude. Desta forma, existe na área em questão uma maior ocupação humana. Por se tratar da zona mais estreita de São Miguel, há também uma maior facildade de ligação entre a costa sul e a costa norte.

12. BRANDÃO, Raul, Op.cit; pág.148



Fig.5 Imagem aérea da vila da Povoação.

1.2. OCUPAÇÃO HUMANA NA ILHA

"Chegando aqui à ilha os novos descobridores, tomaram terra no lugar onde agora se chama a Povoação Velha, pela que ali fizeram depois, como adiante contarei: e desembarcando entre duas frescas ribeiras de claras, doces e frias águas, entr e rochas e terras altas, todas cobertas de alto e espesso arvoredo de cedros, louros, ginjas e faias, e outras diversas árvores, deram todos, com muito contentamento e festa, graças a Deus, não as que por tão alta mercê se lhe deviam".[13]

Não existem certezas em relação à data concreta da descoberta da ilha de São Miguel. No entanto, sabe-se que em 1439 D.Afonso V redige uma carta régia[14] onde faz referência à libertação de animais nas ilhas dos Açores. Desta forma, considera-se que a ilha foi descoberta no século XV.

Através das descrições de Gaspar Fructuoso, sabe-se que a fixação na ilha teve começo na zona da actual vila da Povoação. A principal preocupação dos povoadores iniciais, que tem reflexo nos principais aglomerados urbanos de hoje, era a implantação numa enseada ou angra, pois a criação de um porto era fundamental.[15]

No contexto das "ilhas", podem distinguir-se três fases distintas de povoamento: uma primeira fase onde a principal preocupação foi a criação de portos e uma rápida fixação (séc.XV); uma segunda em que se desenvolvem outras zonas da ilha que proporcionem um maior crescimento rural (Ponta Delgada, Ribeira Grande, Lagoa, Vila Franca, séc. XV-XVI); e por fim a consolidação dos maiores agregados urbanos que foram ganhando importância, quer por razões económicas quer sociais ao longo do séc. XVII e XVIII.

13. FRUCTUOSO, Gaspar - Saudades da Terra, Livro IV, vol.1, 1522-1591

14. "Nem as datas de povoamento nem a origem dos povoadores das ilhas açorianas se conhecem com exactidão. Continua a ser uma referência fundamental a carta de D. Afonso V, de 1439, onde se refere que o Infante D. Henrique mandou lançar ovelhas nas sete ilhas dos Açores." CALDAS, João Vieira - coord. in *Arquitectura Popular dos Açores*. Ordem dos Arquitectos, 2000. pág.18

15. "Assim, no século XV, uma primeira fase de ocupação esteve subordinada às necessidades de aportagem e de fixação imediata, junto ao litoral, escolhendo-se as pequenas enseadas naturais que permitissem uma fácil acostagem das pequenas embarcações utilizadas (…)" FERNADES, José Manuel, Op.cit.; pág. 84

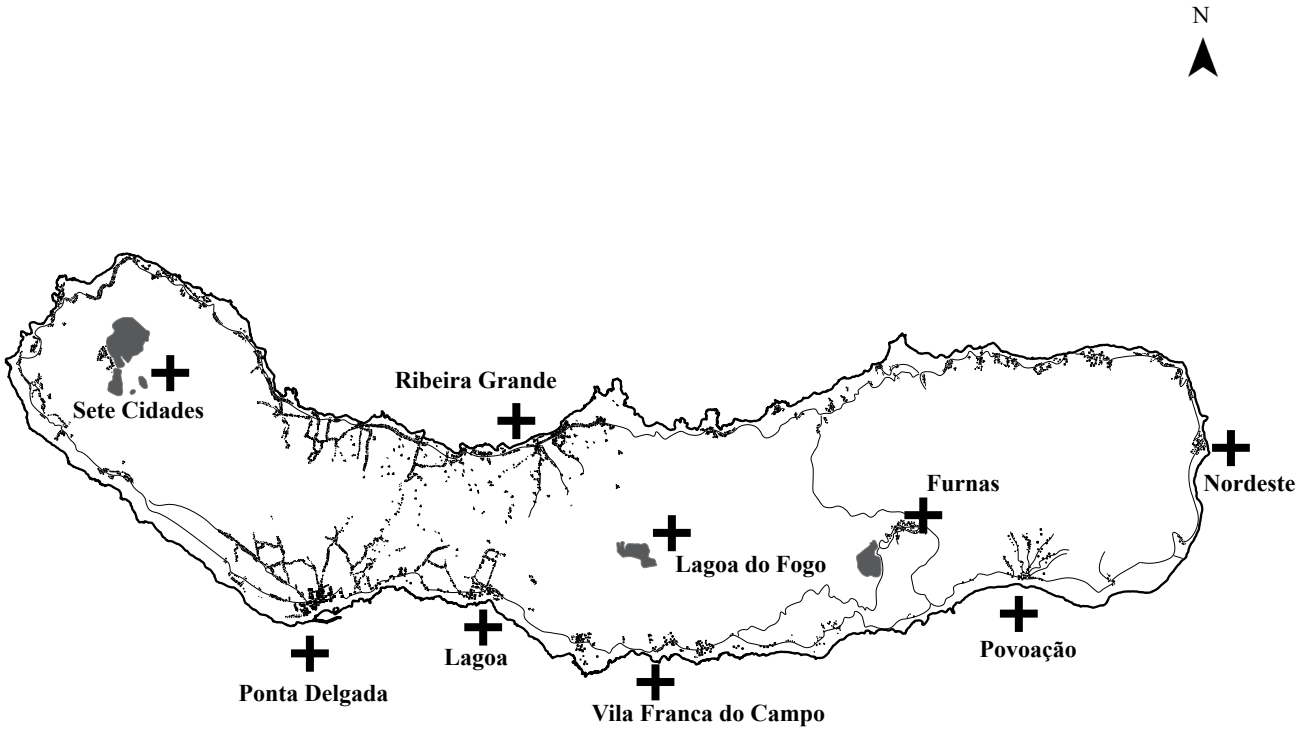


Fig.6 Mapa da densidade urbana da ilha de São Miguel; Escala 1:500 000

Nota-se que em São Miguel o maior desenvolvimento ocorre junto do litoral formando uma espécie de cordão que circunda toda a ilha (fig.6). Esta ocupação revela as principais preocupações aquando do povoamento: o mar, a instabilidade das condições climáticas e terrestes (actividade vulcânica). Observa-se, então, uma implantação "intermédia" onde se procura um afastamento simultâneo dos perigos do instável Oceano Atlântico e da montanha interior associada aos riscos vulcânicos das ilhas. Como menciona José Manuel Fernandes: *"Esse povoamento linear, embora com inúmeros contactos pontuais com o mar, localiza-se um pouco afastado da costa, e a sua orientação é com frequência de "costas viradas" ao oceano, antes "virada para dentro", olhando a terra, de cujo amanho dependem."* [16]

A implantação dos aglomerados urbanos é maioritariamente do modelo linear[17] , ou seja, toda a povoação é organizada em torno de uma rua principal, popularmente conhecida como "rua direita", cruzada pontualmente com pequenas travessas. Normalmente a rua é compreendida entre um largo de funções religiosas e um largo de funções civil-administrativas[18].

Hoje em dia, ainda é possível ler-se a importância da dita "rua direita" na cidade embora absorvida ou integrada pelas alterações urbanas mais recentes.

É importante referir que embora a maioria das povoações surja paralelamente ao mar, em São Miguel consequente da sua dimensão há fixações humanas interiores do território (mais tardias)[19], por exemplo o caso das Furnas.

Como já se mencionou, a regra geral do povoamento desenvolveu-se em torno do desenho de uma rua principal ladeada por casas (modelo linear), no entanto, existem variações influenciadas pelo terreno de implantação.

16. FERNADES, José Manuel, Op.cit.; pág.137

17. Ibid., pág.137

18. BRITO, Raquel Soeiro de, Op.cit; pág.24

19. "Pela segunda metade do século XVI, já todos os lugares principais actualmente habitados estavam definidos (excepto as Furnas), embora ainda com reduzido número de moradores, conforme nos provam as cartografias da época e o testemunho de Gaspar Fructuoso, que indicava cerca de 20 000 habitantes para São Miguel." CALDAS, João Vieira, Op.cit.; pág.88



Fig.7 Imagem aérea dos Arrifes, zona Sul da ilha de São Miguel.



Fig.8 Imagem aérea da Ribeirinha, local do objecto de estudo.

Por exemplo, na Ribeirinha (terreno ligeiramente plano - fig.8) há uma gradual concentração no centro com várias ramificações pouco densas. Ao contrário, da freguesia dos Arrifes que é constituída por uma rua que se estende ao longo de cerca de cinco quilómetros.

Este desenho surge pela necessidade de associação de terrenos de grande dimensão às casas, juntamente com construções necessárias às actividades domésticas e agrícolas.

Na recolha de informação para a compilação da Arquitectura Popular dos Açores, em 2000, concluiu-se que a base do povoamento açoriano incluia, além da moradia, um terreno associado para cultivo próprio, palheiro, abrigo para o carro de bois, um sequeiro de cereais, uma pocilga ou cisterna, à qual deu-se o nome de agregado rural.[20]

Há, no povoamento dos Açores, um distanciamento da ideia de aldeia vinda do Continente, o desenho das casas ao longo dos caminhos impede um reconhecimento claro dos limites das povoações – no vocabulário Açoriano a designação de aldeia não é utilizada.

20. CALDAS, João Vieira, Op.cit; pág.23



Fig.9 Domingos Rebêlo, Sem título. Óleo sobre platex, 1934



Fig.10 Domingos Rebêlo, Paisagem micaelense com vacas e fardos de palha. Óleo sobre platex, 1932

1.3. APROVEITAMENTO DA TERRA: CARACTÉR RURAL DA SOCIEDADE

"Entro no quintal de um amigo. Gostei sempre de me perder nas quintas e nos jardins entre quadros rústicos de lavoura."[21]

Parte fundamental da vida de um micaelense ou de qualquer Açoriano, é a terra que o circunda, pois dela depende a sua subsistência. A própria implantação dos povoamentos, como já se analisou, indica uma maior tendência para o "amanho" da terra em deterimento da actividade piscatória.[22]

A paisagem de São Miguel é hoje desenhada pelos campos de cultivo e pastagem que se espalham pela mesma. Desde o seu povoamento que as "terras insulares" funcionaram como receptores de várias espécies de cultivo devido aos seus terrenos fertéis e abundantes em água.

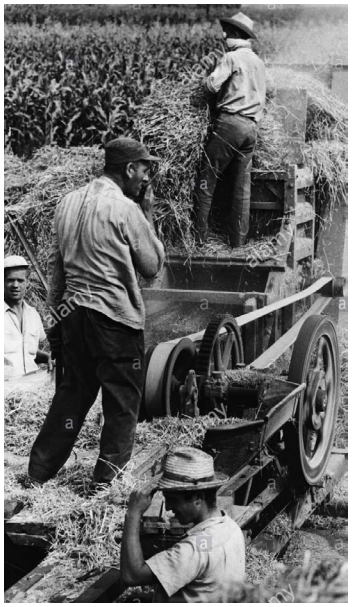
Ao longo dos anos fizeram-se sentir diferentes ciclos de culturas na terra micaelense directamente influenciados pela procura externa da Europa e América do Norte. Com as várias influências estrangeiras a serem pontos-chave nestes momentos e a contribuírem, também, para o desenvolvimento de distintas explorações industriais que marcaram a sociedade micaelense e a paisagem, na altura virgem, da ilha.

No século XV, aquando dos primeiros povoamentos, o trigo e a cana-do-açucar destacam-se como as principais culturas. Posteriormente, por influências flamengas começou-se a produção de pastel que dura até ao século XVII.[23]

21. BRANDÃO, Raul, Op.cit.; pág. 22

22. "Apesar da presença do mar e da forte pressão demográfica, a actividade das populações é predominantemente rural: o amanho da terra e os cuidados como gado. A pesca pratica-se em larga escala apenas em poucos portos e não em todas as ilhas;" BRITO, Raquel Soeiro de, Op.cit.; pág.25

23."No século XV dominam sobretudo a cana-do-açucar e o trigo. Já no seguinte é o pastel, grande novidade para exportação, que substitui a cana. Mas o pastel entra por sua vez em decadência no século XVII, (…)" CALDAS, João Vieira, Op.cit.; pág.108



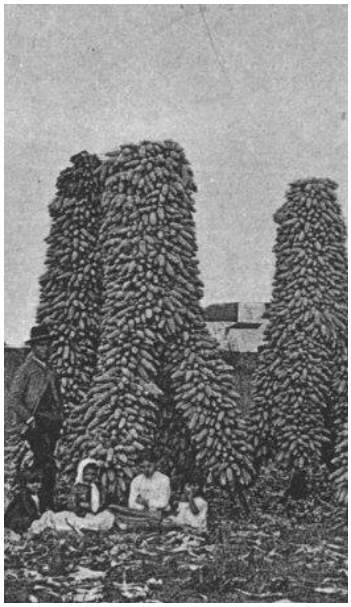


Fig.11 e 12 Representação do debulhar do trigo (esquerda)
e construção das cafuas-método de conserva do milho (direita)



Fig.13 Fábrica da SINAGA nos anos 50.

No entanto, estas primeiras culturas acabam por se perder na cultura micaelense e ganha destaque o milho, vindo da América do Norte, que se torna na base da alimentação enquanto o trigo é apenas utilizado para venda exterior.

Raquel Brito menciona: *"Em todo o arquipélago a cultura dominante é a do milho, que forma a base da alimentação; o trigo, outrora o mais importante cereal das ilhas, é hoje subsidiário: não só a sua extensão é menor, como foi substituído na alimentação rural pelo milho, sendo o trigo vendido para "fazer dinheiro"*.[24]

Posteriormente, dá-se o ciclo da Laranja (influenciado pelas exportações inglesas): *"O chamado ciclo da laranja, que conhecerá o seu auge na primeira metade do século XIX, principia verdadeiramente no inicio do século XVIII."*[25] No entanto, devido a uma praga que se alastra nos Açores a cultura entra em decadência. É nesta altura que outros cultivos ganham importância como o chá, a beterraba, o tabaco, espadana, chicória, amendoim e ananás.[26]

Em São Miguel observa-se um comportamento diferente do restante arquipélago em que estas produções não são feitas apenas para consumo familiar mas sim contribuem para o desenvolvimento de indústrias.

Por exemplo, a cultura da beterraba ainda hoje possui um papel fundamental no rendimento dos agricultores micaelenses. A sua produção depende directamente das necessidades da fábrica SINAGA[27]. De modo, que a produção da beterraba em São Miguel apenas existe para servir a produção industrial da fábrica em questão. [28]

É importante referir que a sociedade micaelense, predominantemente de origem rural, foi influenciada por estes diferentes ciclos de culturas, que sempre foram a maior fonte de rendimento da população. E revelaram-se fundamentais no desenvolvimento de edifícios de caractérer industrial e de armazenamento ao longo da ilha.

24. BRITO, Raquel Soeiro de, Op.cit.; pág.123

25. DA COSTA, Francisco Carreiro - Esboço histórico dos Açores. Ponta Delgada: Instituto Universitário dos Açores, 1978; pág.209

26. "No século XIX, com a crise da laranja, aparecem o chá, o tabaco e, sobretudo, o ananás, impondo-se o milho como nova base da alimentação." CALDAS, João Vieira, Op.cit.; pág.108

27. Sigla para Sociedade de Indústrias Agrícolas Açoreanas

28. In http://www.sinaga.pt/index.php?page=historial

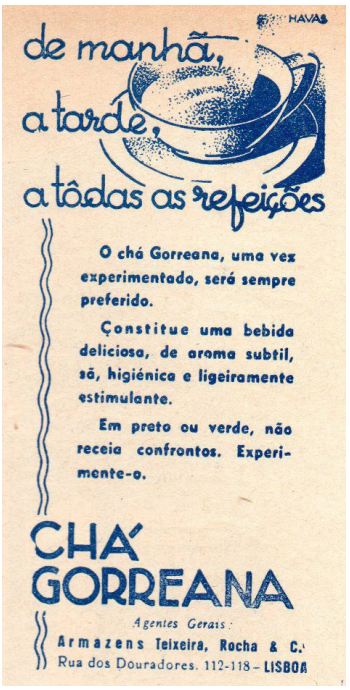




Fig.14 e 15 Publicidade da Fábrica da Gorreana e da Fábrica do Chá da Barrosa, ambas as fábricas situadas na zona norte da ilha de São Miguel.



Fig.16 Fotografia da Fábrica de "chá Canto", sita na encosta norte da Lagoa do Fogo (também zona norte da ilha).

Em 1843, a Sociedade Promotora da Agricultura Micaelense (SPAM) é fundada.[29] Esta entidade tem como o seu grande impulsionador José do Canto, grande proprietário, lavrador e bibliófilo do século XIX em São Miguel. A SPAM teve um papel fundamental no desenvolvimento da agricultura na ilha, através do desenvolvimento de terras incultas, divulgação de novos métodos científicos e contactos com associações estrangeiras.

Esta surge na altura da "crise da laranja", patrocinada pelos principais proprietários da cultura em extinção, como instrumento de procura de novas soluções para a agricultura insular. É através da criação do periódico mensal: *"O Agricultor Micaelense"* que os conhecimentos são divulgados. Contundo, há a problematização da maioria dos agricultores e lavradores serem analfabetos, acabando, este periódico por ser apenas lido pelas elites. [30]

Na zona da Ribeira Grande, norte da ilha, houve um maior desenvolvimento de várias culturas, nomeadamente o chá, a chicória, a espadana, a beterraba e a batata doce.

O chá aparece em São Miguel em 1878[31] através do interesse da actual Sociedade Promotora da Agricultura Micaelense.

A maior parte da produção do chá é feita na costa norte de São Miguel, segundo Mário Moura: *"Das 35 fábricas de chá conhecidas nos Açores, 21 ficavam na Ribeira Grande. O que equivale a dizer-se que, cerca de 62% das fábricas - pequenas e grandes -, até agora identificadas, localizavam-se na Ribeira Grande. Mais ainda, mais da metade destas 21 fábricas, situavam-se na área do concelho da Ribeira Grande que corresponde à actual área da cidade da Ribeira Grande."*[32]

29. DA COSTA, Francisco Carreiro, Op.cit.; pág. 214

30. in http://www.arquivos.azores.gov.pt/details?id=1014762

31. "O chá – A introdução da cultura e do fabrico datam de 1878; as sementes vieram da China, bem como o material de preparação e dois práticos, para a sua cultura e laboração." BRITO, Raquel Soeiro de, Op.cit.; pág.120

32. In http://historiadosacores.tumblr.com/tagged/Ch%C3%A1-da-Barrosa

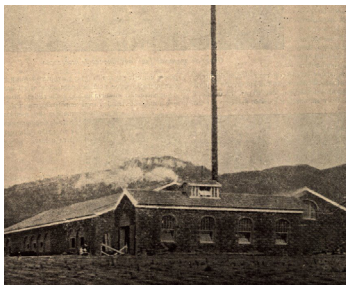



Fig.17 e 18 Fábrica do linho nos anos 90 (esquerda) e Fábrica do Linho hoje (direita).




Fig.19 e 20 Fábrica do Alcóol início séc. XXI (esquerda) e Fábrica do Alcóol após a intervenção em 2014.




Fig.21 e 22 Fábrica do Tabaco antes (esquerda) e após intervenção (direita).

No ano de 1920 é fundada a Fábrica do chá do Porto Formoso, na freguesia do mesmo nome – apenas labora até 1980[33]. Esta última fábrica e a da Gorreana são as únicas cujos edifícios resistem até aos dias de hoje, sendo que a Fábrica de Chá do Porto Formoso foi recuperada e é considerada Património Industrial da Região[34], embora já não esteja em produção. Paralelamente, a Fábrica da Gorreana é a única que ainda produz chá desde a sua abertura em 1883.

Outra cultura que se desenvolveu maioritariamente na zona norte[35] da ilha foi o linho. Segundo Francisco Costa, em Esboço Histórico dos Açores *"as estatísticas conhecidas, do século XIX"* descrevem *"a produção do linho e o aproveitamento deste na tecelagem, revelam-se como actividades marcantes."*[36] É descrito, pelo mesmo autor, que uma das mais importantes fábricas de tecelagem situava-se na Ribeirinha, propriedade do Grupo Bensáude.

Como forma de resolver a "crise da laranja" surgiu a alternativa do cultivo da batata-doce. Este proporcionou a criação de várias fábricas de álcool: na Lagoa (1882); em Ponta Delgada (1884); e por fim na Ribeira Grande (1894). Em 1901, na Região dos Açores, eram produzidos dez milhões de litros de álcool por ano, a mesma quantidade que hoje se consome em Portugal.[37]

Por fim, outra cultura que se desenvolveu na costa norte, em concreto na freguesia da Maia, foi a do Tabaco. A Fábrica de Tabacos da Maia, considerada uma das mais antigas da ilha de São Miguel, subsistiu na freguesia entre 1871 e 1988.

Hoje em dia, observa-se na ilha o desaparecimento das terras de cultivo em detrimento das de pastagem. Restam apenas vestígios na paisagem, por exemplo, da cultura da laranja nas compartimentações muradas (as chamadas "quintas") a norte de Ponta Delgada.

33. MOURA, Mário - Onze tempos do chá nos açores, (proposta de esboço) apresentada no XXI Colóquio da Lusofonia, Porto Formoso – São Miguel; Abril 2014

34. http://www.ribeiragrande.pt/geo/fabrica-de-cha-do-porto-formoso/

35. "(…) Fructuoso acrescenta que já no século XVI, só a Ribeira Grande produzia por cerca de 5000 pedras de linho, o que andava por 30 toneladas." DA COSTA, Francisco Carreiro, Op.cit.; pág. 203

36. Ibi.; pág. 204

37. In http://www.sinaga.pt/index.php?page=historial

CIRCUNSTÂNCIA DO LUGAR II

"Quando a história da arte, por exemplo e tal como é geralmente ensinada, nos descreve formas sem as enquadrar na sua circunstância, comete, o a nosso ver, dois erros graves: em primeiro lugar deixa-nos supor que as formas são livres e aparecem um pouco por acaso (a circunstância é tão fundamental para a definição da forma como a água é indispensável para a vida do peixe) e, em segundo lugar, porque não nos fornece elementos para a sua melhor compreensão, dá-nos apenas um conhecimento vago delas e não nos aproxima da sua verdadeira realidade." [38]

38. TÁVORA, Fernando - *Da organização do espaço*. 3ª edição, Porto: Faup Publicações, 1996; pág. 23



Fig.23 Vista da Ribeirinha do Miradouro da Vigia das Baleias

"Já ao longe reluz uma brancura – Ribeira Grande. O panorama alarga-se, mas as nuvens começam a forrar o céu e o cheiro a humidade a entrar-me pelas ventas. Todo este ar lavado e amplo se emborralha.



O calor amolece. Mais um lanço de estrada que sobre, e tenho diante de mim a rica planície da Ribeira Grande, largo quadro de tons variados, desde o loiro do trigo até ao verde escuro do milho."[39]

39. BRANDÃO, Raul; Op.cit.; pág.151

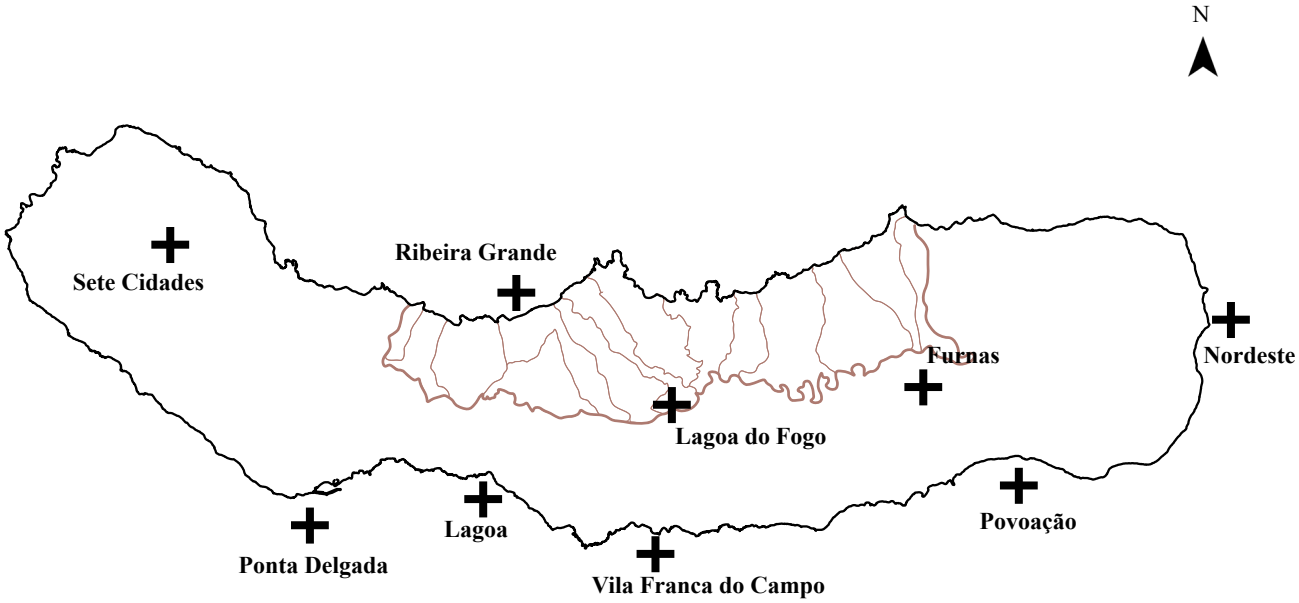


Fig.24 Identificação do Concelho da Ribeira Grande na Ilha de São Miguel; Escala 1:500 000

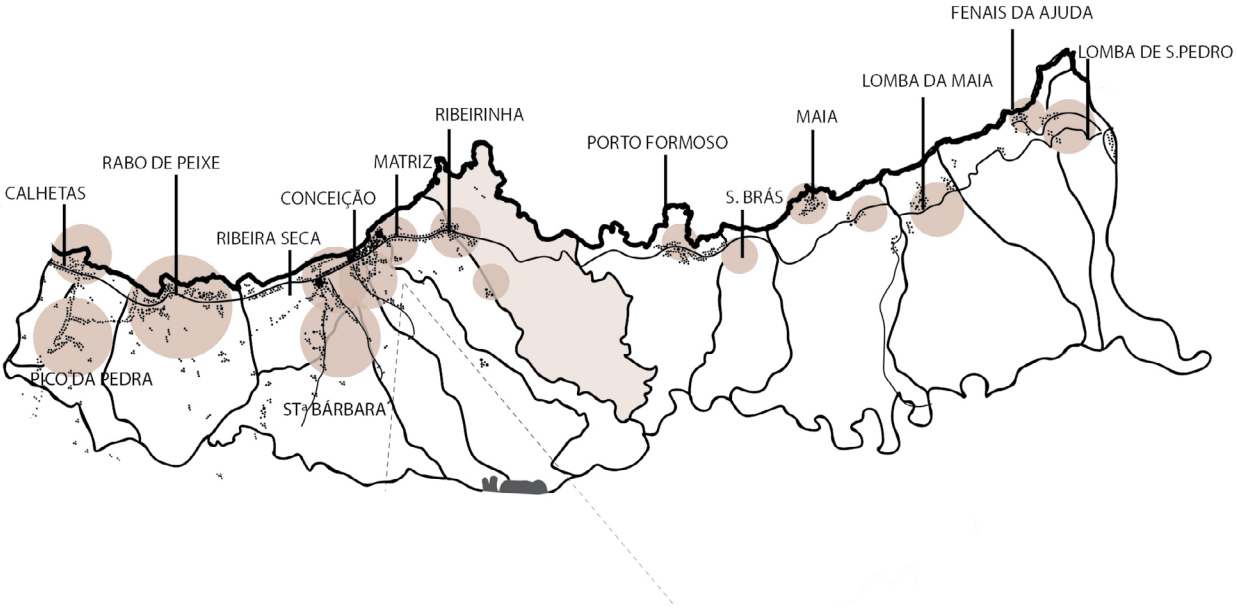


Fig 25. Identificação das várias freguesias que constituem o concelho da Ribeira Grande;

A COSTA NORTE DA ILHA DE SÃO MIGUEL

DA RUA DIREITA AO PORTO DE STª IRIA

No precedente capítulo efectuou-se uma primeira aproximação, ao nível do arquipélago e da Ilha de São Miguel. Agora, numa escala menor, aborda-se o concelho da Ribeira Grande onde se insere a freguesia da Ribeirinha, localidade onde a fábrica está localizada.

Fernando Távora menciona, em *Da Organização do Espaço*, a compreensão da circunstância em que a obra se insere é uma ferramenta fundamental para o arquitecto. Considerou-se essencial, aquando deste momento de reflexão sobre o "espaço morto" e "desactivado" da Fábrica da Chicória, não haver um confinamento aos muros que desenham o lote da fábrica.

> *"Sendo um edifício uma parte de um todo – como pode ser perfeita a parte, se o todo é deficiente?"* [40]

Desta forma, para uma compreensão do tipo de intervenção a ser feito é necessário um estudo prévio dos vários elementos estruturantes para a formulação da Ribeirinha como um espaço urbano.

Situada na costa norte da Ilha de São Miguel, actualmente, a Ribeira Grande é constituída por 14 freguesias, sendo que apenas cinco delas compõem a cidade: Ribeira Seca, Santa Bárbara, Conceição, Matriz e Ribeirinha.

O concelho desenvolve-se ao longo de 179,5 km² ocupando a maioria da costa norte da Ilha de São Miguel, como se pode observar na Fig.24.

A Ribeirinha localiza-se a nascente da Ribeira Grande, e ambas as localidades partilham a especificidade de se implantarem junto de uma ribeira, que é de onde retiram os seus nomes.

40. TÁVORA, Fernando, Op.cit.; pág.54

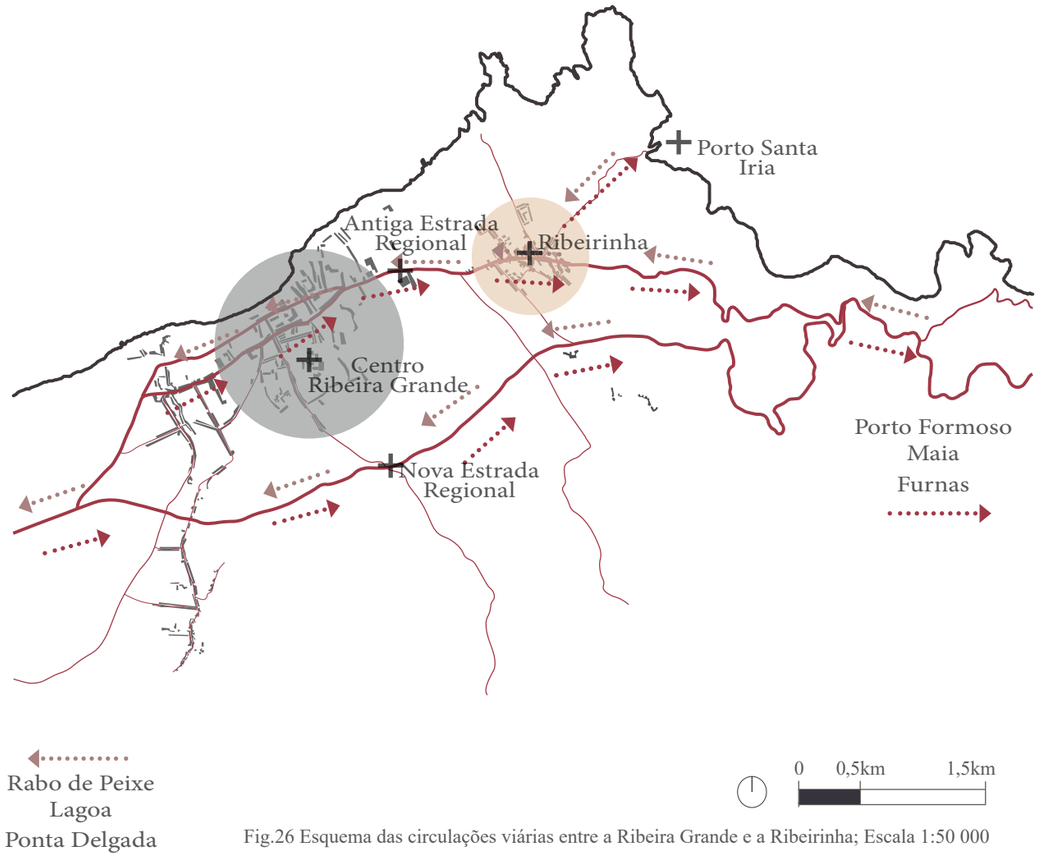


Fig.26 Esquema das circulações viárias entre a Ribeira Grande e a Ribeirinha; Escala 1:50 000

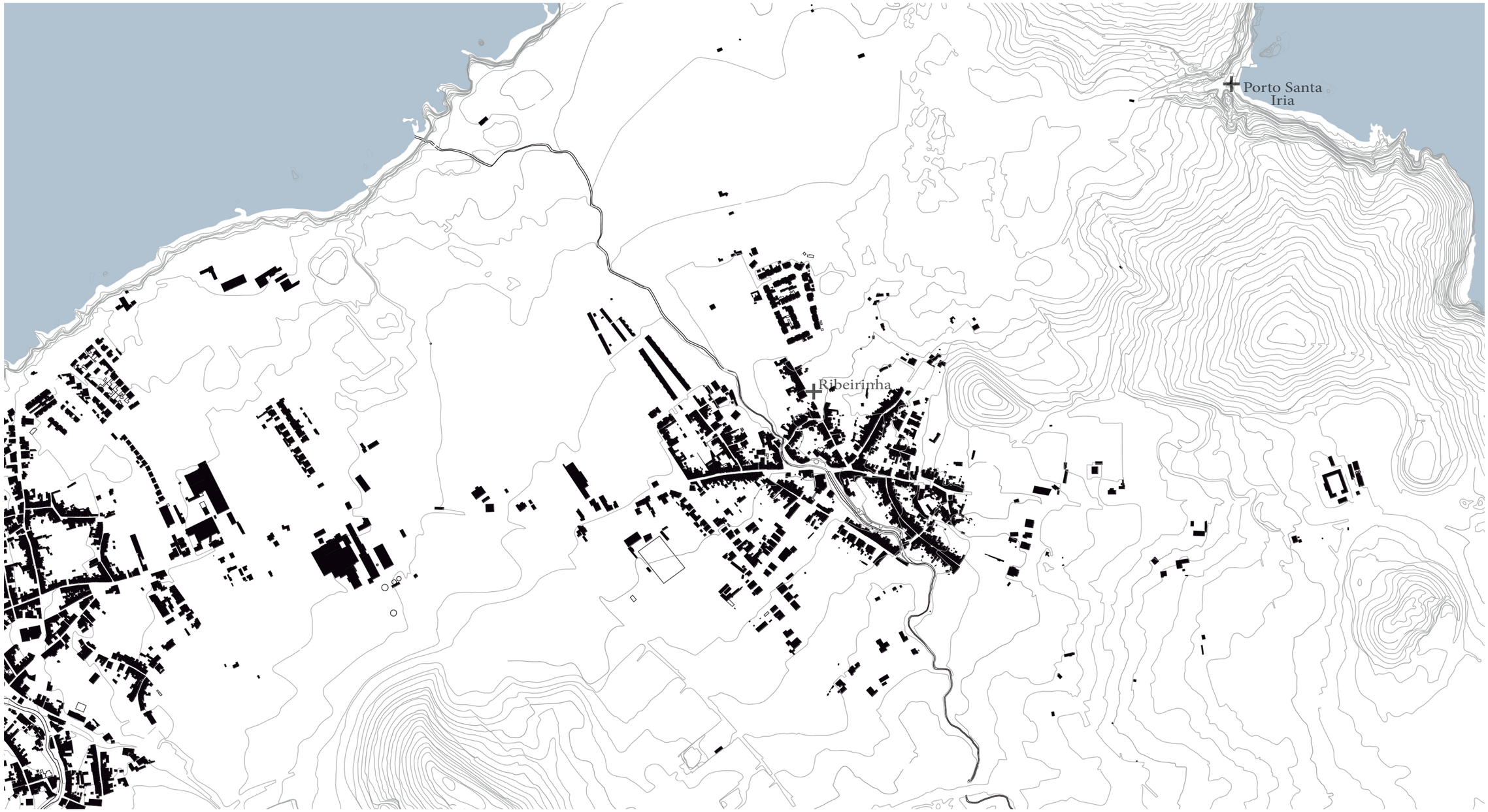


Fig.27 Mapa 1:10000 da Freguesia da Ribeirinha e a sua envolvente próxima.

2.1 PONTOS DE LIGAÇÃO

2.1.1. CHEGADA À RIBEIRINHA

Segundo Álvaro Feijó, o povoamento da freguesia da Ribeirinha surgiu na segunda metade do século XVI, posteriormente "ao núcleo inicial existente em 1506"[41] da Ribeira Grande.

A freguesia surge devido à construção do Porto de Santa Iria. Anteriormente, a maior parte das circulações eram feitas via marítima, uma vez que os caminhos terrestres ofereciam poucas condições. Na Ribeira Grande, cidade principal situada a norte, não havia um porto. Desta forma, os excedentes de produção eram transportados até à Vila da Lagoa, e depois levados até ao porto principal, em Ponta Delgada. Assim, a construção do porto de Santa Iria[42] foi de grande importância para a população do norte da ilha.

A freguesia tem por limites: o mar a norte, a nascente a freguesia do Porto formoso e a poente a Matriz da Ribeira Grande. A sua área abrange cerca de 18,5 km^2.

O seu desenho urbano é feito com base na Rua Direita (constituída pela 1ª parte e pela 2ª parte, divididas pela passagem da Ribeira Velha). O qual, depois, se distribuí radialmente, influenciado sempre pela passagem da ribeira.

Os seus principais arruamentos afirmam-se como a Rua dos Moinhos (1ª parte e 2ª parte); a Rua do Porto (acesso ao Porto de Stª Iria); Rua do Jogo (onde se localiza a Fábrica da Chicória); Rua Afrizada; Rua das Covas e as Avenidas Fulgêncio Ferreira Marques e Joaquim Maria Cabral.

2.1.2. CIRCULAÇÃO VIÁRIA

Como já se viu anteriormente, a rede de vias existente na Ilha de São Miguel desenha-se, normalmente, ao longo da costa onde se encontram a maior parte dos aglomerados urbanos. Com a excepção da zona central, onde há a ligação entre a Ribeira Grande, Ponta Delgada e Lagoa.

41. CALDAS, João Vieira, Op.cit.; pág.97

42. FEIJÓ, Álvaro António Garcia - *Ribeirinha, uma viagem no tempo*. 1ª edição, Ribeira Grande: Câmara Municipal da Ribeira Grande, 2017; pág. 33



Fig.28 Esquema das principais dinâmicas de circulação viária na Ribeirinha; Escala 1:10 000



Fig. 29. Acesso à Ribeirinha através da nova estrada regional



Fig. 30.I Acesso principal à Rua Direita



Fig. 30.II



Fig.31 Estrada regional antiga



Fig.32 Estrada regional nova



Fig. 30.III

Na fig.26 observa-se o desenho da via junto ao litoral, a qual atravessa o centro urbano da Ribeira Grande. Anteriormente, esta era a única forma de ligação entre a Ribeira Grande e o Nordeste da ilha (fig.31).

Devido ao seu uso com fins comerciais e congestionamento com vários serviços, tal como Câmara Municipal, Hospital, Correios, e vários edifícios de carácter religioso tornou-se insustentável ser a única via de circulação.

Desta forma, foi desenhada uma nova Estrada Regional, situada mais a sul do centro da Ribeira Grande, de modo a melhorar as circulações de maior escala (Ribeira Grande - Furnas - Nordeste - Povoação).

É importante notar que o desenho dessa mesma estrada, teve influências no desenvolvimento da Ribeira Grande e da Ribeirinha. Uma vez que, ultimamente as novas construções têm tido lugar no espaço livre entre estes dois pontos de circulção principais.

É através de ambas as estradas que é feito o acesso à freguesia da Ribeirinha, que anteriormente era atravessada, tal como, a Ribeira Grande pela estrada Regional. Assim, existem dois pontos de acesso automóvel na Ribeirinha: a estrada antiga que passa no centro da Ribeira Grande, utilizada especialmente por quem vive diariamente entre os dois locais. Por exemplo quem trabalha no centro da Ribeira Grande e vive na Ribeirinha; e a estrada nova regional usada normalmente por quem se dirige directamente à Ribeirinha. Ambos convergem numa rotunda (fig.30) de onde acedemos à Rua Direita da Ribeirinha ou à Rua dos Cabeceiros.

2.1.3. *CIRCULAÇÃO PEDONAL*

Não existe qualquer tipo incentivo à circulação pedonal ou construções de ciclovias entre as várias localidades da Ribeira Grande. Entre a Ribeirinha e o centro da Ribeira Grande são cerca de 3,5 km. Algumas partes do caminho que liga ambas as localidades podem ser percorridas pedonalmente. Contundo na entrada da estrada regional deixam de haver passeios, é comum ver-se pessoas a andar na berma da estrada. O único projecto que poderia providenciar uma ligação entre ambas pedonalmente, seria o Passeio Atlântico.

Com início no ano de 2004 e hoje na III fase de execução, o projecto do Passeio Atlântico redesenha toda a marginal da cidade da Ribeira Grande, que nunca tinha sido explorada pela instabilidade do mar. No entanto, este projecto desenvolve-se actualmente em direcção ao lado poente da Ribeira Grande, contrário à localização da Ribeirinha, pelo que o desenho do Passeio Atlântico não deverá abranger a freguesia.

"E uma das necessidades colectivas consiste na vivência quotidiana dos resíduos da história que é feita a cidade"[43]



Fig.33 Adro da Igreja da Ribeirinha

43. SIZA VIEIRA, Álvaro, Op.cit.; pág.19



Fig.34 Localização do adro da igreja na freguesia da Ribeirinha; Escala 1:10 000



35.I



35.II



35.III

Fig.35 Fotografias antigas do que é hoje o espaço do Adro da Igreja



36.I



36.II

Fig.36 Fotografias da utilização do espaço durante o Ribeirinha Fest

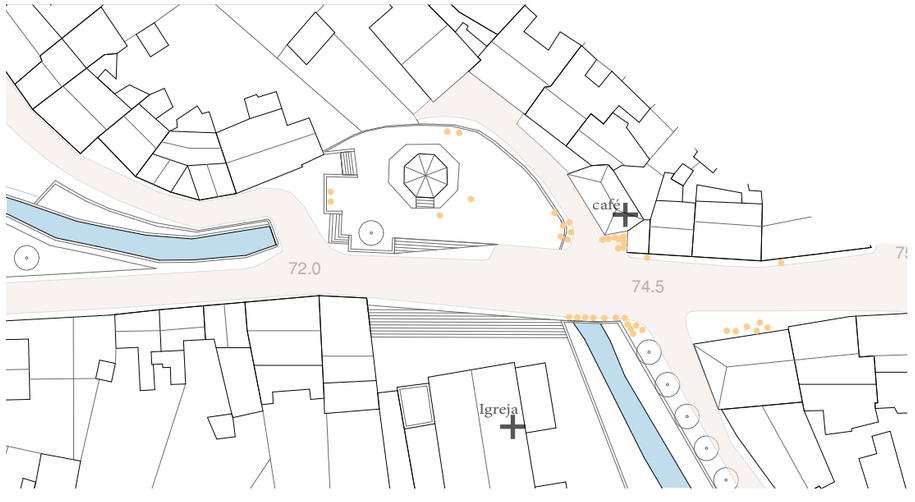


Fig. 37 Adro da Igreja. Escala 1:1000

representaçao da associação informal de pessoas

0 10m 30m



38.I



38.II



38.III



38.IV

Fig.38 Fotografias do Adro da Igreja num dia normal da semana.

2.2 PONTOS DE ENCONTRO

2.2.1. *ADRO DA IGREJA*

O povo açoriano, devido a todos os desastres naturais a que se viu constantemente sujeito, procurou um porto de abrigo: a crença religiosa, maioritariamente de natureza católica. Por isso, em todas as freguesias, vilas e cidades a implatação da igreja e do seu adro é um ponto fulcral no desenho urbano.

O crescimento da zona de estudo desenvolveu-se através da Rua Direita. Onde se situa a Igreja Matriz. Situada numa posição estratégica em relação à Ribeira Velha, a igreja situa-se numa cota superior (76m em relação ao mar) e o acesso é feito através de uma escadaria que se abre para a rua principal. Antes da entrada na igreja existe uma plataforma à mesma cota que atua como "varandim": para a rua e a ribeira.

O adro da igreja divide-se em dois momentos distintos um à cota da entrada, já mencionado, e um numa cota intermédia de cerca de 73m, relacionando-se com a Rua Direita, que na sua extensão entre a Igreja e o Largo da Cruz vai desde os 72 m de cota aos 75.5 m.

Ao comparar as fig.35 I com a fig.38 III, compreende-se que anteriormente o momento de paragem em frente à igreja, numa cota mais baixa, era realizado na própria rua. Sendo que o espaço onde hoje se situa o coreto, trata-se de uma intervenção posterior.

a) *dia-a-dia*

Na cultura micaelense junto ao adro da igreja, normalmente desenvolvem-se estabelecimentos de natureza comercial. Por exemplo, cafés e tabernas. O adro da igreja, no seu quotidiano de espaço público, acaba por ser maioritariamente frequentado por grupos de homens antes e depois do seu trabalho, de variadas faixas etárias. Além disso, é onde as pessoas normalmente se reúnem depois da missa semanal.

b) *eventos*

Um espaço que se toma hoje, segundo o desenho urbano, com uma certa centralidade na freguesia ganha maior afluência apenas em datas especiais, como festas esporádicas, quer sejam as anuais festas de São Salvador do Mundo ("festa da freguesia" de carácter religioso) ou festivais de índole cultural e musical como o Ribeirinha Fest.

"No entanto a âncora é mais do que uma atracção unicamente de carácter utilitário. Por construção é imóvel, e logo, por tradição de uso, torna-se num ponto de encontro por todos aceite."[44]



Fig.39 Largo da Cruz

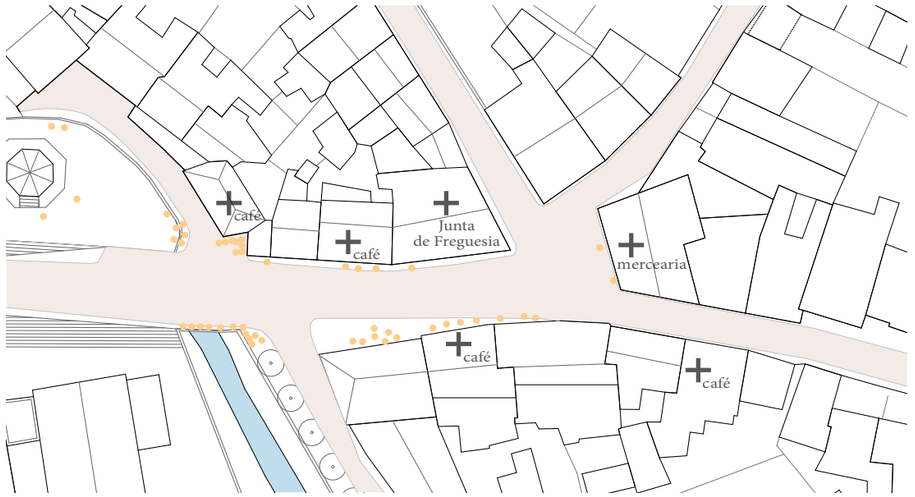
44. Cullen, Gordon - *Paisagem Urbana*. Lisboa : Ed.70, 1984; pág.106



Fig.40 Identificação do Largo da Cruz e ruas adjacentes. Escala 1:10000



Fig.41 Vista para o Largo da Cruz da Rua Direita 1ª parte



2 Fig. 42 LARGO DA CRUZ escala 1:1000

representaçao da associação informal de pessoas

0 10m 30m



Fig.43 Vista para o Largo da Cruz da Rua das Covas



Fig.44 Vista para o Largo da Cruz da Rua do Porto



Fig.45 Descida para o Porto de Stª. Iria



Fig.46 Porto de Stª.Iria

2.2 PONTOS DE ENCONTRO

2.2.2. *LARGO DA CRUZ*[45]

O Largo da Cruz, identificado no mapa à direita com o nº2, localiza-se entre o fim da rua Direita 1ª parte e da rua Direita 2ª parte. No largo bifurcam três ruas principais da Ribeirinha: rua das Covas, rua do Porto e rua Direita 2ª parte.

A zona que compreende o Adro da Igreja e o Largo da Cruz considera-se a zona central da Ribeirinha, quer em termos de desenho urbano quer em termos de actividades. Entre os próprios residentes há uma certa confusão entre o Largo da Cruz e o Adro da Igreja, sendo que a inteira zona compreendida entre ambos é apelidada coloquialmente de Largo da Cruz.

a) memórias pessoais

As minhas primeiras memórias da Ribeirinha enquanto residente na Ribeira Grande, mas na freguesia da Ribeira Seca, são as viagens em direcção ao Nordeste, onde anteriormente passavamos no interior da freguesia, e este foi o único espaço que me ficou na memória, a memória de uma criança de cerca de onze anos de idade. Recordo-me do coreto, da igreja elevada em relação à rua e da constante reunião de homens, a maioria lavradores, junto às entradas dos cafés.

b) olhos de ver

A verdade é que embora o Largo da Cruz ainda acarrete alguma importância emocional na memória da maioria dos habitantes da Ribeirinha, o espaço que vemos hoje não serve para mais do que para passagem de carros. Os quais, tanto ocupam a via estacionados como em circulção. Em termos de espaço de encontro, espaço de estar não há qualquer desenho ou, mesmo utilização. Em conversa com o presidente da Junta de Freguesia, o próprio confessa-me: *" Já coloquei linhas amarelas para proibir o estacionamento em toda a zona, mas para quê? Hoje as pessoas só querem é saber onde vão estacionar o carro mais perto de casa."*

45. "Há uma placa a assinalar a homenagem dos Ribeirinhos ao Senhor Governador Civil, Capitão Aniceto dos Santos, mas o nome vulgar e típico é "Largo da Cruz". Porque se observarmos a configuração das ruas, que desembocam no largo, lembra-nos uma cruz." FEIJÓ, Álvaro, Op.cit.; pág. 213

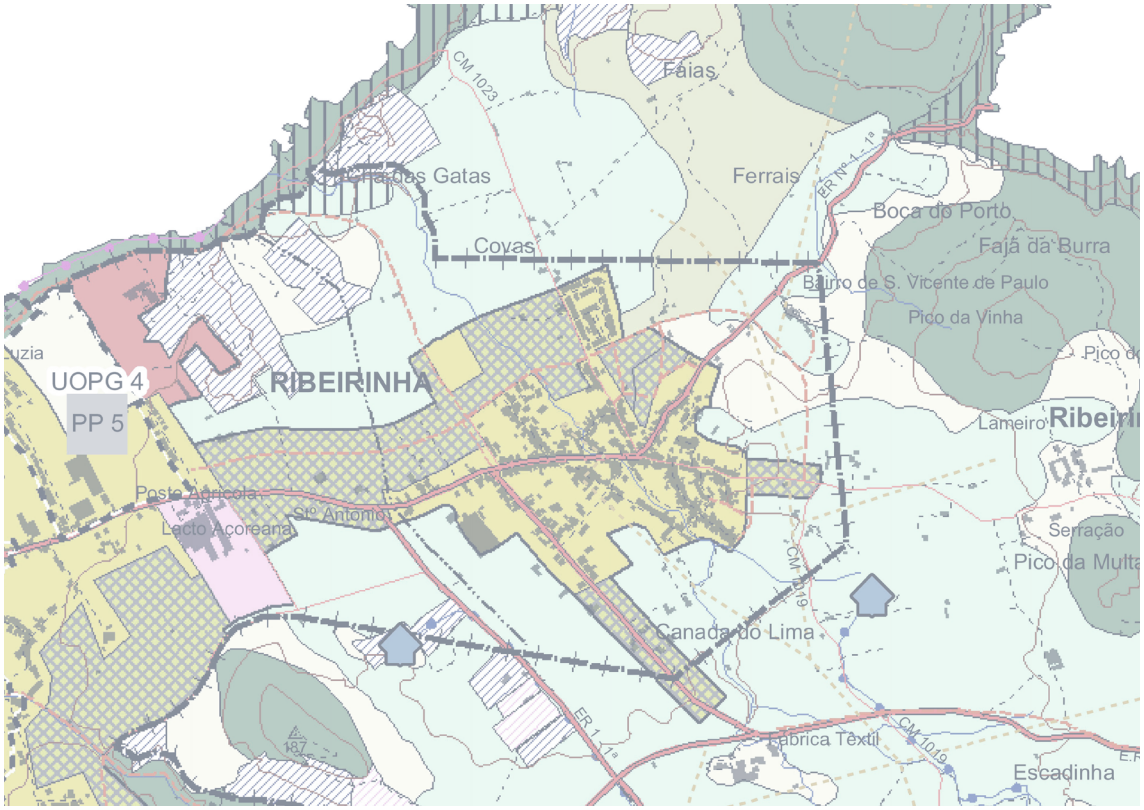


Fig.47 Extracto da Planta de Ordenamento - PDM 2006



Fig.48 Identificação da Zona Alterada

Zona alterada

2.3 EXPECTACTIVAS

2.3.1. ENTRE PLANOS E REALIZAÇÕES

O último Plano Director Municipal do conselho da Ribeira Grande foi realizado em 2006 e neste momento encontra-se em processo de alteração. Não existe data concreta para a sua finalização ("fim de 2018")[46] nem quais são as principais preocupações que levaram à renovação do PDM existente.

Segundo a planta de ordenamento do PDM de 2006 a fábrica da Chicória e o seu lote são identificados como espaço urbano[47]. No entanto, parte da sua envolvente próxima é considerada espaço urbanizável[48]. Desta forma, não estamos a actuar num espaço urbano consolidado, mas ainda em processo de transformação.

Foram propostas duas redes viárias novas: continuação da Rua dos Cabeceiros até à zona de contacto com o mar; e uma nova ligação longitudinal ao longo da freguesia situada a norte da Rua Direita 1ª parte e 2ª parte.

De 2006 aos dias de hoje apenas a zona identificada na fig.48 foi realizada consoante o desenho do PDM. O crescimento urbano foi proporcionado pela intenção de construção de dois bairros sociais na continuação da Rua dos Cabeceiros e da Rua do Jogo (onde se localiza a fábrica da chicória).

Os mesmos bairros albergam hoje cerca de 270 pessoas e cerca de 70% não são naturais da Ribeirinha.

Segundo a informação obtida através de Marco Furtado, o presidente da Junta de Freguesia, o projecto pretendia ser habitação a custa controlado. No entanto, acabou por servir de realojamento a habitantes do Bairro dos Pescadores, situado em Rabo de Peixe, outra freguesia da cidade da Ribeira Grande.

As casas são alugadas à Câmara Municipal (ao regime do programa ProHabita) por valores entre os 50 euros e 200 euros, consoante os rendimentos familiares.

46. Informação fornecida em reunião com o Departamento de Arquitectura e Urbanismo da Câmara Municipal da Ribeira Grande. A mesma decorreu entre a presente autora do trabalho e a Arqª Catarina Vieira.

47. ART 31º/ 1. a) Espaços Urbanos são aqueles constituídos por malhas edificadas, ou em vias de edificação, caracterizados por possuírem a maioria das infra-estruturas urbanas, estando definidos os respectivos arruamentos e planos marginais, e onde a maior parte dos lotes está edificada, as áreas abrangidas por Alvará de Loteamento plenamente eficaz, destinando-se predominantemente à edificação habitacional e respectivos equipamentos públicos, bem como às actividades terciárias e outras compatíveis com a vida urbana in Decreto Regulamentar Regional n.º 17/2006/A, de 10 de abril;

48. ART 31º/1. b) Espaços Urbanizáveis são aqueles em que se admite e programa a edificação de novas áreas urbanas e a realização das respectivas infra-estruturas urbanísticas; ibid.

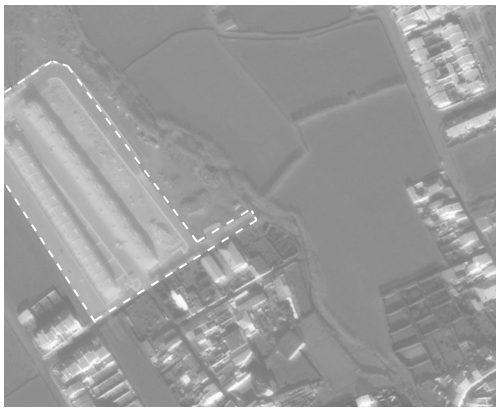


Fig.49 Zona A em 2008

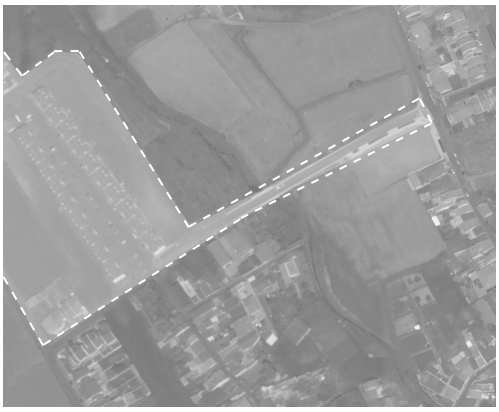


Fig.50 Zona A em 2018



Fig.51 Planta com a envolvente próxima da Fábrica da Chicória. Escala 1:5000



52.I



52.II



52.III

Fig.52 Fotografias Zona A

2.3 EXPECTACTIVAS

2.3.2. ZONAS CIRCUNDANTES DA FÁBRICA

Uma das maiores dúvidas/preocupações ao longo deste trabalho foi ter em consideração o local onde se insere a fábrica. Analisando-se várias componentes, por exemplo, urbanas e sociais.

Nesta localização encontramos diferentes situações: a Rua do Jogo, os Bairros Sociais situados a Noroeste (Zona B), e o terreno situado a Nordeste (zona A).

a) Zona A

Considerou-se a zona A o terreno, sem construção edificada, a nordeste da Fábrica da Chicória. Esta é delimitada pela Ribeira Velha, Edificado da Rua das Covas e da Rua de Baixo. Anteriormente não havia ligação entre a Rua do Jogo e a Rua das Covas. As alterações tiveram lugar posteriormente à construção dos Bairros Sociais (2007) em 2015. O desenho da nova rua modificou as características urbanas da envolvente, que influencia directamente o lote da fábrica.

Através da Zona A usufruimos de várias vistas privilegiadas para a torre da fábrica e há possibilidade de contacto directo com a parte traseira do terreno da fábrica através da Ribeira Velha (Ribeira que atravessa a freguesia).

Numa visita ao terreno, notou-se que junto à rua nova e no canto de intersecção com a Rua das Covas já existem indícios de preparação para um futuro loteamento do terreno, através de postes de luz, pontos de água e da própria divisão do terreno em pequenos lotes.

Por meio de imagens áereas do Google Earth (Fig.49; Fig.50) consegue-se ter uma leitura anterior e posterior à intervenção. Além de que na fotografia datada de 2018 já notamos o desenho cuidado de passeios, estacionamento, do que provavelmente será uma primeira fase do loteamento (Fig.52).



Fig.53 Zona B em 2006



Fig.54 Zona B em 2008



Fig.55 Zona B em 2018

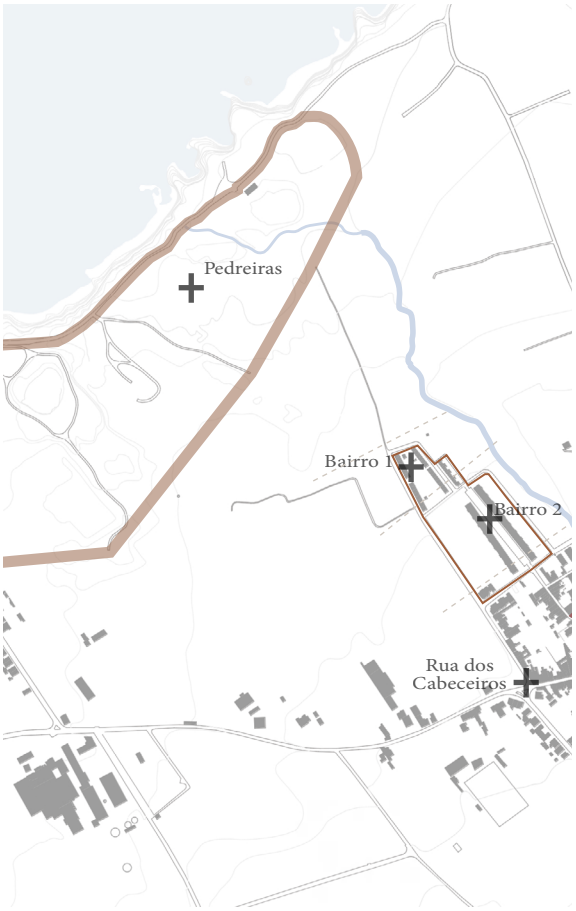


Fig.56 Planta da Zona B. Escala 1:10000



57.I



57.II



57.III

Fig.57 Fotografias do Bairro 2



58.I



58.II



58.III

Fig.58 Fotografias do Bairro 1

2.3 EXPECTACTIVAS

2.3.2. ZONAS CIRCUNDANTES DA FÁBRICA

b) Zona B

Corresponde à Zona B o espaço ocupado pelos dois Bairros sociais. Fez-se a recolha de fotografias aéreas de três datas diferentes: 2006 (fig. 53), 2008 (fig. 54), 2018 (fig.55). Assim, observa-se que a primeira fase consistiu na expansão da Rua dos Cabeceiros, um desenho que provavelmente já existia como apoio aos terrenos agrícolas adjacentes. Hoje a rua continua até às Pedreiras mas o troço BAIRROS-PEDREIRA não é pavimentado nem apresenta as mesmas dimensões, permitindo apenas a passagem de um carro.

Posteriormente, construíu-se o primeiro bairro (fig.58), situado mais a noroeste, que consiste em cinco blocos de habitação consituidos por trinta e duas moradias. Todas as moradias usufruem de um pequeno quintal e são de tipologia T3.

A segunda fase do empreendimento (fig.57) abrangeu a construção de cento e noventa e duas habitações na totalidade. Esta necessidade deu origem a um conjunto edificado com cerca de nove metros de altura (três pisos) e com o comprimento entre 150m e 170m.

Numa localidade em que a maioria da habitação manifesta-se na forma de moradias. Na generalidade com dois pisos e 5m de largura. Uma solução desta natureza parece não se enquadrar na envolvente constituída por pastagens, pequenas habitações, e longos campos de plantações agrícolas. Especialmente se tivermos em conta que no lado Nordeste dos bairros há a passagem da Ribeira Velha.

> *"Daqui se infere que o homem tem de tomar uma atitude ao criar qualquer forma, quer porque não é obrigado a obedecer passivamente à circunstância, quer até porque esta pode apresentar aspectos terrivelmente negativos e seria uma posição cobarde cultivar tais aspectos em lugar de os combater, além de que o homem sabe, igualmente, que ao criar formas cria circunstância e a circunstância que ele cria pode agravar esses aspectos ou pode melhorá-los."*[49]

49. TÁVORA, Fernando, Op.cit.; pág.24



Fig.59 Vista da Ribeirinha do Miradouro da Vigia das Baleias.



Fig.60 Hipóteses de crescimento junto à Fábrica da Chicória. Escala 1:5000

2.3 EXPECTACTIVAS

2.3.3. POSSIBILIDADES DE CRESCIMENTO URBANO

Neste processo surge a necessidade de tentar compreender e assimilar as manipulações a que a área de estudo foi sujeita, quer elas sejam positivas ou negativas. E compreender as influências que um futuro projecto pode ter na área adjacente à Fábrica da Chicória. Questionar que passos fazem sentido no meio em que nos inserimos, que programa, que atitude deve ser tomada?

> *"Sendo assim,é necessário inverter o método de trabalho: conhecer o que se vai passar dentro de um edíficio e o que se passa fora dele."*[50]

Embora se considere que as novas intervenções existentes na Ribeirinha não foram alvo de reflexão (ver a imponência do segundo bloco habitacional na paisagem urbana da Ribeirinha fig.59), as mesmas acabam por influenciar e despoletar novos crescimentos urbanos.

O desenho à esquerda tenta representar, ou de certa forma, prever as próximas zonas a serem alvo de intervenção. Primeiro, a abertura da nova rua que traz a possibilidade de novas construções e em seguida a necessidade de se colmatar a construção dos novos bairros do lado Noroeste, em direcção à Ribeira Grande.

A tendência serão construções de natureza habitacional, uma vez que a Ribeirinha funciona como dormitório da Ribeira Grande.

50. SIZA VIEIRA, Álvaro, Op.cit.; pág.16

ESPAÇO INDUSTRIAL ABANDONADO: FÁBRICA DA CHICÓRIA

"Satisfazer as exigências humanas, sempre crescentes, provoca um contínuo e progressivo uso dos recursos disponíveis. Um uso que impõe a realização de obras capazes de armazenar, transportar, transformar e finalmente usar partes de cidade e de edifícios abandonados, mortos ou agonizantes."[51]

51. CANNATÀ, Michele - *Construir no Tempo=Building upon time* : Souto Moura, Rafael Moneo, Giorgio Grassi / Michele Cannatà, Fátima Fernandes ; trad. Ana Carneiro. - 1ª ed. - Lisboa : Estar, 1999; pág.7



Fig.61 Torre da Fábrica da Chicória, vista dos Bairros.

"Nós não olhamos para o passado em buscar de algo tranquilizador. O que está morto, está morto para sempre e querer ressuscitá-lo poderá ser apenas um passe de magia: mas a preciosa lição que nos oferece o passado, essa não morre, essa fica e aguarda que alguém a colha e transporte para o futuro."[52]

52. CANNATÀ, Michele, Op.cit.; pág.11



Fig.62 Complexo da Fábrica da Chicória, vista da Zona A.



Fig. 63_I



Fig. 63_II



Fig. 63_III

Fig. 63 Fotografias do interior da Fábrica da Chicória.

ESPAÇO INDUSTRIAL ABANDONADO: A FÁBRICA DA CHICÓRIA

3.1 *SOBRE INTERVIR*

> *"Atribuir-lhe um novo destino é uma operação difícil e complexa, que não se deve fundar apenas sobre uma semelhança com o destino original. Esse destino deve, antes de tudo, ter em conta o estado material do edifício que, hoje em dia, exige ser apreciado em função do fluxo dos seus utilizadores potenciais."* [53]

A arquitectura serve o homem e as suas actividades. As formas, materiais e conexões ligadas ao território surgem, muitas vezes, associadas a uma função específica. No caso concreto da actividade industrial constroem-se maioritariamente formas que fogem à nossa imagem da "dita normalidade" constituída por moradias, prédios habitacionais, escolas. Prevalecem a construção de hangares, armazéns, torres. Ou seja, espaços que permitam albergar actividades de grande produção ou armazenamento.

Resultado de uma sociedade incessante por novidade, hoje, indústrias que eram reflexo de prosperidade revelam-se como "grandes conchas vazias que a maré industrial abandonou na periferia das cidades e mesmo nos seus centros."[54]

A sociedade altera-se constantemente. Criam-se novas necessidades, abandonam-se outras.

Ao intervir (agir sobre) espaços criados para uma função que já não é necessária surgem várias dúvidas sobre a posição a tomar, com receio de se cair num simples restauro.

> *"Intervir equivale a actuar conscientemente no processo dinâmico da cidade; deve-se acrescentar que, em qualquer caso, deve-se garantir a estabilidade mínima necessária para que a forma urbana, do particular ao todo, pronlongue uma identidade que foi conseguida lentamente e arduamente."* [55]

53. CHOAY, Françoise - *A alegoria do património*. trad. Teresa Castro. - 2ª ed.. - Lisboa : Edições 70, 2010; pág.233

54. Ibid.; pág. 225

55. GRACIA, Francisco de - *Construir en lo construido : la arquitectura como modificación*. 3ª ed. - Madrid : Nerea, 2001; pág.179



Fig.64_I Lx.Factory



Fig.65_I Fábrica ASA



Fig.65_II



Fig.64_II

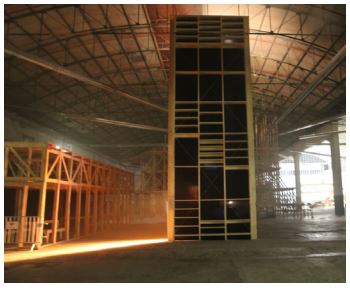


Fig.65_III

Restaurar significa: “elevar ao antigo esplendor”; “pôr no estado primitivo”. Ou seja, ao restaurar um edifício para o qual já não há utilidade nos dias de hoje, não estaremos a contribuir para a sua reintegração na dinâmica actual da envolvente.

Desta forma, a atitude deverá abranger mais do que as propriedades físicas do edificado; deve questionar a sua envolvente e potenciar novas relações; verificar se todo o edíficio é susceptível de ser recuperado e se deverão existir alterações estruturais. Como menciona Peter Zumthor sobre o processo de projectar é necessário *“(...) recolher (...) o que me parece valioso, corrigir o que incomoda e recriar o que nos falta.”*[56]

Assim, assume-se uma posição que valoriza o antigo ambiente do espaço, embora verifique que o mesmo sofreu com a “fatal evolução dos tempos”[57] , pois perdeu as qualidades que anteriormente eram apreciadas pelos seus utentes.

> *“Consistindo em reintroduzir um monumento desafectado no circuito das utilizações vivas, em arrancá-lo a um destino museológico, a reutilização é, sem dúvida, a forma mais paradoxal, audaciosa e difícil de valorização patrimonial.”*[58]

Casos como o Lx Factory em Lisboa, onde uma antiga tipografia foi transformada numa livraria. Ou por exemplo, a título do evento Guimarães 2012 em que a Fábrica Asa foi renovada com o intuíto de passar a ser uma casa de eventos, constatam que a maior valorização de um espaço é feita através da sua utilização e aceitação por parte dos habitantes.

56. ZUMTHOR, Peter - *Pensar a arquitectura*. trad. Astrid Grabow. - Barcelona : Gustavo Gili, 2009; pág.23
57. TÁVORA, Fernando, Op.cit.; pág.58
58. CHOAY, Françoise, Op.cit; pág.233



Fig. 66 Vista da nova ligação entre a Rua das Covas e Rua do Jogo.



Fig. 67 Relação de altura entre a Fábrica e a Igreja de São Salvador do Mundo

3.1 SOBRE INTERVIR

3.1.1. ESTADO ACTUAL DO EDIFICADO

Um primeiro passo na compreensão da "Torre"

Quem percorre a "antiga" Estrada Regional com origem na Ribeira Grande e destino ao Nordeste passa pela Ribeirinha consegue ver de vários pontos diferentes uma torre de cor amarela mais alta do que qualquer edificio da envolvente.

No entanto, quem faz o percurso várias vezes reparou uma vez, uma segunda vez e à terceira já se esqueceu. A torre passou a fazer parte da sua memória visual do local.

Em todas as visitas à Ribeirinha era constante o parar a meio de uma rua e repetir: *"Daqui dá para ver a Fábrica!"*.

O trabalho surgiu pela curiosidade que a torre suscitou: que actividade tinha tido lugar na mesma? Torna-se impossível não questionar a sua magnitude em relação às pequenas moradias que se espalham pela freguesia.

Além disso, como pode um edíficio tão imponente na envolvente ser deixado ao abandono?

Como se pode constatar pelas fotografias à esquerda o volume da fábrica destaca-se de todo o edificado construído e confronta o protagonismo que a Igreja da freguesia habitualmente tem no desenho da maioria das freguesias micaelenses.

Uma primeira parte da investigação do edificado consistiu em procurar informação nas várias identidades municipais e regionais: Câmara Municipal da Ribeira Grande, Biblioteca e Arquivo da mesma; Biblioteca e Arquivo da Universidade dos Açores e Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.

Persistiu-se em conseguir informações acerca de uma possível evolução da fábrica e do seu edificado construído, mapas e plantas que permitissem compreender, antes de uma primeira visita, a constituição da torre e o seu interior. As pesquisas demonstram-se inválidas e insuficientes, uma vez que nenhuma das entidades continha informação sobre o edificio fabril em questão.



Fig. 68 Fábrica da Chicória

Percebeu-se que este tipo de informação, muitas vezes, é adquirido pela entidade pública através de doações por parte dos donos originais. Por exemplo, foram facultados e consultados cadernos da Fábrica do Linho , também na Ribeirinha, da qual os proprietários eram a Casa Bensáude & Cª, Lda.[59]

No caso da Fábrica da Chicória percebeu-se que o procedimento teria de ser o contrário, sem informação documentada, por razões que mais tarde serão identificadas, procedeu-se a uma percepção da Fábrica através de três contactos fundamentais: Marco Furtado, Presidente da Junta de Freguesia da Ribeirinha; os donos actuais do edificado Hermínia Leite e Alfredo Correia Costa e vários contactos informais com residentes que presenciaram o funcionamento da Fábrica.

59. Informação com base no Livro de Contabilidade de 1930 da "Empreza de Fiação e Tecelagem Micaelense", consultado em Dezembro de 2018 na Biblioteca e Arquivo da Universidade dos Açores.



69. IV



69. III



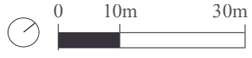
69. II



69. I



Fig. 70 Planta de localização do lote da Fábrica da Chicória. Escala 1:1000



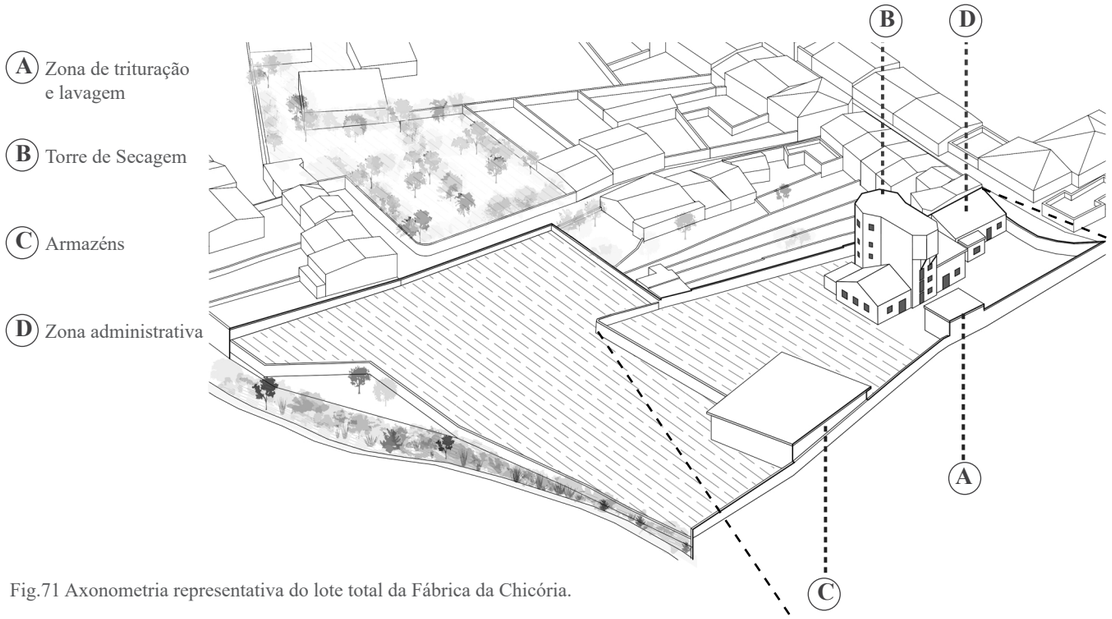


Fig.71 Axonometria representativa do lote total da Fábrica da Chicória.

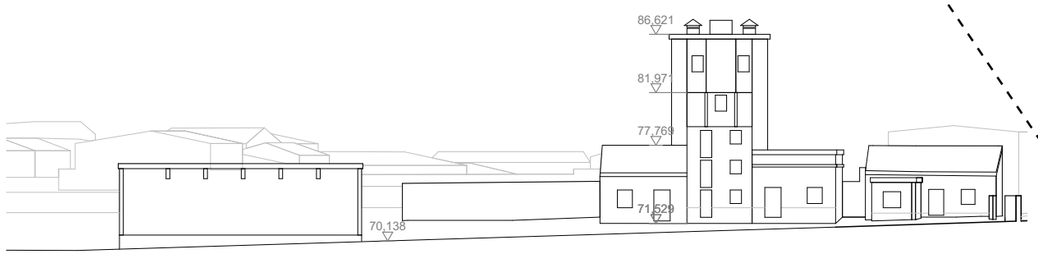


Fig.72 CORTE A_ Relação altimétrica entre os vários edifícios do complexo. Escala 1:500

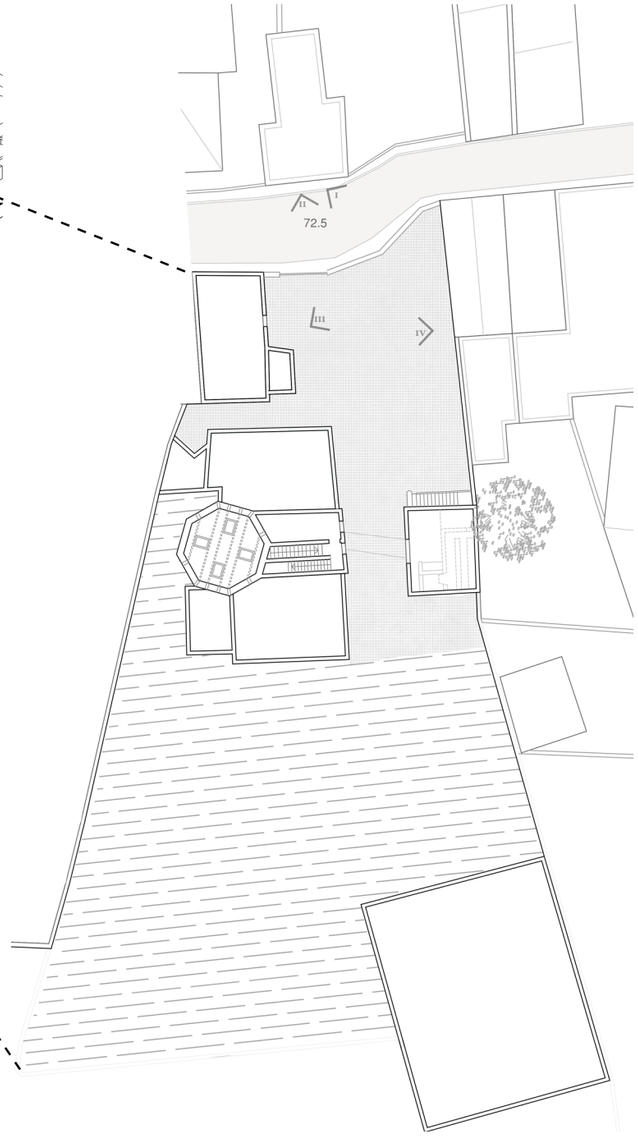
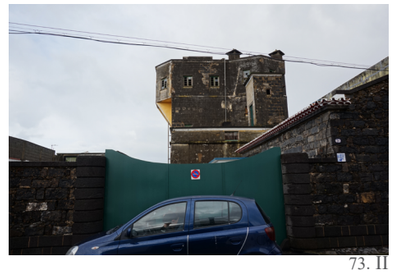


Fig.73 PLANTA RÉS-DO-CHÃO_
complexo da Fábrica da Chicória

0 5m 15m



73. I



73. II



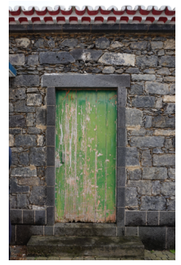
73. III



73. IV



74.I Edifício D_ Fachada principal



74.II Edifício D_pormenor



74.III Edifício D_ vista do edifício A

O contacto com o interior: torre e edificios adjacentes

Através dos donos actuais procedeu-se a uma visita ao interior do lote da Fábrica. O acesso principal é feito pela Rua do Jogo e o limite entre o terreno e a rua desenhado por um muro de pedra com cerca de dois metros de altura.

O complexo é constituído pela torre, quatro armazéns e uma pequena moradia. O actual dono (herdeiro do imóvel juntamente com os seus sete irmãos) explicou que a Fábrica chegou a ter cerca de 52 trabalhadores e que a sua actividade durou entre 1939 e 1982.

Após a passagem pelo portão principal tem-se acesso ao pátio do complexo, onde outrora acediam os camiões para descarregar as raízes da chicória. Do lado direito existe uma pequena moradia (identificada como D na fig.71) com um piso, que anteriormente funcionava como escritório de apoio às actividades fabris (contabilidade e administração). Junto à moradia existe um pequeno volume (fig.74) que servia de apoio ao mecanismo de pesagem das descargas da chicória, no chão pode ver-se, ainda, o desenho da balança que lá existia. O antigo escritório tinha cerca de 50 m^2 e o outro volume 6 m^2.

A dinâmica de funcionamento da Fábrica é um pormenor importante para se perceber os vários volumes que desenham o conjunto fabril. O Sr. Alfredo ao longo da visita explica-me:

> *"Chegavam aqui os camiões, pesava-se a chicória. Depois lavavam-se as raízes no tanque e cortavam-se ali nas máquinas. Depois de trituradas, num balde eram levadas para o último piso da torre para se começar a secar."* [60]

Hoje, resta apenas o vazio do pátio, sem o movimento de que anteriormente foi testemunha. Um desenho que nasce enraizado das memórias que ali se passaram: carga/descarga; armazenamento; lavagem e trituração.

60. Conversa com Alfredo Costa; Ribeirinha, 29 de Dezembro de 2017

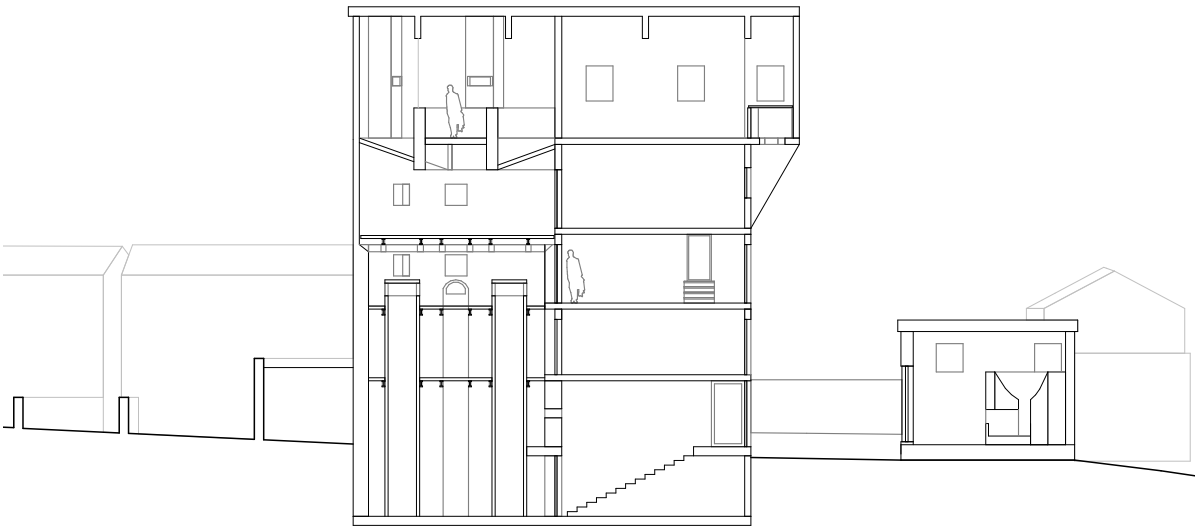


Fig.75 CORTE B_ Relação entre a Torre de Secagem e a zona de lavagem e trituração das raízes. Escala 1:500

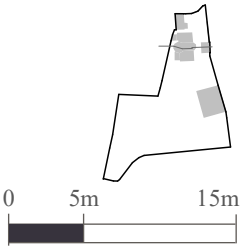




Fig.76 Fotografia actual do complexo

O percurso das raízes da chicória ao longo do processo de produção é fundamental para compreender a forma com que a torre se apresenta. A delimitar o pátio existem os dois volumes que considero fundamentais: o edifício que contém as máquinas de lavagem e trituração (A) e a torre de secagem (B).

Com a explicação do Sr. Alfredo durante a primeira visita percebeu-se que no conjunto fabril tinha lugar a secagem e torrefacção da raíz da chicória[61]. A raíz da chicória é maioritariamente incorporada em misturas de café puro ou cereais, como a cevada. O dono do imóvel explicou-me ser esta finalidade principal da produção que tinha origem na Ribeirinha. A raíz deve ser seca, torrada e depois moída de modo a transformar-se num pó de cor escura e sabor ligeiramente amargo.

No edifício A (37m2) tinha lugar a primeira fase de produção: a lavagem e corte das raízes. Constituído por dois níveis: piso superior onde decorria a lavagem das raízes num tanque; e nível inferior no qual efectuava-se a sua trituração. Há a possibilidade de entrada em ambos os pisos e o primeiro andar desenha uma mezanine.

O Sr. Alfredo, enquanto explicava o procedimento, pois além de actual dono, trabalhou na fábrica com o pai, confirmou com orgulho que ainda estavam no edifício as máquinas originais. No entanto, simultaneamente, lamentou-se que hoje não serviam para nada, “estão lá paradas”, referiu.

Após a primeira fase de preparação, a matéria era transferida para o Edificio B. Neste núcleo do conjunto fabril insere-se a Torre de Secagem. Mais uma vez, o processo inicia-se pelo nível superior. O Edíficio B é constituído pela torre de secagem e dois armazéns adjacentes. A torre de secagem contém cave, rés-do-chão e quatro pisos superiores.

61. A chicória é uma planta herbácea que pertence à ordem das Asterales, à família das Asteraceae (Compositae) e ao género Cichorium. DEPREZ M. F. - *Génétique et amélioration de la chicorée industrielle*. C. R. Acad. Agric. França, 1994; pág.47



Fig.77 Relação entre edifício A e B



Fig.78 A_ Fachada direccionada para o pátio



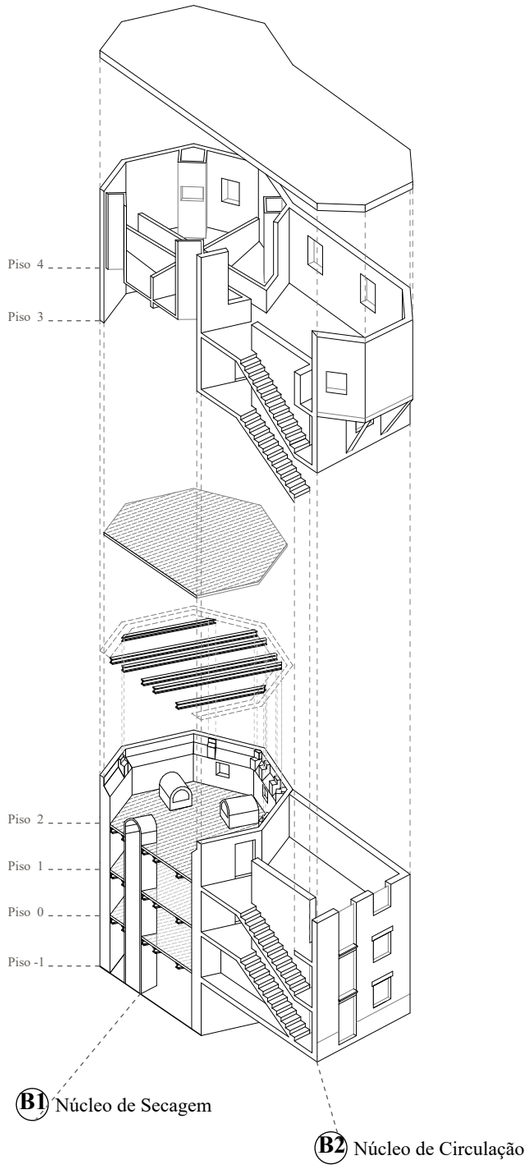
Fig.79 A_ vista das escadas exteriores



Fig.80.A_ Tanque de lavagem



Fig.81. A_ Maquinaria de trituração



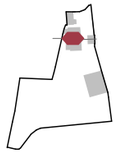


Fig.82 Axonometria_Representação da Torre de Secagem



82. I



82. II



82. III



82. IV

Fig.83 B_Piso 4 da Torre de Secagem



83. I



83. II



83. III

Fig.84 B_Fotografias exteriores da Torre de Secagem, com destaque para a zona de recepção das raízes no interior.

A transferência das raízes de chicória do Edíficio A para o Edíficio B era feita através de uma espécie de carro de bois em madeira, que percorria as linhas,desenhadas no chão entre os dois edificios, ainda hoje visíveis. Nessa fase, as raízes eram transportadas num cesto até ao último piso da torre (quinto piso a contar do nível do chão) através de um sistema de contrapeso por um fio de suporte. Desta necessidade nasce uma das particularidades do desenho da torre: o avanço do último piso em relação ao restante corpo, de modo a haver na fachada principal da torre o movimento de carga e descarga das raízes.

No último piso da torre, através de uma abertura em forma octagonal, eram recolhidas as cargas e transportadas para os quatro tanques localizados na zona de secagem. Transferidas através de um mecanismo de suporte em ferro, que ainda hoje continua instalado no tecto (embora já em más condições). Por fim, eram colocadas nos tanques, e dava-se início ao processo de secagem da chicória.

Considera-se que a Torre de Secagem é constituída por dois núcleos: o núcleo B1 refere-se ao espaço de secagem e o núcleo B2 ao espaço de circulação adjacente.

O núcleo B2 corresponde à parte norte da torre através da qual é feita a circulação. Como se pode ver na fig.82, o núcleo é composto pela caixa de escadas e uma sala adjacente que conecta com o núcleo B1. A caixa de escadas situa-se junto à fachada oeste, o que resulta na inexistência de aberturas na consequente fachada. A sala adjacente funcionava como uma espécie de antecâmara em relação ao espaço principal de secagem. Na sala existem, ainda, ventoinhas antigas em ferro, que levam a concluir que o espaço, também servia como zona de arrefecimento para os trabalhadores.

Nesta sala observam-se as maiores aberturas de vãos na torre, a fachada norte é sempre composta por uma janela com cerca de 1m de altura e uma janela com a altura do piso inteiro (que varia entre os 2,18m e os 2,72m de altura).



Fig.85 I/ II



Piso 4



Fig.86 I/ II



Piso 3



Fig.87 I/ II



Piso 2



Fig.88 I/ II



Piso 1

O núcleo B1 é caracterizado pela sua forma octagonal onde tinha lugar o processo de secagem. Com uma extensão da cave ao terceiro piso há uma relação directa entre os diferentes níveis da torre e as fases de secagem. Na cave localiza-se a fornalha que aquecia todo o espaço do núcleo B1. Ao contrário da zona de circulação, na área de secagem não há a separação dos vários pisos com lajes de betão. A divisão é feita por estruturas metálicas que permitem a propagação do ar quente desde a cave até ao terceiro piso. O processo de secagem funciona com duas dinâmicas contrárias: o ar quente que tende a subir e as raízes da chicória que descem de modo a cumprir o seu processo de secagem.

O ar quente proveniente da fornalha situada no piso -1 é distribuído através de 4 estruturas rectangulares feitas de tijolo que funcionavam como chaminés. Estas prolongam-se até ao piso 2 da torre. Desta forma, no piso 1 assumem a forma de 4 grandes pilares com pontuais aberturas rectangulares (rematadas em ferro) de modo a haver a difusão do ar quente. No piso 2 a sua parte superior é coberta por uma abóbada, também em tijolo, que permite uma maior propagação do ar através de aberturas laterais.

No terceiro piso, há apenas a estrutura da rede metálica que acompanha todos os níveis da torre, onde a chicória pousava para a secagem. É de salientar, que a estrutura tem estabilidade e capacidade de suportar o peso humano e o da chicória. E que existem buracos propositados, na mesma, de modo a haver a queda da chicória para o próximo nível.

Os quatro pisos (rés-do-chão +3), onde há a difusão do ar quente, são sempre ventilados através de 2 aberturas na fachada oeste e 2 aberturas na fachada este.

No último piso da torre (piso 4) existem quatro tanques onde era depositada a chicória acabada de cortar, pronta para avançar pelos níveis todos da torre de secagem.

Destaca-se que este é o único piso onde todo o volume da fábrica se torna num único espaço, havendo a junção entre o espaço de circulação e a área de secagem.



Fig. 89 Vista da Rua do Jogo através da Rua Direita 1ª parte (único acesso automóvel)



Fig. 90 Vista da Rua do Jogo após passagem pela Fábrica da Chicória

3.1 SOBRE INTERVIR

3.1.2 LIMITES DA PARCELA

A Fábrica da Chicória e o seu terreno circundante abrangem no total 4905m^2, com uma profundidade máxima de 94m e largura máxima de 76m. A malha urbana da Ribeirinha é desenhada maioritariamente por pequenas moradias, em que a profundidade do edificado varia entre os 10 a 15 metros, enquanto os seus lotes adjacentes podem ir dos 30 aos 50 metros de profundidade.

Rapidamente, apreende-se que a zona de intervenção/estudo possui dimensões superiores à sua envolvente próxima. Desta forma, o terreno contacta com três realidades distintas: a Rua do Jogo com características de rua principal; uma rua/canada[62] de carácter secundário e uma frente ribeirinha.

Rua do Jogo

A rua do Jogo, conhecida também como a Rua das Vassouras, era onde antigamente "os rapazes e mesmo homens se agrupavam para fazerem jogos tradicionais como o "cachaço" e a "covoleta"[63]. É interessante notar como o antigo uso principal da rua é revelado pela sua toponímia, o que nos revela como a cidade é um reflexo do hábito dos seus residentes.

Encarada anteriormente como uma extensão pública do interior da casa, hoje, a rua afirma-se maioritariamente como parte da infraestrutura urbana com o principal objectivo de servir o automóvel. O contraste entre a rua unicamente pedonal e o crescimento do uso automóvel tem vindo a criar dissonâncias em antigos centros que não conseguem responder às necessidades de hoje sem perder características pelas quais eram reconhecidos anteriormente.

62. Termo utilizado pelos micaelenses para referir ruas estreitas, muitas vezes em terra e sem fim.
63. FEIJÓ, Álvaro, Op.cit.; pág. 121



Fig. 91 Ortomapa da Rua do Jogo.

A rua do Jogo, previamente à intervenção dos Bairros que potenciaram a sua extenção a norte, desenvolvia-se ao longo de cerca de 230m. Posteriormente, viu o seu comprimento ser estendido para o dobro do tamanho.

Kevin Lynch, em a "A imagem da Cidade", menciona a percepção da rua como um percurso que requer continuidade para ser reconhecido como um conjunto. Esse reconhecimento é feito através de relações de escala, pormenores nas fachadas, pavimentos e pelo desenho dos passeios.

Verifica-se que o desenho urbano da Ribeirinha resulta da sobreposição: "vamos construir aqui mais uma casa, é preciso aumentar a rua. Aumenta-se a rua mais 5 metros.". Uma atitude que foi crescendo, ao longo dos tempos, regida pela necessidade dos habitantes. Na rua do Jogo consegue ter-se a mesma leitura pelos vários alargamentos e estreitamentos que se observam que, embora sejam de pequena dimensão, revelam uma construção feita ao longo do tempo consoante a vontade dos habitantes, ao contrário do que se observa na nova extensão da rua: planeada de uma só vez para servir a construção de um bairro que se impõe sobre a escala inteira da rua.

Considera-se que a Rua do Jogo compreende dois troços pelas diferentes características que cada um apresenta, influenciados também pela distância temporal da sua construção.

Em ambos os troços a principal ocupação é de natureza residencial, com algumas excepções. Como anteriormente se concluíu, a maior parte das actividades comerciais concentram-se na Rua Direita, no entanto, no início da Rua do Jogo observa-se a existência de um talho; na casa ao lado há uma identificação que recorda a sua antiga função como farmácia, a qual hoje está localizada num edíficio novo no gaveto da Rua dos Cabeceiros com a Rua Direita. É também nesta rua que se localiza a sede dos Escoteiros da freguesia.

Ao longo do primeiro troço existem duas canadas transversais. A primeira tem contacto com o lote da Fábrica da Chicória e a segunda dá acesso à Ribeira. Ambas tem cerca de 3 m de largura e a sua ocupação varia entre pequenas moradias e quintas[64].

64. Termo normalmente associado a: propriedade rústica, cercada ou não de árvores, com terra de semeadura e, geralmente, casa de habitação in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. No entanto, nos Açores refere-se a um terreno dividido em várias partes por elementos vegetais (como arbustos altos, por exemplo) com destino à produção agrícola.



Fig. 92 Rua do Jogo _ 1º Troço



Fig. 93 Rua do Jogo_2º Troço

O núcleo mais antigo da Ribeirinha desenvolveu-se no sentido sul, contrário à direcção do mar, com a excepção da Rua do Porto. Assim, anteriormente a Rua do Jogo era uma rua sem fim, sem ligação à Rua das Covas e à Rua dos Cabeceiros na direcção norte.

No ano de 2007 a Câmara Municipal da Ribeira Grande desenvolveu o projecto dos chamados Bairros "Hollywood"[65] , que influenciaram um desenvolvimento no sentido norte. Desta forma criaram-se novas ligações entre a Rua dos Cabeceiros, a Rua do Jogo e a Rua das Covas, de modo que deixaram de ser ruas sem saída.

A Ribeirinha desenvolveu-se a um ritmo lento e de pequena escala. A largura da Rua do Jogo (1º troço), por exemplo, varia entre os 3 e 5 m. Contudo, as novas intervenções assumem posições diferentes. No projecto dos Bairros "Hollywood" e na continuação da rua – 2º troço – as proporções do projecto assumem uma escala maior, a largura da rua passa a ser de 6 m e possui faixa de estacionamento de ambos os lados (6m).

Passa a existir um contraste na relação entre altura e largura. Pois, os bairros são mais altos do que as moradias pré-existentes e uma diferença na relação entre o vazio da rua e a massa edificada.

65. Nome pelo qual os bairros foram apelidados pelos residentes da Ribeirinha e Ribeira Grande.



Fig. 94 Ortomapa da extensão da Ribeira Velha (da zona das Gramas até desaguar no mar)

Frente Ribeirinha

Outro dos limites, do terreno em questão, é a sua frente ribeirinha, que desenha o seu lado oeste. Numa primeira abordagem ao trabalho e ao local a ribeira não se mostrou como parte fundamental da zona a intervir. No entanto, após um segundo olhar concluiu-se ser impossível desassociar a importância da ribeira, como elemento organizador de todo o desenho do aglomerado urbano, incluindo o próprio lote da fábrica. Desta forma, para analisar a frente ribeirinha que se opõe ao limite oeste do lote é necessário compreender a ribeira na sua totalidade.

A Ribeira Velha, nome pelo qual é conhecida, estende-se na sua totalidade ao longo de 3,1 km. Segundo a Junta de Freguesia o seu troço é dividido em três partes: 1ª - desde a localidade das Gramas à travessa que liga a Rua Afrizada e a Rua dos Moinhos, com cerca de 1,2 km; 2ª – compreendida entre a Rua dos Moinhos e o Largo da Cruz, com 400 m; 3ª – do largo até desaguar no mar, ao longo de 1,5 km.

Como já se mencionou, a ribeira que atravessa a freguesia foi um dos motivos pelo qual se desenvolveu o povoamento no local, primeiramente do lado direito e posteriormente na margem esquerda da ribeira.

Uma ribeira trata-se de um percurso, tal como uma rua, criado pela natureza para a passagem de água. No entanto, o homem também se serviu muitas vezes destas zonas como uma maneira de fugir a zonas densamente arborizadas na subida às partes mais altas da ilha, ou na chegada ao mar.

A presença de um percurso de água, na maioria dos casos, origina percursos humanos, mas como forma de lazer, prática de exercício físico ou contemplação da natureza. Nos primeiros tempos de criação da freguesia da Ribeirinha a implantação junto a uma ribeira surge pelos benefícios que esta traz à vida humana: fácil acesso a água fresca; uso da água nas várias actividades humanas como moagem, agricultura e tecelagens; além disso, a passagem de água é uma indicação de que os terrenos circundantes serão à priori solos férteis e de boa qualidade agrícola.



Fig.95_I Antigo Moinho do Fulgêncio, Ribeirinha



Fig.95_II



Fig.96_I Moinhos em ruínas na Ribeira Grande



Fig.96_II



Fig.97 Jardim do Moinho no centro da Ribeirinha



Fig.98 Ribeira Velha nas Gramas



Fig.99 Recorte do 1º troço da Ribeira Velha

Assim, anteriormente, existiam ao longo da Ribeira Velha vários moinhos, como nos descreve Feijó:

> *"Esta ribeira deu origem à grande quantidade de moinhos que nesta freguesia abundavam. Eram nove os moinhos que nela existiam, e dois nas Gramas. Os primeiros habitantes da Ribeirinha começaram a construir os moinhos no século XVI, e o 1º foi construído em cima da rocha. Daí chamar-se moinho da Rocha (da família «Jeniper»)."*[66]

Numa visita pela freguesia, Marco Furtado, presidente da Junta de Freguesia, explica que nos dias que correm já só um dos moinhos é que se encontra em funcionamento (localizado na travessa que liga as ruas Afrizada e dos Moinhos). Tal como acontece na Ribeira Grande, a maioria dos moinhos hoje encontra-se em desuso, muitos destruídos e outros em ruínas.[67]

Ao longo da ribeira encontram-se diferentes apropriações e consequente relação com a frente ribeirinha por parte dos habitantes. Nota-se que normalmente há um desenho da rua paralelamente ao caudal da ribeira de forma que a frente ribeirinha é geralmente tratada como a traseira das residências. A excepção desse tratamento acontece no centro da freguesia onde há um maior cuidado no tratamento das margens ribeirinhas.

MARGEM NATURAL

Ao longo do primeiro troço identificado, a relação com a ribeira preza-se pela aceitação dela como um limite físico natural entre os vários terrenos de cultivo e pastagem. Existem duas excepções: a localidade das gramas onde existe a construção de pontes para a passagem automóvel e pedonal e a antiga fábrica do linho.

Observa-se também como a maioria das quintas e explorações agrícolas ou animais tendem a implantar-se próximos da ribeira, de forma a tirar proveito dos seus recursos naturais.

66. FEIJÓ, Álvaro António Garcia, Op.cit.; pág. 106

67. "Na Avenida Fulgêncio Ferreira Maques há um mas que não funciona. Também havia um, onde existe a fábrica do Linho, cujo moleiro foi o senhor Manuel Barbosa Oliveira, onde lá viveu muitos anos, mas que hoje já não resta nada deste moinho." FEIJÓ, Álvaro António Garcia, Op.cit.; pág. 106



Fig.100 Recorte do 2º troço da Ribeira Velha



Fig.101 Jardim do Moinho



Fig.102_I Acesso pela cota superior



Fig.102_II Acesso pela cota superior



Fig.103 Passagem superior no Jardim do Moinho



Fig.104 Pormenor do encontro da casa com a ribeira

MARGEM CONSTRUÍDA

O segundo troço corresponde a uma parte da ribeira que foi recuperada em 2001, segundo a intenção de se criar o "Jardim do Moinho". Esta é a única zona da ribeira onde existe um desenho da sua margem e um consequente alargamento da mesma, permitindo aos habitantes desfrutar do recurso natural em questão. Através deste caminho pedonal é possível ligar o adro da igreja/largo da cruz à cota superior da Rua dos Moinhos e Rua Afrizada.

O acesso pela cota superior em direcção ao Largo da Cruz é feito por uma travessa que à primeira vista nos parece ser a entrada traseira de uma casa. Há a sensação de que ao percorrer a pequena travessa estamos a invadir o espaço privado de alguém. No entanto, é apenas o resultado de uma íntima relação entre a casa e a rua. Há uma extensão da privacidade ao exterior, quer através da escala, da cobertura colocada pelo dono da habitação, e dos vários acessos à casa para o qual somos encaminhados na descida.

A habitação em questão é uma das excepções na relação com a ribeira. O volume da mesma faz a ligação entre três cotas distintas: com a rua dos Moinhos e rua Afrizada, cota através da qual é feita a sua entrada principal; com a travessa já mencionada, que funciona como uma cota intermédia e por fim, com a cota da própria ribeira. Através da análise das fotografias à esquerda observa-se como o limite entre a casa e a ribeira é o próprio volume da habitação, não havendo nenhum elemento de transição entre ambos.

Numa continuação da cota da travessa há o desenho de um percurso que contacta com as traseiras de algumas das moradias da Rua dos Moinhos, que nos permite uma alternativa ao percurso da cota inferior. Ambos vão dar acesso à zona do antigo moinho de Fulgêncio Ferreira Marques.

O espaço é desenhado por muros, em pedra basáltica, com cerca de 3 metros de altura, rematados por peças rectangulares da mesma pedra, contudo com um tratamento diferente. O muro que desenha o limite da margem ribeirinha é mais baixo e na zona de contacto directo com a água é constituído por betão; devido à sua altura, ao longo do percurso e junto à margem é sempre possível parar e sentar junto à ribeira.



Fig.105 Vista do Jardim do Moinho (Traseira das casas da Rua Afrizada)



Fig.106 Antigo Moinho do Fulgêncio



Fig.107 Avenida Fulgêncio Ferreira Marques



Fig.108 Zona de parque infantil e sanitários públicos



Fig.109 Antigo restaurante no Jardim do Moinho

Hoje, no lugar do antigo moinho só existem as estruturas inferiores do mesmo que permitiam a passagem de água que gerava o movimento da roda. As mesmas estão vedadas, como se fossem uma exposição permanente num museu exterior.

No projecto do jardim houve, também, a construção de instalações sanitárias públicas que hoje se encontram sem utilização devido a várias vandalizações por parte da população mais jovem, conta-me Marco Furtado.[68]

Ao longo do percurso até esta zona, a margem do lado da igreja (considerada margem direita) é constituída pelas traseiras das casas da Rua Afrizada. Nota-se uma diferença entre a casa anteriormente mencionada e as moradias da margem direita. Nestas não há uma ligação directa através das residências à cota inferior da ribeira, mas sim um distanciamento. Tem-se uma leitura do muro antigo da ribeira, ainda em pedra e de alterações sucessivas que foram feitas, como a subida do muro, já em blocos de cimento. No entanto, uma característica destaca-se: o aproveitamento de uma fachada totalmente livre. Observa-se em todas as habitações construções de vários espaços exteriores, em diferentes cotas aproveitando o espaço em diferentes níveis, tal como se destacam os volumes verticais das chaminés, algumas vezes, mais do que uma por casa.

Há uma mudança de pavimento do cascalho vermelho para a calçada aquando da passagem pelo antigo moinho, é nesta zona que se dá início à Avenida Fulgêncio Ferreira Marques, a mesma é limitada pela ribeira e do lado contrário por várias habitações. Anteriormente, existia um restaurante chamado Gato Mia, que era um dos programas que trazia actividade à avenida, hoje encontra-se encerrado e abandonado tal como algumas das habitações que se encontram em mau estado e à venda.

Normalmente, o espaço da Avenida que contacta com a Rua Direita é utilizado como uma continuação do espaço do largo da cruz, sendo maioritariamente utilizado pelos frequentadores dos cafés circundantes.

68. Informação obtida na visita à freguesia da Ribeirinha no dia 30 de Maio de 2018.

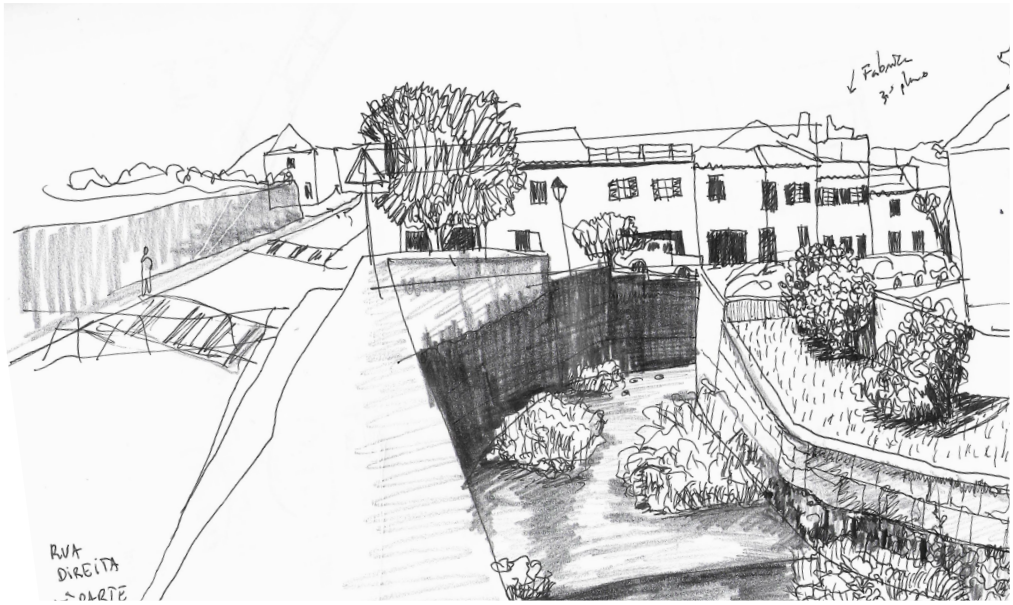


Fig.110 Zona da Ribeira em contacto com a Rua Direita


Fig.111_I Ponte entre a Rua Afrizada e Rua dos Moinhos


Fig.111_II Ponte no Adro da Igreja


Fig.111_III Ponte entre a Rua da Ribeira e Rua de trás


Fig.112 Única zona onde as fachadas principais das moradias relacionam-se com a Ribeira

Na zona do adro da igreja a passagem da ribeira é subterrânea, de modo a permitir a circulação automóvel e pedonal na Rua Direita. Ao longo do percurso de água existem mais quatro situações semelhantes onde é permitida a passagem por cima da ribeira. No considerado "centro da freguesia" encontramos os três casos principais: a ponte que une a Rua Afrizada com a Rua dos Moinhos; a ponte que permitiu a construção da Rua Direita 1ª parte e Rua Direita 2ª parte; e por fim, a ponte que continua a Rua de Baixo e permite a sua ligação ao adro da igreja/Rua Direita 1ª parte.

A zona entre as duas últimas pontes é a única onde as margens da ribeira não são desenhadas por fachadas traseiras de moradias. Pelo contrário, aqui assume-se a centralidade da Ribeira Velha em todo o aglomerado urbano. Embora, não se concorde com alguns pormenores do desenho adoptado, o facto importante neste caso é que passou-se a dar outro cariz à ribeira, um cariz mais nobre. Há uma valorização da mesma, apenas pelo facto de as casas virarem a sua fachada principal para a mesma.

Esta diferente relação com o elemento natural em questão também deriva de uma atitude diferente nesta zona da freguesia. Ao contrário da Rua da Afrizada e da Rua dos Moinhos que actuam como ruas principais em detrimento de um caminho que pudesse existir associado à ribeira, nesta zona a principal zona de circulação faz-se junto às margens da mesma, o que resulta numa maior participação da ribeira no desenho urbano.

Além disso, há outra questão: nas ruas já descritas (Afrizada e Moinhos) não existe um desenho de quarteirão e consequente logradouro, trata-se de um desenho de uma rua ao longo da qual se fixam moradias transversalmente. Desta forma, a Ribeira Velha acaba por ser o logradouro das mesmas, o que não valoriza a sua utilização pública nos dias de hoje.

Pelo outro lado, na zona que se situa entre as pontes vemos a definição de três importantes quarteirões, o que nos permite libertar a ribeira de qualquer função tardoz e caracterizá-la de importância na vida dos habitantes da Ribeirinha.



Fig.113_I Vista da frente ribeirinha do lote da Fábrica



Fig.113_II



Fig.113_III

O limite ribeirinho do lote da Fábrica da Chicória localiza-se numa zona de transição. Observam-se as duas atitudes já mencionadas: tratamento da ribeira como fachada tardoz das moradias (numa margem construída); e uma margem natural, sem qualquer intervenção, junto à qual se desenvolvem terrenos de cultivo.

É de notar que num percurso à cota da ribeira não há a percepção tão clara como no Jardim do Moinho das traseiras das moradias, uma que as mesmas afastam-se da ribeira em direcção à rua de onde têm o seu acesso principal. De forma que no contacto com a ribeira apenas observa-se o desenho dos muros dos seus lotes, numa cota superior à do percurso.



Fig.114 Rua Direita da Ribeira Grande, 1897

3.2 VALORIZAÇÃO DA MEMÓRIA

3.2.1 A RUA COMO ESPAÇO DE CONVÍVIO

Sem qualquer tipo de "preconceito" anterior, a rua é o negativo da massa edificada. Vazio esse que resulta de uma relação íntima entre duas fachadas e que promove, normalmente, um percurso de um ponto a outro, ou acesso. Aldo Van Eyck descreve a rua como o lugar "entre" para onde dão todas as portas principais.

Desta forma, a rua promove naturalmente o contacto social entre os seus utilizadores, e maioritariamente entre os seus residentes. Há a tendência de uma extensão do espaço privado da casa para o espaço público da rua. Esta é a conexão entre dois espaços privados.

> *"A posição intermédia das ruas no ambiente, na intersecção entre público e privado, indivíduo e sociedade, movimento e calma, construído e não construído, arquitectura e urbanismo, exige que seja dada atenção simultaneamente às pessoas e ao ambiente físico, e às suas inúmeras correlações."*[69]

No entanto, há que ter em conta que as ideias acima desenvolvidas relacionam-se directamente com o tempo, escala e condição humana.

Ao falar do tempo pretende-se considerar que este funciona como um agente modificador. Por exemplo, no caso da Fábrica da Chicória durante os seus anos de funcionamento era vista pelos residentes como um ícone de sucesso; hoje, apresenta-se como um caso de abandono. Ou seja, ao longo do tempo, devido a várias influências externas há uma modificação na vivência e percepção do espaço.

Com o tempo criam-se distâncias. Num mesmo espaço passam a estar contidos diferentes momentos reflectidos nas variadas apropriações que foi sofrendo. Antes as ruas eram maioritariamente de carácter pedonal, e ao contrário do que se vê hoje não havia a sobrevalorização do automóvel em detrimento do homem e do seu espaço.

69. ANDERSON, Stanford - *On streets.* Institute for Architecture and Urban Studies, Cambridge, Mass. : The MIT Press, 1994; pág 1



Fig.115 Rua na Ribeirinha no séc.XX



Fig.116 Rua do Jogo

Na maioria dos casos, o desenho das ruas de hoje é influenciado pela dimensão do automóvel e não a do homem, o que cria espaços desproporcionais em relação a pré-existências (com maior relação ao homem) e à própria natureza humana.
Desta forma, a rua perde uma das suas principais características: a vivência social humana.

> *"Jogos, reuniões, festas, encontros, cerimónias e atividades assemalhadas que se oponham às ideias de privacidade e de intimidade, encontram na rua o seu lugar ideal. É aqui que deve estar o que é de todos, de modo que, quando se dão em locais fechados, fazem-nos sofrer uma transformação."* [70]

Na Ribeirinha e na maior parte das povoações açorianas é interessante constatar que o passeio não assume grande impacto nos desenhos urbanos que chegaram até aos dias de hoje. O passeio resulta, normalmente numa espécie de soleira com cerca de 60 cm que contorna as casas e a rua. Desta forma, no caso da Rua do Jogo, a distância entre a rua e a porta de casa torna-se menor e contribuí para uma maior relação entre privado e público.

Nas várias visitas à Ribeirinha nota-se ,como ainda é natural, uma interacção constante entre todos os vizinhos. Normalmente, as senhoras estão à janela ou sentadas na soleira da porta a vigiar as pessoas que passam ou as crianças que brincam na rua.

Tratando-se de ruas que não têm um grande movimento de carros, com a expecção da Rua Direita, as crianças ainda brincam na rua, esta é uma parte essencial de espaço público para os habitantes da localidade.

70. SANTOS, Carlos Nelson F.dos - *Quando a Rua Vira Casa, A apropriação de espaços de uso colectivo em um centro de bairro.* São Paulo: FINEP/IBAM, 1985, pág.13



Fig.117_I Festas do Espírito Santo na Rua do Jogo



Fig.117_II



Fig.117_III

Um dos eventos que exemplifica essa relação clara entre a rua e a vivência dos os habitantes da Ribeirinha, e consequentemente nas localidades micaelenses, são as festas do Espírito Santo.

Desde pequena que as festas do Espírito Santo significam ir à freguesia mais próxima comer as famosas sopas, que nunca foram do meu agrado, ou carne guisada oferecida pelo mordomo[71]. Vêm-me à memória as casas, sempre pintadas de diferentes cores, os efeitos festivos e o quarto do espírito santo. Normalmente, as casas micaelenses possuem ao nível do rés-do-chão um quarto que tem acesso para a fachada principal. Nesse quarto é costume colocar-se a coroa do Espírito Santo em exibição, sendo o mesmo decorado com flores e em tonalidades de branco, representando a pureza da crença.

Cria-se assim uma relação de "montra" entre a casa que acolhe a coroa e as pessoas que passam na rua, durante as festividades. Durante a semana de festa o próprio quarto também serve de palco para diferentes celebrações religiosas, sendo que a sua visibilidade é importante para que toda a vizinhança possa participar.

Ao longo deste trabalho teve-se a sorte de presenciar as Festas do Espírito Santo na Rua do Jogo – dentro da mesma freguesia, todas as semanas, há uma festa do Espírito Santo numa rua diferente – e observou-se como a zona da Fábrica da Chicória, foi onde a maioria das pessoas se manteve e onde se construiu o palco das festividades (como se pode ver nas imagens ao lado).

Durante as festas há total apropriação da rua como espaço público por parte dos residentes. Abrem-se as portas, conversa-se junto ao íntimo da casa, e a própria rua transforma-se numa enorme sala de jantar que recebe quem se quiser juntar à refeição.

Como alguém que estuda, e estudava a zona da Fábrica, este foi um momento crucial para a compreensão das pessoas que vivem junto ao edifício abandonado.

71. "Anualmente, as festas do Espírito Santo decorrem um pouco por todo o arquipélago dos Açores, todas as semanas desde a Páscoa até ao Domingo de Pentecostes, em alguns casos, ou Domingo da Trindade, noutros casos. No geral, durante as festividades semanais realizam-se as "alumiações" - um misto de veneração das insígnias do Divino e de convívio alegre - e canta-se o "pezinho" ao mordomo e às pessoas que realizam generosas ofertas ao Espírito Santo." in *http://www.azores.gov.pt/Gra/srrn-cets/conteudos/livres/Culto+do+Esp%C3%ADrito+Santo.htm*

HIPÓTESES DE INTERVENÇÃO

"Lança-se uma pedra na água. A areia agita-se e volta a assentar. O distúrbio foi necessário. A pedra encontrou o seu lugar. Mas o lago já não é o mesmo."[72]

72. ZUMTHOR, Peter, Op.cit.; pág. 17


Ribeira Grande
Ribeirinha

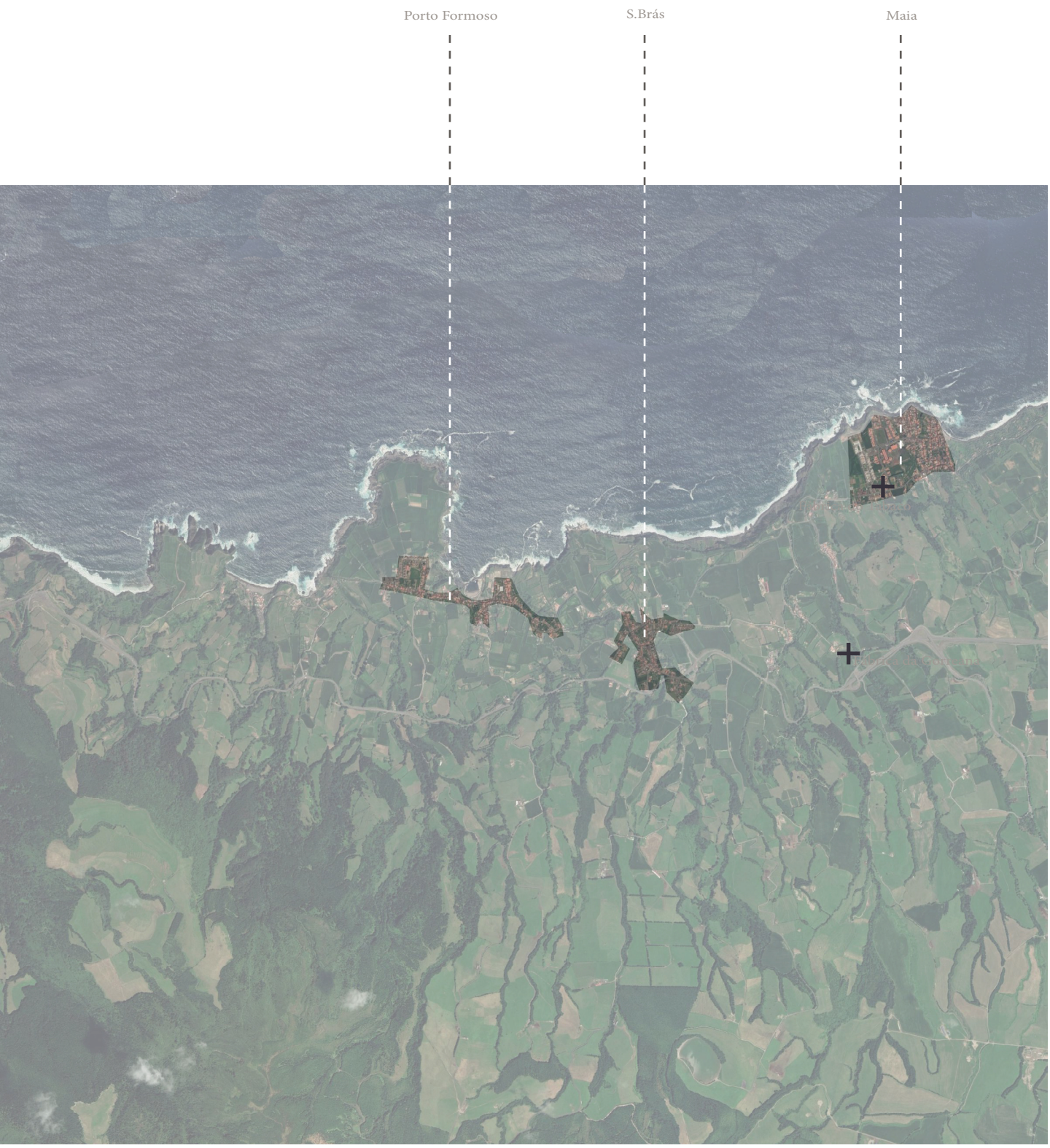


Fig.118 Ortofotomapa com a localização das fábricas em análise e das consequentes freguesias.



Fig.119 Fábrica do Linho

4.1 EXEMPLOS DA COSTA NORTE

Ao longo da zona norte da ilha de São Miguel desenvolveram-se várias indústrias, a maioria das quais hoje encontra-se inactiva. Relacionadas directamente com os ciclos de culturas, anteriormente mencionados, as infraestruturas criadas para a produção e armazenamento deixaram de ser necessárias aquando do desaparecimento das culturas. Os casos multiplicam-se por toda a ilha, em cidades como Ponta Delgada ou Lagoa (na costa sul), no entanto, procurou-se uma análise apenas da zona norte onde se destacaram quatro exemplos distintos de intervenção/ falta de intervenção em antigas fábricas.

Destaca-se a antiga Fábrica do Álcool, hoje o Centro de artes contemporâneas dos Açores; a antiga Fábrica de Tabacos da Maia, hoje reaberta como Museu do Tabaco; a Fábrica de Chá Gorreana; e por fim, a antiga Empresa de Fiação e Tecelagem Micaelense (conhecida apenas por Fábrica do Linho).

Os casos de estudo representam diferentes apropriações e consequentes intervenções em edifícios de carácter industrial na costa norte de São Miguel. Considerou-se que após um conhecimento aprofundado do caso de estudo – a Fábrica da Chicória – era necessário identificar situações semelhantes e estudar as atitudes tomadas. Desta forma, procura-se aprender reconhecendo os pontos positivos e negativos dos quatro casos.

> *"Do restauro à reutilização, passando pela encenação e pela animação, a valorização do património apresenta formas múltiplas, de contornos imprecisos, que muitas vezes se confundem ou se associam."*[73]

73. CHOAY, Françoise, Op.cit.; pág.228



Fig.120 Fachada Norte da Fábrica do Álcool, anterior à intervenção



Fig.121 Incêndio na Fábrica aquando da sua utilização como secadouro de Tabaco, 1970

4.1 EXEMPLOS DA COSTA NORTE

4.1.1. FÁBRICA DO ÁLCOOL

Após a cultura das laranjas ter tido insucesso em São Miguel devido a uma praga, os micaelenses investiram na plantação de batata-doce e na sua possibilidade como matéria para a destilação do álcool. Desta necessidade, começou em 1894[74] a construção da Fábrica de Destilação Ribeira-Grandense.

O seu funcionamento como fábrica de destilação do álcool foi de pouca duração, uma vez que em 1901, por parte do Governo Central de Portugal, foi assinado um decreto que reduzia os limites para a produção de álcool na região. Desta forma, sem uma apuração de data concreta, sabe-se apenas que posteriormente foram fechadas em São Miguel duas das fábricas de álcool, sendo uma delas a da Ribeira Grande[75].

Após o seu primeiro uso, as infraestruturas passaram por diferentes donos até aos dias de hoje, em que são propriedade da Região Autónoma dos Açores (desde 2006)[76]. É de salientar que durante 1969-1999 foi propriedade da Fábrica de Tabaco Micaelense, de forma a ser usada para a secagem e armazenamento de tabaco[77].

Através da Secretaria Regional da Cultura dos Açores foi lançado um concurso de arquitectura para a reconversão do antigo espaço num Centro de Artes Contemporâneas. As equipas do arquitecto João Mendes Ribeiro e dos arquitectos Cristina Guedes e Francisco Viera de Campos (Gabinete Menos é Mais) desenharam a proposta vencedora.

Ao contrário da Fábrica da Chicória, a antiga Fábrica do Álcool localiza-se próxima do início da Rua Direita da Ribeira Grande, considerada uma zona consolidada e desenvolvida do ponto de vista urbano. Contudo, a própria massa edificada do antigo pólo industrial, hoje pólo das artes açorianas, faz a transição entre a zona histórica da cidade e o seu desenvolvimento posterior na direcção oeste.

A envolvente próxima do caso de estudo trata-se de um campo de futebol, um parque de estacionamento com metade da sua dimensão (lado oeste) e de um armazém e escritório de uma empresa de construção civil (lado este).

74. *A Persuasão*, n.º1683 – Ponta Delgada: 18.04.1894

75. GREGÓRIO, Rute Dias - *CulturAçores – Revista da Cultura* - nº2 – Angra do Heroísmo: Direcção Regional da Cultura, 2005, pág. 27

76. Ibid., p.27

77. Ribeira Grande: São Miguel: Inventário do Património Imóvel dos Açores, [S.L], Direção Regional da Cultura, IAC – Instituto Açoriano de Cultura e Câmara Municipal da Ribeira Grande, 2007, pág. 155



Fig.122_I Ortofotomapa da Fábrica do Álcool abandonada, 2007



Fig.122_II Ortofotomapa após intervenção do actual Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas dos Açores, 2018

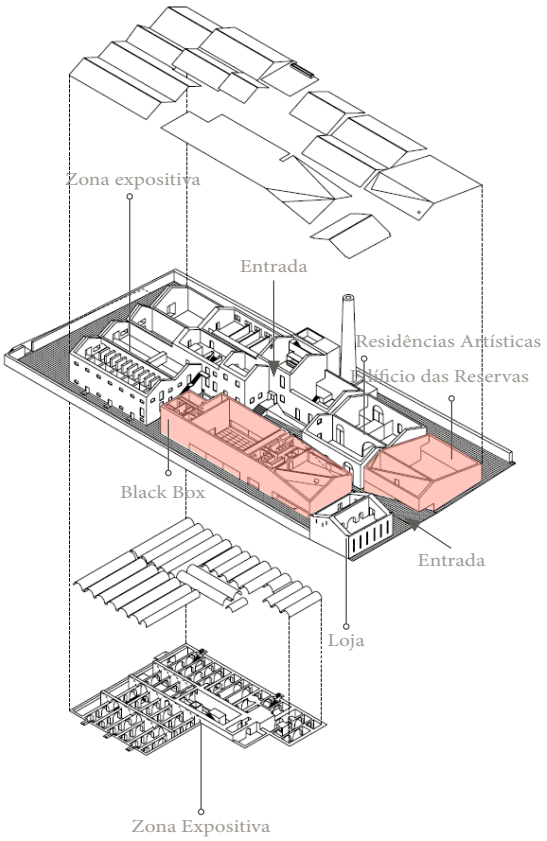


Fig.123 Axonometria do novo projecto para o Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas dos Açores; Indicados a vermelho os edifícios de construção nova

A proposta da equipa do gabinete Menos é Mais e do Arq. João Mendes Ribeiro reflecte uma leitura completa do edificado, onde há um reconhecimento da pré-existência e das suas qualidades. E através de uma leitura crítica identifica os problemas e os aspectos a melhorar para uma adaptação do edificado aos dias de hoje.

Na memória descritiva do projecto lê-se:

> *"O projecto compromete-se com a qualidade do existente, pondo em manifesto as variações tipológicas – os novos edifícios são colocados ao lado dos existentes de forma "serena" clarificando o que é existente num determinado período e o que se lhe acrescenta, sem ferir ou desvirtuar as estruturas espaciais e construtivas do conjunto. Contexto e contiguidade contribuem para a autonomia do objecto."*[78]

Neste caso não há uma procura de contraste berrante entre o novo e o antigo, mas apenas a constatação de que estamos perante um espaço que já presenciou outras realidades temporais e usos diferentes dos agora evocados. Não se pretende retomar o espaço ao seu antigo esplendor mas sim adaptá-lo ao mundo de hoje e às suas necessidades.

As áreas do novo programa eram inconcebíveis apenas no edificado pré-existente, assim a proposta indicava a construção de dois novos corpos. No entanto, no seu desenho a construção nova adequa-se à antiga e completa-a. De forma que da relação entre o edificado recente e o pré-existente nasce um novo pátio que serve de entrada para os variados serviços existentes: BlackBox, Residências Artísticas e Galerias de exposição/Corpo Principal.

Assim, as novas construções não só resolvem o problema das funcionalidades pedidas pelo programa, como ajudam a clarificar e a dar valor aos volumes da antiga fábrica.

78. Memória descritiva do projecto in *http://menosemais.com/conteudo/arquipelago*

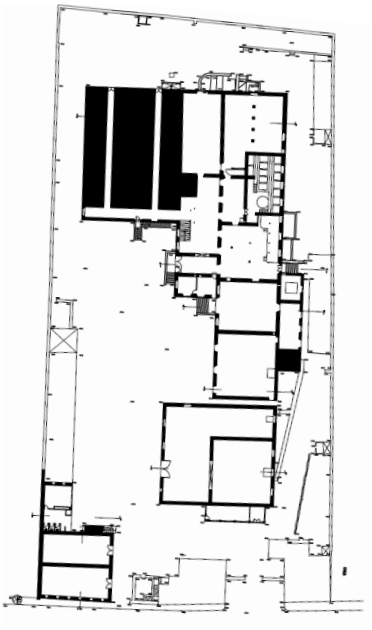


Fig.124_I Planta do existente na fase de concurso; Piso 0

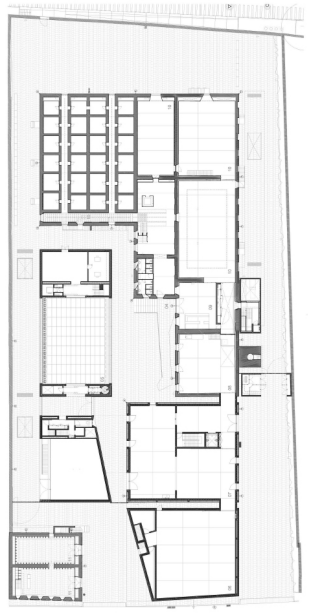


Fig.124_II Planta actual do Arquipélago; Piso 0



Fig.125 Fachada Norte do Arquipélago



Fig.126_I Actividades no Pátio interior

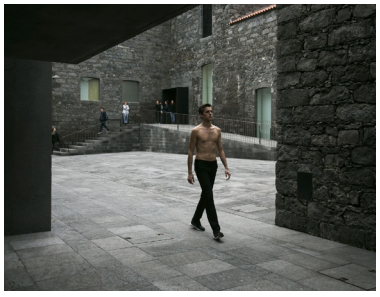


Fig.126_II



Fig.126_III

Um dos principais sucessos desta intervenção relaciona-se directamente com a matéria, neste caso a pedra do basalto. A proposta manteve a imagem visual exterior da alvenaria de pedra vulcânica do existente, transformando apenas o interior para poder responder a condições de acústica e isolamento. Redesenharam as estruturas de madeira que sustêm os tectos e que agora emolduram as salas de exposição.

Nos novos edíficios houve uma preocupação com a continuação da sensação dada pelo basalto. A utilização do basalto é muito comum nos Açores, e em qualquer ilha que seja de natureza vulcânica, sendo que a pedra é por natureza porosa e negra, podendo adquirir diferentes tons e texturas dependendo da utilização do verniz ou da sua ausência.

Como explica o arquitecto Viera de Campos numa das conversas sobre a obra, a pedra e a sua alvenaria possuem um cariz manual, uma relação intrínseca com as mãos do homem que a talham e manuseiam. Por natureza, o betão e a sua cofragem combatem essa natureza do trabalho da pedra, o betão é um processo automatizado e a sua expressão, normalmente, acaba por ser mais homogênea do que a de uma parede em alvenaria.

Assim, no Arquipélago, a equipa de arquitectos decidiu nos edifícios novos relacionar a matéria da pedra basáltica com o betão, utilizando dois métodos de construção: uma arte antiga com uma tecnologia contemporânea. Para esse efeito, o betão utilizado inclui como inerte o basalto e um pigmento para escurecer a cor do betão em relação ao habitual. Tanto a pedra como o pigmento preto ajudaram a escurecer o betão e torná-lo mais de acordo com a tonalidade dos edifícios pré-existentes.

No entanto, a experiência não se ficou pela simples constituição do betão. Houve, também, um investimento no tratamento do betão e na sua consequente textura. Numas partes o betão é polido e noutras bujardado, de modo a haver uma variação nas texturas, tal como acontece na pedra.

> *"Há uma intenção muito clara nos nossos trabalhos de ligar a nostalgia com a tecnologia, levar isso ao limite. Como é que nós conseguimos trazer para dentro de uma técnica construtiva actual a matéria que constrói de facto estes edifícios [antigos]."*[79]

79. VIERA, Francisco de Campos - *O betão encontrou o basalto e isso deu cinzento mais escuro;* Público; Lisboa - Abril de 2015



Fig.127 Pavilhões da Fábrica de Tabaco



Fig.128 Encenação da técnica de secagem do tabaco

4.1.2. FÁBRICA DE TABACOS DA MAIA

A Fábrica de Tabacos da Maia esteve em funcionamento na freguesia durante 117 anos (1871-1988) e chegou a ser uma das maiores empregadoras da localidade, de forma que a sua memória nos residentes é ainda presente e acarreta grande valor sentimental.

> *"Simplesmente, recordemos, a multidão de homens e mulheres de batas amarelas com toucas brancas, que pelas oito da manhã entravam ao serviço na fábrica do tabaco que em 1970 eram cerca de oitenta pessoas."*[80]

A freguesia da Maia localiza-se na zona Oriente do concelho da Ribeira Grande e não pertence ao que, no Plano Director Municipal, são consideradas as freguesias urbanas que constituem a cidade da Ribeira Grande. Um empreendimento desta natureza na Maia tem maior impacto do que na zona urbana da Ribeira Grande, pois a dificuldade (antigamente) ou o tempo (hoje) de deslocação são um factor importante.

A produção de tabaco ainda continua nos dias de hoje em São Miguel. Susana Tiago, antropóloga responsável pelas exposições do Museu, explica que no século XIX a cultura do tabaco aumentou exponencialmente na zona oriental do concelho, mas que hoje em dia limita-se, maioritariamente, a plantações para consumo próprio.

Contudo, em São Miguel ainda existem duas fábricas de tabaco em Ponta Delgada: Fábrica de Tabaco Micaelense e Fábrica de Tabaco Estrela, além de cerca de 46 produtores[81] locais.

Após estar em desuso desde 1988, a Fábrica de Tabacos da Maia reabriu como o Museu do Tabaco da Maia em 2009. As infraestructuras da indústria foram adquiridas pela Santa Casa da Misericórdia do Divino Espírito Santo da Maia e fazem parte do programa do Parque Temático da Maia.

80. Testemunho de Ana Maria Morais, residente da Maia.

81. Informação retirada da entrevista a Jorge Rita, Presidente da Associação Agrícola de São Miguel in https://www.rtp.pt/acores/economia/associacao-agricola-de-s-miguel-teme-que-a-producao-de-tabaco-desapareca-video_55159, 2017

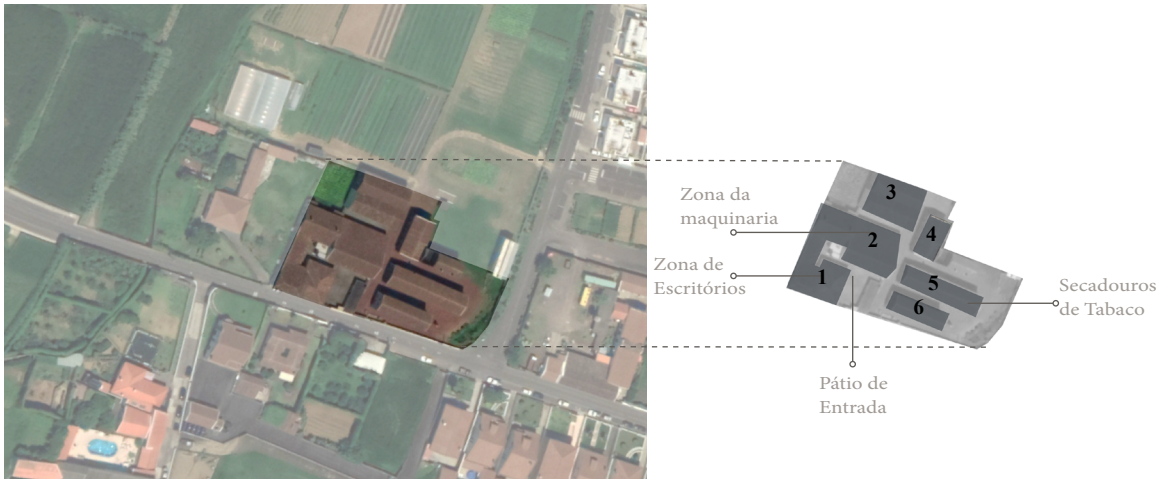


Fig.129 Ortofotomapa do actual Museu do Tabaco da Maia, 2018



Fig.130_I Pátio de entrada



Fig.130_II Espaço exterior entre Zona 3 e 4



Fig.130_III Fachada norte Zona 3



Fig.130_IV



Fig.130_V Zona 6



Fig.130_VI Zona 2



Fig.131 Imagem anterior à intervenção

A sua recuperação teve lugar entre 2004 e 2009 e segundo Laudalino Rodrigues, provedor da Santa Casa da Misericórdia, centrou-se maioritariamente na recuperação dos telhados, máquinas e na pintura. No entanto, Laudalino Rodrigues destaca que a maior preocupação se relacionou com a recuperação da memória dos trabalhos que lá tiveram lugar e a consequente montagem do museu.

Aqui observamos apenas um trabalho de restauro. A intervenção centra-se na recuperação do estado físico dos vários edíficios sem os questionar. Equacionam-se novos caixilhos, novas pinturas, novos telhados para imitar algo que já existiu noutra realidade temporal com a intenção de resgatá-lo para os dias de hoje.

Interpreta-se aqui o próprio edíficio como uma peça de museu exposta, como uma escultura ou pintura que foi restaurada ao seu antigo esplendor.

A exposição distribui-se por seis espaços: sala de transformação do tabaco (2), sala de pesagem e prensagem (6), secador de lume directo (5), secador de lume indirecto (5), ponte-báscula e plantações de tabaco (terreno circundante da fábrica).

Além dos espaços acima referidos, o museu passa a integrar uma biblioteca e um auditório.

A proposta de reactivação do antigo complexo industrial de tabacos da Maia baseia-se numa mumificação de antigos espaços que recriam tempos passados, o que François Choay apelidaria de "encenação e animação"[82].

> *"Para retomar a palavra de um historiador suíço, o museu, que era uma instituição, tornou-se numa mentalidade. Não só todos os conhecimentos técnicos e todos os artesanatos desaparecidos ou ameaçados possuíam, desde então, os seus museus, mas também todas as técnicas industriais e os seus produtos (automóvel, caminho-de-ferro, fonógrafo, telefone…)."*[83]

82. CHOAY, Françoise. Op.cit, pág.228
83. Ibid., pág.259



Fig.132_I Festa das Colheitas



Fig.132_II



Fig.133 Actividades desenvolvidas pelo Serviço Educativo



Fig.132_III

Contudo, observa-se que apenas a renovação física de um espaço abriu novas portas aos residentes da Maia, embora outras potencialidades pudessem ter sido estudadas.

O espaço de biblioteca e auditório são usados para aulas e formações providenciadas pelas instituições públicas, para eventos escolares e dinamização de actividades pedagógicas.

Os terrenos circundantes da fábrica foram aproveitados para a criação de estufas e são agora lugar para a cultura biológica de ervas aromáticas, chás que são utilizados pela empresa de reinserçao social Três Pontas[84].

Além disso, no Museu do Tabaco da Maia têm lugar as Festas da Colheita, uma celebração das várias culturas que já tiveram lugar na zona oriental do concelho da Ribeira Grande: o milho, o linho, o tabaco e o chá. Embora o milho e o tabaco apenas continuem a ser plantados para consumo próprio, o chá ainda é uma cultura produzida industrialmente devido à actividade da Fábrica Gorreana.

84. A Empresa de inserção "Três Pontas", criada em 2016, constitui um empreendimento da Santa Casa da Misericórdia do Divino Espirito Santo da Maia, que nasce no âmbito da economia solidária para o fomento de emprego e inclusão social nas freguesias rurais da zona oriental do concelho da Ribeira Grande (Porto Formoso, S. Brás, Maia, Lomba da Maia, Fenais D`Ajuda e Lomba de São Pedro).



Fig.134 Edíficio principal da fábrica


Fig.135 Trabalhadora a colocar o chá nos recipientes de venda

4.1.3. FÁBRICA DA GORREANA

Evoca-se o caso da Fábrica da Gorreana como uma das únicas fábricas relacionada com uma cultura agrícola, neste caso o chá, que se mantêm em funcionamento na costa norte.

Aberta desde 1883, e sem nunca interromper o seu funcionamento, a Gorreana concentra-se na produção de chá verde e preto.

O complexo é constituído por um edíficio principal onde se desenrolam os vários momentos de fabrico. No entanto, na envolvente, situam-se antigos armazéns, a casa de família dos responsáveis pela indústria e os campos de plantação de chá, que em 2017 ocupavam cerca de 35 hectares[85].

À chegada temos a possibilidade de entrar na zona da fábrica, de usufruir do café/loja ou de um passeio pelas plantações. Na Gorreana há a possibilidade de visitar todos os compartimentos da produção de chá desde a sua colheita, ou seja, há uma interacção directa entre a instituição de um museu e de uma indústria. Isto acontece pelo facto de a indústria se situar no arquipélago dos Açores, que tem sido alvo incessante de atracção turística. Além disso, o modo de produção da fábrica em questão é único e continua a ser praticamente o mesmo, desde a sua abertura.

Por exemplo, para a criação do chá preto colhe-se a folha, leva-se a mesma para uma sala com tabuleiros de madeira e fundos em rede de galinheiro onde a folha deve murchar durante 10 horas - após essa fase as folhas são transferidas para o piso inferior através de um buraco no chão. Nessa altura são colocadas nos cilindros (máquinas com cerca de 100 anos[86]) para serem enroladas e libertarem a seiva. Depois, proporciona-se a oxidação (durante 3 horas) e por fim passam pelo processo de secagem, novamente com o auxílio de máquinas.

85. MOTA, Madalena in Fabrico Nacional, Rtp1, Açores, 2017

86. Máquinas Marshall originais datadas de 1840.



Fig.136 Ortofotomapa do complexo da Fábrica da Gorreana, 2018



Fig.138 Fachada Oeste da Fábrica



Fig.139_I Corte das folhas



Fig.137 Plantações de chá na envolvente da Fábrica da Gorreana



Fig.139_II “Murchar” das folhas



Fig.139_III O “enrolar” das folhas nos cilindros



Fig.139_IV Seleção das folhas

Hoje, a fábrica emprega 48 funcionários e é um dos grandes empregadores da zona oriental da Ribeira Grande, especialmente das freguesias da Maia e Porto Formoso que estão mais próximas geograficamente.

Uma das razões pela qual a fábrica ainda resiste nos tempos de hoje é o facto de ter sido instalada uma hídrica que produz energia através do aproveitamento da força da ribeira que passa na propriedade do complexo industrial.

É interessante notar, também, que em 2012 cerca de 47% da sua produção se destinou ao mercado açoriano, e a restante produção divide-se entre o continente e estrangeiro (com destaque para a Alemanha e França)[87].

87.https://www.acorianooriental.pt/noticia/plantacoes-de-cha-dos-acores-produzem-50-toneladas-anuais-e-sao-as-unicas-da-europa



Fig.140 Ortofotomapa da antiga fábrica do linho, 2018



Fig.141 Interior de um dos pavilhões da Fábrica do Linho actualmente

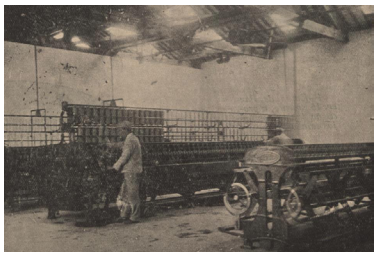


Fig.142.I Interior dos pavilhões, 1929

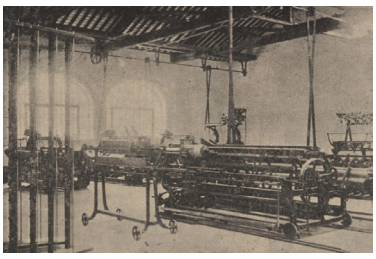


Fig.142_II

4.1.4. FÁBRICA DO LINHO

A Fábrica do Linho situa-se na Ribeirinha, tal como a Fábrica da Chicória. No entanto, esta localiza-se entre a zona central da Ribeirinha e o lugar das Gramas, sendo que ao contrário da Fábrica da Chicória não possuiu residências na envolvente próxima.

Oficialmente chamada de "Empreza de Fiação e Tecelagem Micaelense" a fábrica foi adquirida em 1929 pela Casa Bensáude & Cª, Lda. Através dos livros de contabilidade disponíveis para consulta conseguiu-se reger o tempo de actividade entre 1929-1944. No entanto, em conversa com alguns residentes da Ribeirinha, a década de 60 foi mencionada como data de encerramento da Fábrica. Considerar-se-á o intervalo entre 44-60, sem uma data concreta, como o período em que se deu a cessão de actividade da fábrica.

A informação escrita acerca da fábrica do linho é bastante reduzida, tal como acontece com a fábrica da chicória. No entanto, a leitura dos cadernos de contabilidade serviu para a compreensão dos diferentes pavilhões da empresa, tal como para as dificuldades[88] presentes na constituição de uma indústria da natureza na ilha de São Miguel.

É importante perceber que o funcionamento desta fábrica coincide com o da fábrica da Chicória, pelo que ambas tiveram uma grande importância na zona da Ribeirinha empregando tanto trabalhadores na fábrica como incentivando agricultores a plantar as culturas que a indústria explorava. Desta forma, na memória das gerações que presenciaram o seu funcionamento os complexos industrias acarretam uma imensa memória afectiva.

88. "FIAÇÃO: Esta secção esta a cargo de um fiador alemão há 2 anos ao nosso serviço. O linho de S.Miguel, especialmente das áreas de Pico da Pedra, Lagoa e Maia é de boa qualidade. No entanto a media da palha de linho recebida dos cultivadores, deixa muito a desejar, havendo alguma curtíssima, que não chega a ser de 3ª qualidade, e muito alforrada e automacerada, o que dificulta grandemente a maceração industrial, que tem de ser muito atentamente vigiada, para que essa palha já um tanto macerada pela acção atmosférica não saia dos tanques de todo apodrecida." Informação com base no Livro de Contabilidade de 1930 da "Empreza de Fiação e Tecelagem Micaelense", consultado em Dezembro de 2018 na Biblioteca e Arquivo da Universidade dos Açores.



Fig.143_I Estado actual da Fábrica



Fig.143_II



Fig.143_III



Fig.143_IV

Hoje, o acesso à antiga fábrica é feito pelo Centro de Inspecções Automóvel que se construiu à frente da mesma. Esta atitude desvalorizou a fábrica por considerá-la as traseiras do novo edíficio, como se quisesse esconder as ruínas em questão e deixá-las ao esquecimento, pois quem não vê, não sabe.

A fábrica era constituída por vários pavilhões e sofreu ampliações[89] aquando da sua compra por parte da família Bensáude. Segundo o livro de contabilidade de 1934 contavam-se os seguintes espaços na fábrica: pavilhão de fiação, pavilhão de tecelagem, oficina de tasquinhas, depósito de tecidos, escritório, fábrica de espadana, refeitório, carpintaria, tinturaria, casa de secagem, central e instalações elétricas, branqueação e respectivos tanques, arrecadação e estábulo.

89. "Estas construções, ampliações, e compra de maquinas, consideradas indispensáveis pelos entendidos, absorveram-nos um grande capital, que onera bastante a nossa produção, já de si precária." Informação com base no Livro de Contabilidade de 1934 da "Empreza de Fiação e Tecelagem Micaelense", consultado em Dezembro de 2018 na Biblioteca e Arquivo da Universidade dos Açores.



Fig.144 Fábrica do Linho

4.1.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje, a principal actividade económica em São Miguel centra-se na indústria leiteira e na exploração de gado bovino, na medida que muitas culturas de chicória, linho e tabaco foram substituídas por pastagens.

Os casos da antiga Fábrica do Álcool e do actual Museu do Tabaco da Maia são semelhantes no âmbito geral do seu destino: substituição da indústria de produção pela indústria cultural. Contudo, em termos de solução arquitectónica observam-se atitudes diferentes.

Na intervenção na Fábrica do Álcool: questiona-se a pré-existência de modo a melhorá-la e a aprender, como por exemplo no desenho dos novos volumes que procuram uma relação entre o novo e o antigo através das suas coberturas, dos alinhamentos decididos na sua implantação e na própria materialidade do betão utilizado.

Na Fábrica do Tabaco há uma aceitação completa da pré-existência sem a questionar, caíu-se no facilitismo do restauro e da representação da forma como "antigamente se fazia".

> *"O edifício industrial é como uma ponte por onde já não haja necessidade de passar, um objecto melancólico, ausente, um terrain vague. Podemos imaginar estes espaços ocupados pela indústria do século XXI, a indústria da cultura."* [90]

Nestes dois casos levanta-se a questão do programa, tal como Jorge Figueira e Ana Vaz Milheiro mencionam em 2005 os espaços industriais passarão a albergar eventos e programa de natureza cultural. No entanto, questiono-me: é esta a nossa única solução para "as pontes que deixamos de querer passar"?

90. FIGUEIRA, Jorge, MILHEIRO, Ana Vaz - *A arquitectura da indústria, 1925-1965 : registo docomomo ibérico*. ed. Celestino Garcia Braña, Susana Landrove, Ana Tostões ; trad. Maria de Lurdes Perdigão. - Barcelona : Fundação Docomomo Ibérico, 2005. pág.91



Fig.145_I Fábrica da Chicória



Fig.145_II

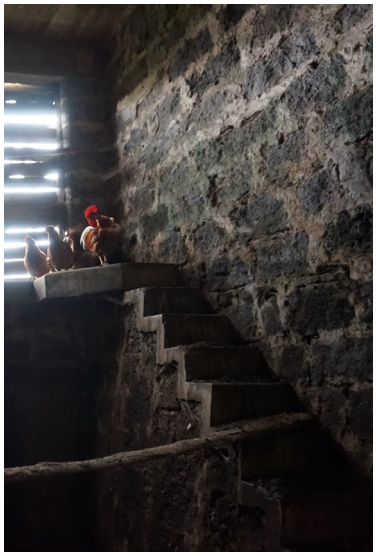


Fig.145_III

Não se pretendeu aqui superiorizar uma solução à outra, nem criticar a museificação como escolha de programa. Apela-se apenas para um pensamento crítico sobre a recuperação, a qual se deve apoiar numa reflexão apriori sobre as pré-existências, colocado-as no espaço temporal de hoje, sem esquecer a memória que acarretam.

Compreende-se também, que os conceitos ligados a intervenções no considerado "Património"[91] tendem a abranger temas ambíguos e passíveis de diferentes interpretações. Considera-se impossível a certificação de sucesso ou a escolha de uma única solução para um tema demasiado abrangente, e especialmente pela sua conotação afectiva.

91. "Património. Esta bela e muito antiga palavra estava, na origem, ligada às estruturas familiares, económicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo. Requalificada por diversos adjectivos (genético, natural, histórico…), que fizeram dela um conceito "nómada", prossegue hoje em dia um percurso diferente e notório." CHOAY, Françoise. Op.cit, pág.11

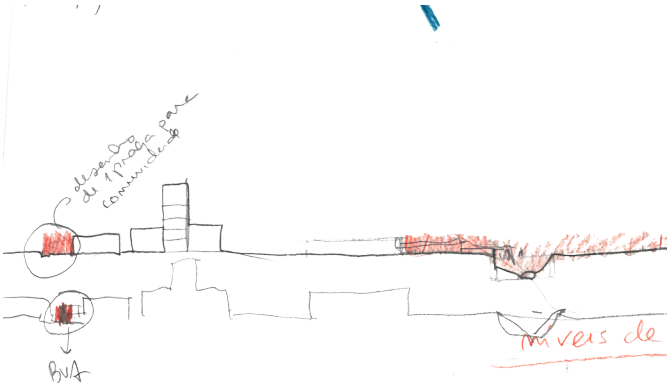


Fig.146 Estudos do perfil do lote da fábrica

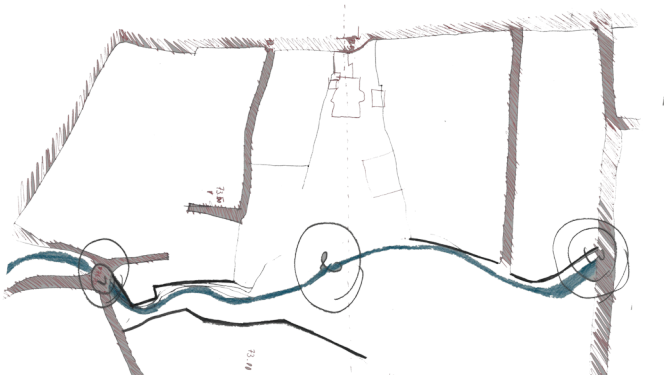


Fig.147 Observações sobre os novos acessos à ribeira

4.2 QUESTÕES DE PROJECTO

4.2.1 LIGAÇÕES

O lote da Fábrica da Chicória abrange no total cerca de 4905 m2, e consequentemente contrasta em escala com a sua envolvente próxima. Um exemplo deste contraste analisa-se na fachada oeste do lote, entrada pela Rua do Jogo, onde caberiam quatro moradias, tal como as que se repetem ao longo da rua em questão. O terreno tem de largura 76,32 m e de comprimento 93,85 m (valores máximos).

Destas características acima descritas resulta uma das particularidades (e dificuldades) do terreno: o facto do seu eixo Oeste-Este ser limitado pela Rua do Jogo e pela Ribeira Velha, consequentemente.

Ainda numa fase inicial do processo projectual considerou-se ligar ambos os limites através da abertura de um percurso pela fábrica ao público. A ideia desenvolveu-se como uma das premissas principais para qualquer um dos estudos, potenciando a relação Rua do Jogo-Fábrica-Largo da Cruz.

Clarifica-se com esta atitude que, neste caso, não se pretende restringir a intervir nas paredes danificadas da torre de secagem, por exemplo, mas sim reactivar um espaço "morto" e devolvê-lo às dinâmicas quotidianas dos residentes e visitantes da Ribeirinha.

Fernando Távora, em Da Organização do Espaço menciona:

> *"É ponto, este das relações arquitectura-urbanismo, em que nunca será demasiado insistir, pois é ainda corrente entre nós, a ideia, traduzindo a tendência contemporânea para esquecer relações e estabelecer categorias estanques, de que uma disciplina nada tem com a outra"* [92]

92. TÁVORA, Fernando, Op.cit; pág.54

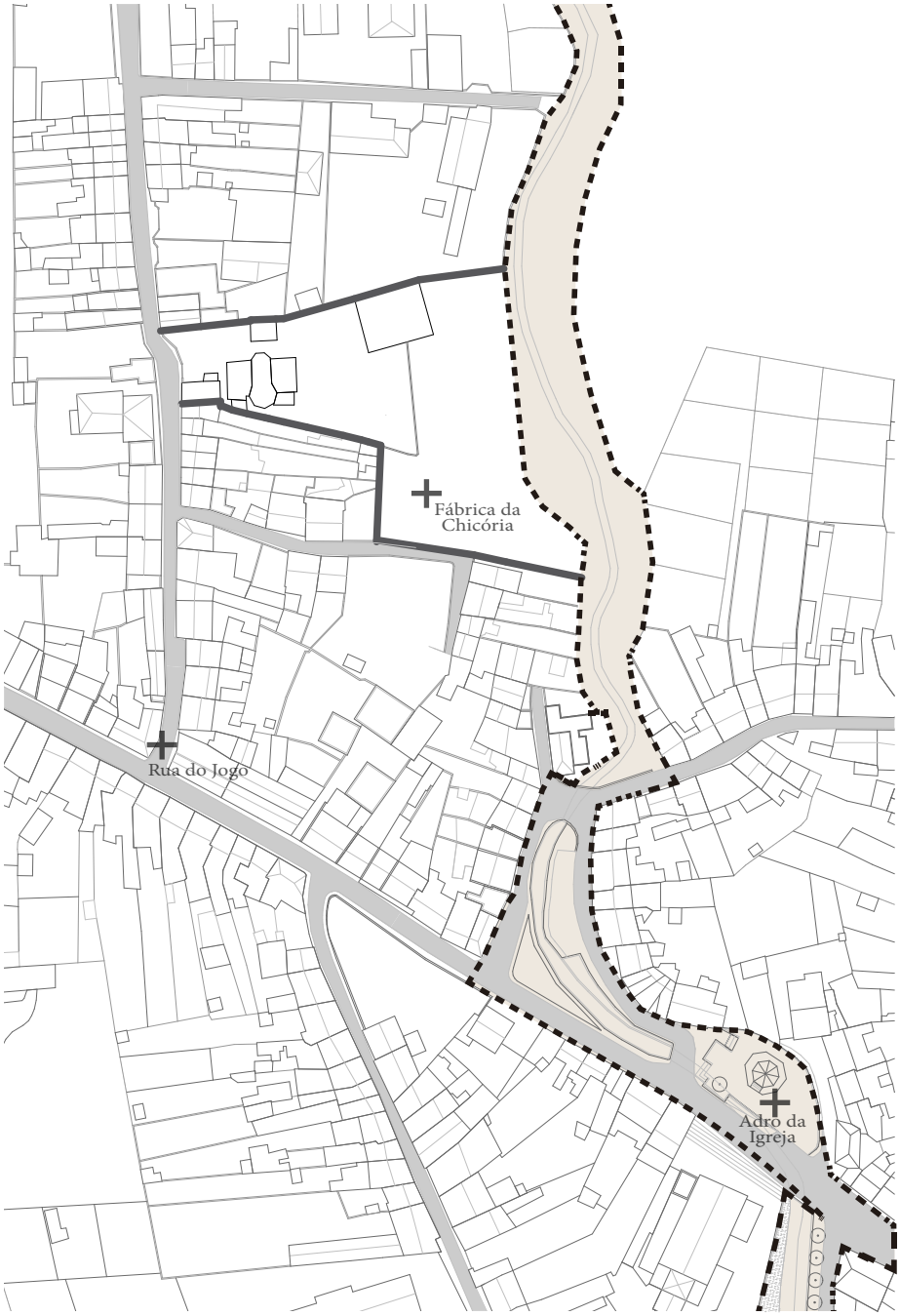
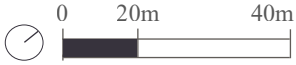


Fig.148 Relação entre o largo da cruz e o lote da fábrica,
a ribeira como ligação. Escala 1:2000



A frase do arquitecto Távora aponta para um erro recorrente, não só na criação de novos edifícios, como na sua recuperação. Uma vez que, a maioria das propostas centram-se, essencialmente, nas patologias construtivas, como paredes e telhados destruídos, infiltrações. Deste modo, ficam por pensar a falta de relações entre o "edifício abandonado" a recuperar e a sua envolvente, a qual provavelmente, sofreu modificações ao longo do tempo e com as quais o mesmo já não se relaciona.

Na Fábrica da Chicória viu-se uma oportunidade de poder ligar um centro já consolidado da freguesia (Largo da Cruz) com a criação de um novo (lote da fábrica) através de um elemento importante para os residentes: a ribeira.

Neste momento, não se aponta para uma solução concreta em termos programáticos (temática que será abordada seguidamente) nem formais. Há apenas a intenção de despoletar vários princípios base para diferentes soluções formais e programáticas.

Destaca-se o intuito de tornar o lote da fábrica uma zona urbana de interesse central, ou seja, transformá-lo numa zona de percurso, paragem e de actividades comuns ao habitante e visitante da localidade. Há a intenção de "reactivar" o edifício da fábrica e espaço exterior adjacente através de novos acessos e ligações urbanas.

Depois, outro passo importante é a revalorização da ribeira. Neste momento, como já se viu, grande parte do percurso de água é tratado apenas como as traseiras das moradias, e a própria população vê a ribeira como algo "escondido" e consequentemente conotado negativamente. Num dos passeios pela mesma encontraram-se vários sacos de lixo que os residentes colocam na ribeira. O presidente da junta explicou-me, também, que esta é uma das suas principais preocupações. Descreveu-me, ainda, que ao longo do ano os seus funcionários efectuam limpezas à ribeira por várias vezes, no entanto, lamentou-se que a mudança de mentalidade ainda está por acontecer.

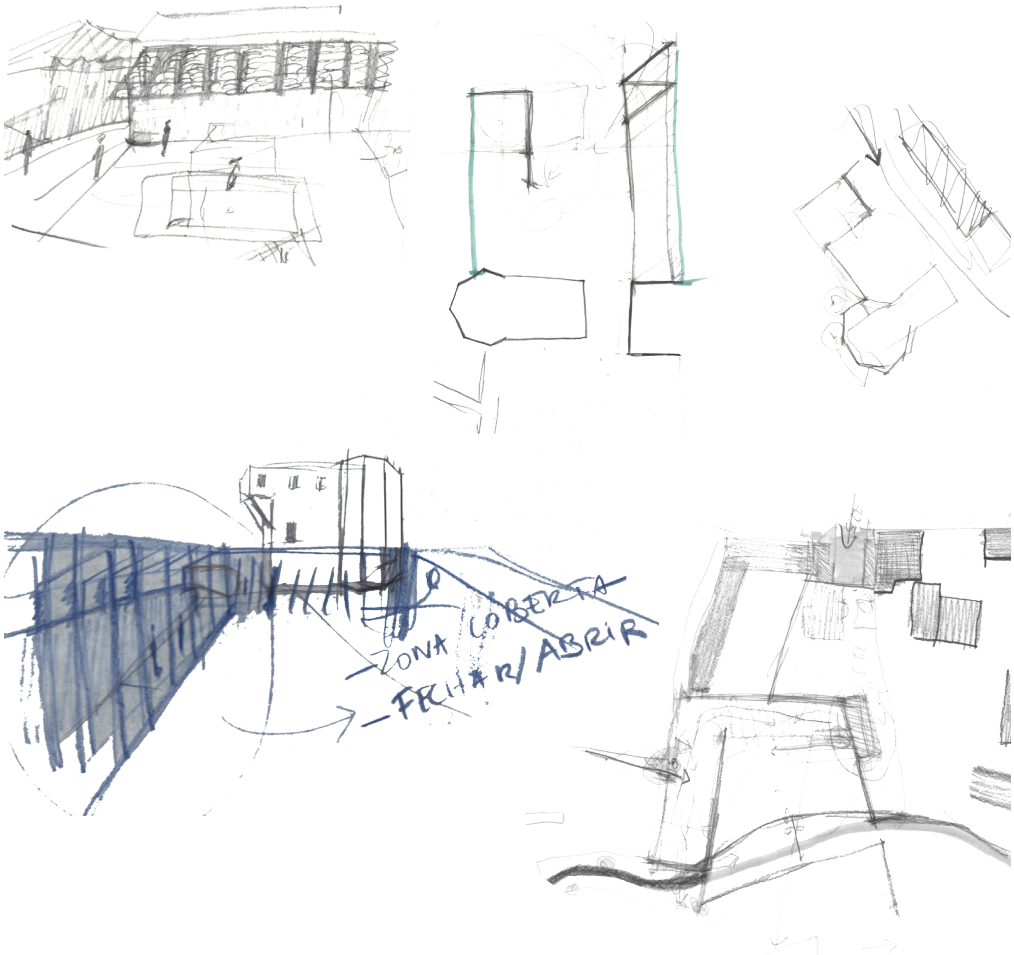


Fig.149 Pensamentos sobre a abertura do pátio da fábrica à rua do Jogo.

Por fim, dentro do mesmo tema, em relação ao limite para com a Rua do Jogo, admite-se a abertura do pátio da fábrica (antiga zona de cargas e descargas) para com a rua e a criação de uma zona pública ligada à mesma, da qual os residentes da rua poderiam usufruir, por exemplo, nas épocas das festas do Espírito Santo.

Assim se realizaram três ideias principais que servem de linhas base para pensamentos posteriores, baseados na abertura e tratamento dos limites Este-Oeste que assentam principalmente na criação de espaço público dentro do lote da fábrica.

Estas linhas inicias de pensamento suscitaram várias dúvidas que por sua vez serviram de estímulo ao desenho de diferentes propostas. Seria todo o espaço público? Que programa melhor serviria esta nova ideia de pólo da freguesia?

> *"Por outro lado, sendo a arquitectura a organização dos espaços internos que interessam à vida dos homens, ela só poderá ser correcta na medida em que tais espaços satisfaçam realmente as necessidades e funções para que foram criados."*[93]

Sobre a afirmação destacada acima importa reforçar que a arquitectura é feita para albergar os homens e as suas actividades, pelo que o interesse do homem no espaço que o circunda influencia directamente o seu uso ou abandono. Desta forma, teve-se sempre em consideração os residentes da Ribeirinha como principais usuários e beneficiários da proposta de intervenção, de onde surge a importância dada ao espaço público.

93. TÁVORA, Fernando, Op.cit.; pág.58

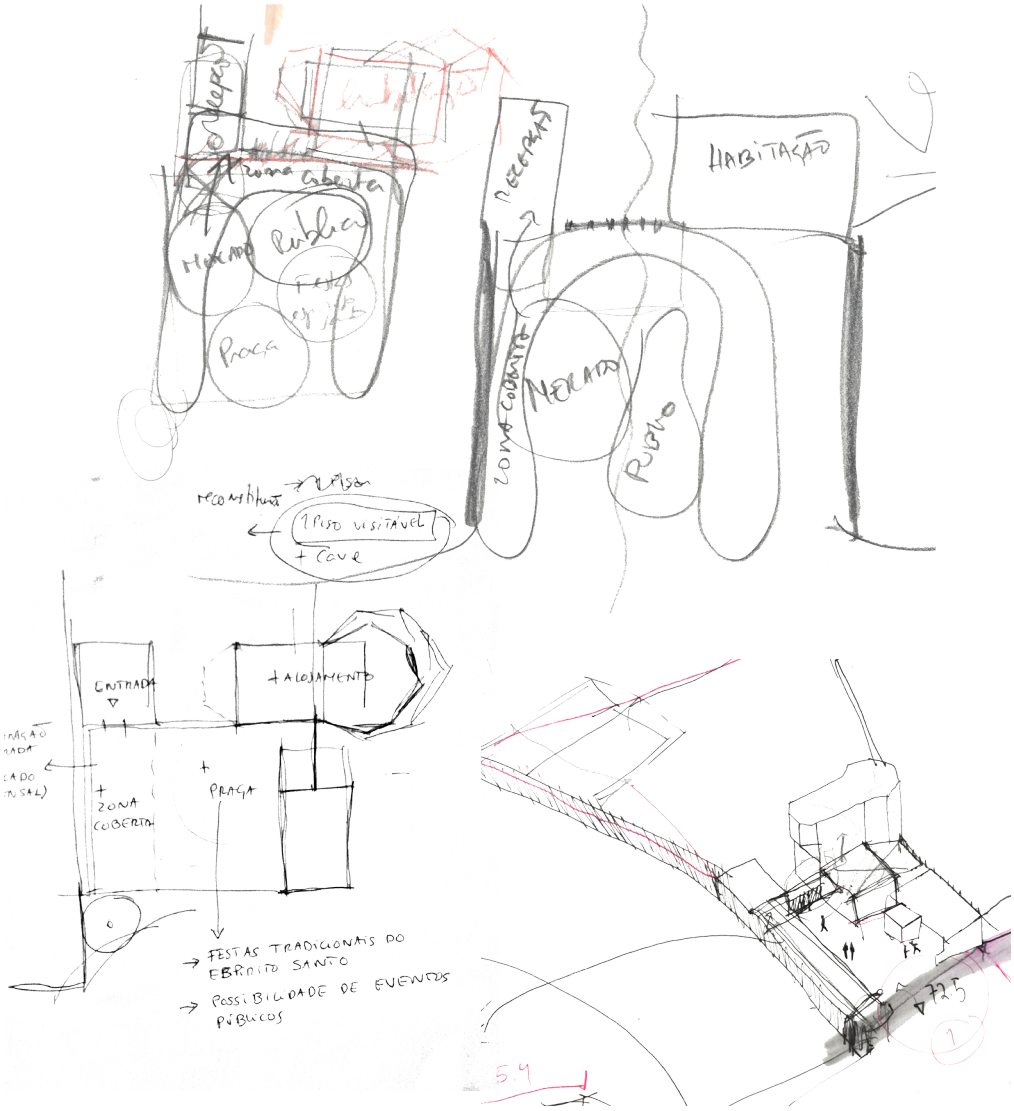


Fig.150 Processo da criação do programa, entre organogramas e esquissos

4.2.2. PROGRAMA

O trabalho surge da problemática criada pela falta de pertinência do antigo programa da fábrica na sociedade de hoje, quer por razões de natureza económica quer social.

Desta forma, numa fase posterior às decisões anteriormente descritas, questionou-se a natureza do programa a desenvolver na nova intervenção. A questão pertinente foi sempre: em que se vai tornar a antiga Fábrica? Que actividades humanas irá potenciar?

Ao longo dos anos de ensino na FAUP, o programa foi sempre um dado adquirido e criador de parte da problemática. O início da actividade projectual partia da compreensão do contexto e de vários estudos de uma implantação que resultasse em termos urbanos. Simultaneamente, procurávamos de forma incessante uma apreensão completa do programa, desconhecido até à data, e tentávamos montar o "puzzle" de todos os compartimentos e funções que tínhamos que respeitar. O mesmo acontece na maioria dos projectos na prática real, onde as imposições de clientes ou dos concursos (promovidos por entidades privadas ou públicas) funcionam como condicionantes para a sua realização.

No caso da Fábrica da Chicória, não houve nenhum programa proposto anteriormente, apenas o desejo da parte dos donos actuais e de Marco Furtado de valorizar novamente a fábrica, através do seu reconhecimento pelo público geral.

Desta forma, iniciaram-se várias hipóteses de programa, simultaneamente discutidas com o Presidente da Junta de Freguesia. Pretendeu-se que não fosse uma ideia única do "arquitecto" mas sim um resultado de quem acompanhou o processo e das várias conversas que se desenvolveram com Marco Furtado. É através da Junta de Freguesia que se tem o contacto com os habitantes, que sugeriam, por exemplo, fazer da fábrica "uma discoteca, porque não há nenhuma na Ribeirinha e ia trazer muitos visitantes".

E porque não? Nenhuma das ideias é descartada à partida.

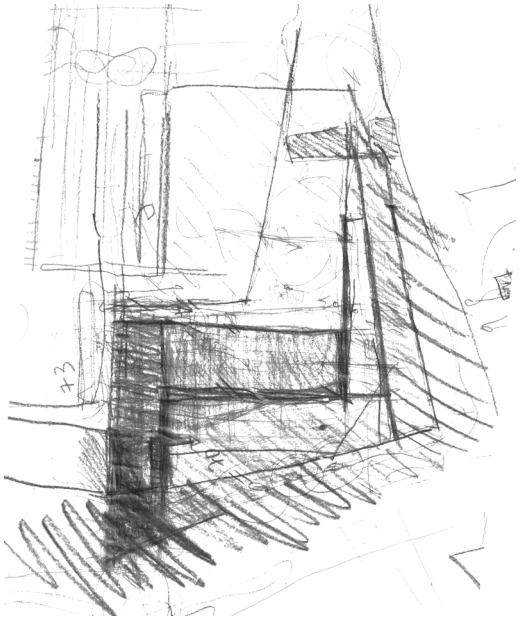


Fig.151_I Primeiras propostas

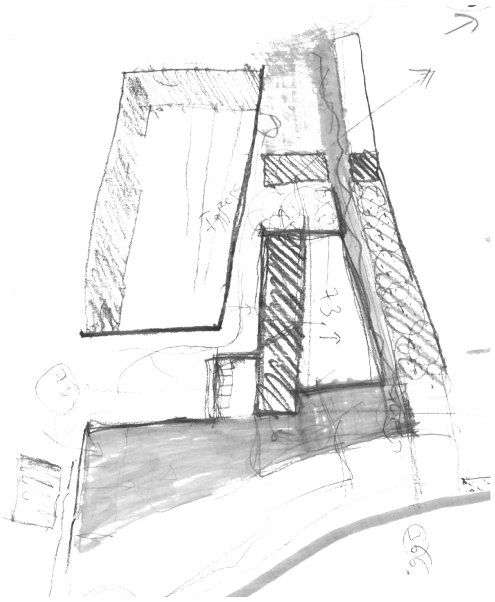


Fig.151_II

WORKSHOPS

1 sala equipada com bancada + zona de confecção (capacidade para 20 pessoas) 60 m2

1 sala para palestras (capacidade 20 pessoas) 40 m2

Arrumos que sirvam as duas salas 10 m2

PAVILHÃO EVENTOS

300 m2 de espaço livre

Capacidade para 100 pessoas (fechado)

As primeiras ideias de programa surgem conectadas a algumas experiências de implantação, havendo uma ligação entre o programa que melhor se enquadraria socialmente e os volumes que melhor se enquadrariam no contexto urbano.

Uma das primeiras soluções revela a intenção de várias intensidades do nível público/privado dos espaços. Através dessa ideia cria-se uma primeira proposta programática: fazer alojamento na torre, criar novos equipamentos com zona de restauração, pavilhão para eventos de índole privada ou pública e depois um programa adjacente com salas de workshops onde poderão ter lugar actividades de carácter pedagógico do interesse da população geral.

É através deste primeiro rascunho que se começam a desenvolver diferentes abordagens ao problema, sem nunca haver um programa rígido, mas sim algo passível de se modificar consoante as necessidades.

Desenvolvem-se ideias primárias de diferentes plataformas, jogos de chegada à ribeira, zonas destinadas ao uso da comunidade (para festas populares) em contrabalanço com zonas para festas privadas.

TORRE (alojamento a visitantes – turistas; investigadores; artistas)
4 quartos duplos + wc (16 m2)
recepção (apoio ao alojamento + uso da praça principal)

RESTAURANTE
Serviço às pessoas alojadas na torre e ao público geral
Sala de refeições (60 m2 – 30 utilizadores diários)
Cozinha (30 m2) + Vestiários de apoio aos empregados (15 m2)
Sanitários (20 m2)
Esplanada exterior



Fig.152_I Vista margem esquerda da ribeira



Fig.153_I Vista dentro do lote



Fig.152_II



Fig.153_II

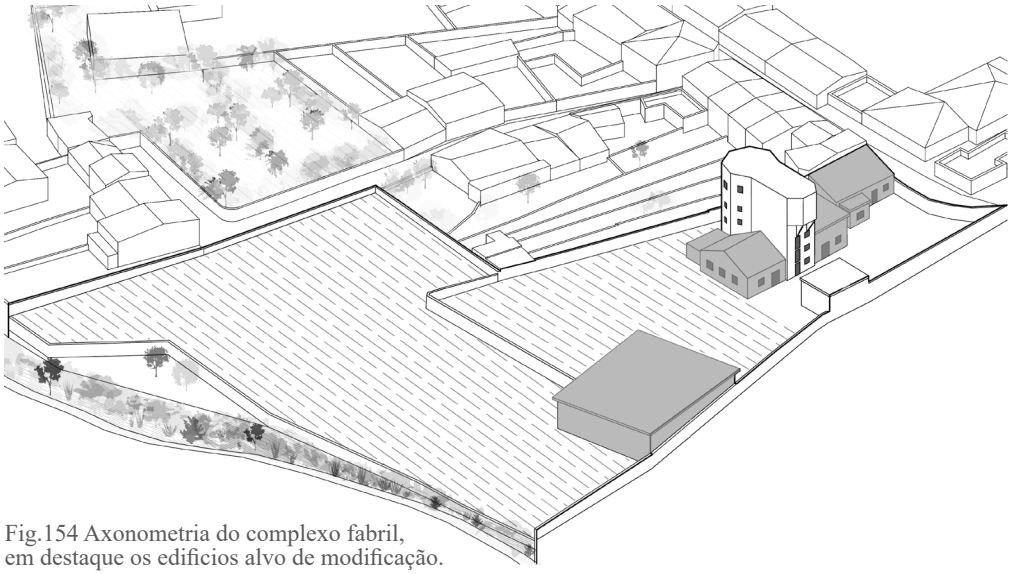


Fig.154 Axonometria do complexo fabril,
em destaque os edificios alvo de modificação.

Simultaneamente, questionou-se a pertinência dos diferentes volumes que compunham o complexo fabril. Não em relação ao seu estado físico, pois a maioria apresenta as mesmas condições, mas como intervenientes numa nova solução e nos pontos de vista que se procuravam criar.

Compreendeu-se que a Torre de Secagem seria destacada como elemento principal da nova composição proposta. Pois, a presença da torre na paisagem funciona, por si própria, como uma recordação da indústria que um dia ali teve lugar.

Desta forma, não se deu por adquirido que todos os edificios existentes até aos dias de hoje deveriam manter-se como parte da nova proposta. Apenas a Torre de Secagem (B) e o Edificio de Lavagem e Trituração (A) eram parte da montagem de produção da antiga fábrica, a restante construção destinava-se ao armazenamento.

Os armazéns situados junto à torre funcionavam como pequenos anexos, que provavelmente surgiram em diferentes alturas, pois um apresenta-se tal como a torre com o tecto em betão enquanto o outro é desenhado por um telhado de duas águas.

Ao contrário da maioria dos complexos industriais, na Fábrica da Chicória não se verifica a construção de grandes hangares . Achou-se pertinente não manter os pequenos anexos pré-existentes de armazenamento.

O armazém (C) junto à ribeira, embora de maiores proporções, cria uma barreira entre a ribeira e o lote da fábrica pela sua implantação numa cota superior. Como observa-se na Fig.152 o volume (C) não permite a visualização da torre por quem circula pela margem esquerda da ribeira, onde a fotografia foi tirada.

Com esta atitude têm-se como único fim destacar a zona da torre, tornando-se a própria torre um filtro do que se passa em relação com a rua do jogo e o que se passa em relação com a ribeira.

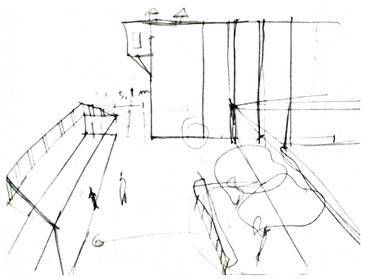


Fig.155_I Esquissos da entrada via Rua do Jogo

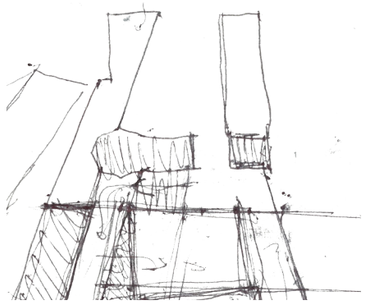


Fig.155_II

"O meu trabalho prosseguia com lentidão, no meu entusiasmo juvenil, ensaiava mil aternativas."[94]

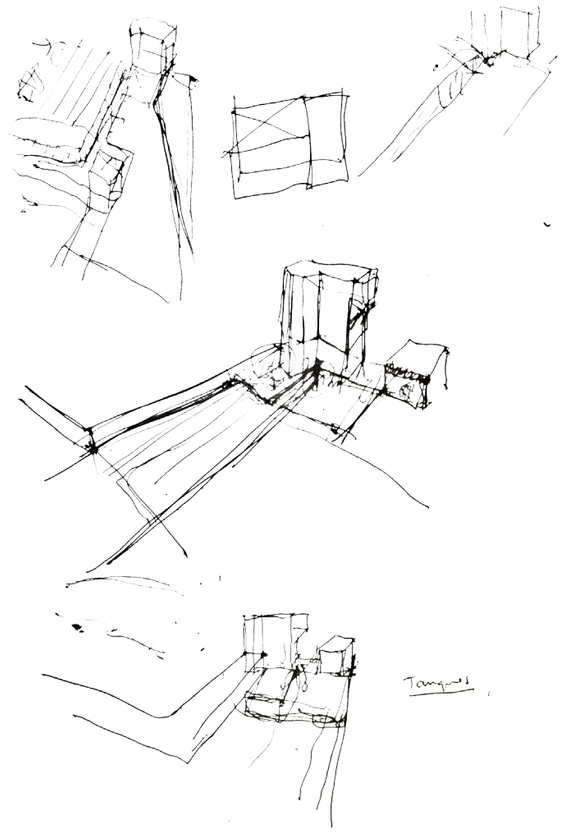
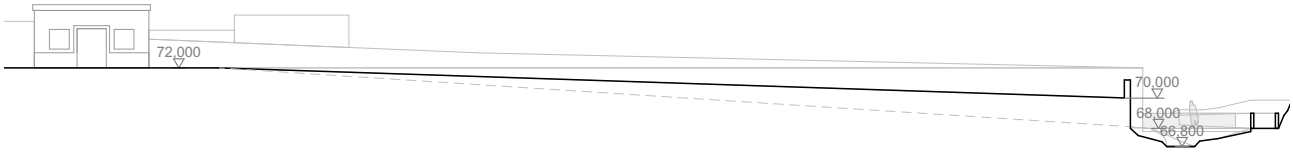


Fig.156 Processo de pensamento

94. SIZA VIEIRA, Álvaro - 01 textos. Porto : Civilização, 2009. Pág.284



Fig.157 Planta de implantação, 1º hipótese.
Escala 1:500



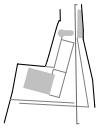
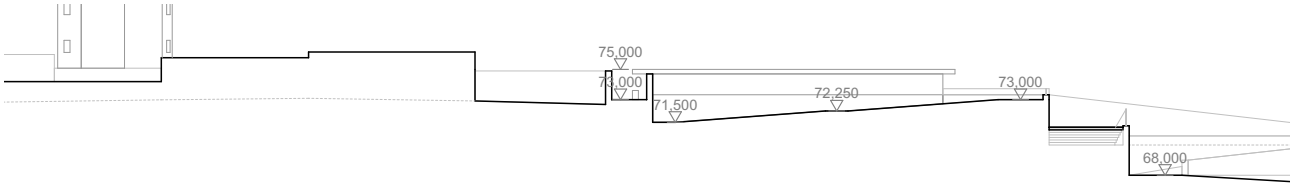


Fig.158 CORTE 2E. Escala 1:500



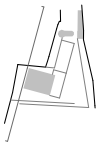
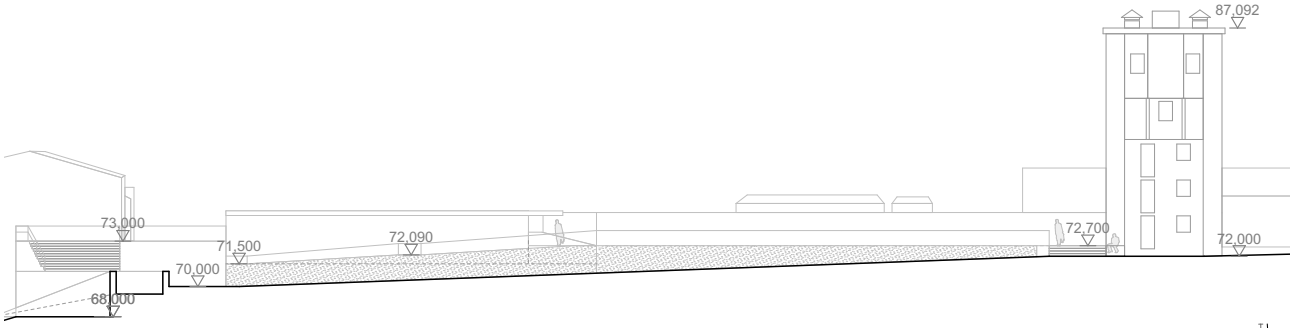


Fig.159 CORTE G. Escala 1:500



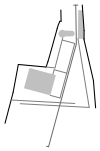


Fig.160 CORTE 2F. Escala 1:500

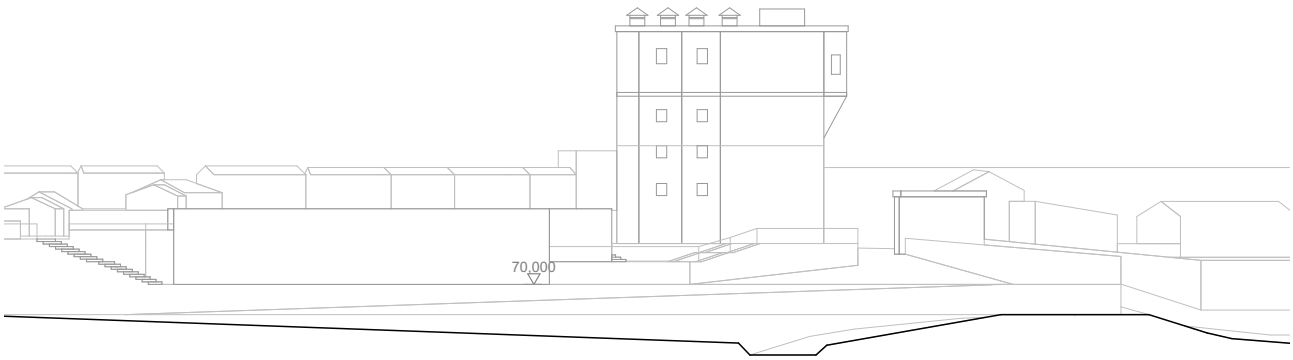




Fig.161 CORTE 2D. Escala 1:500

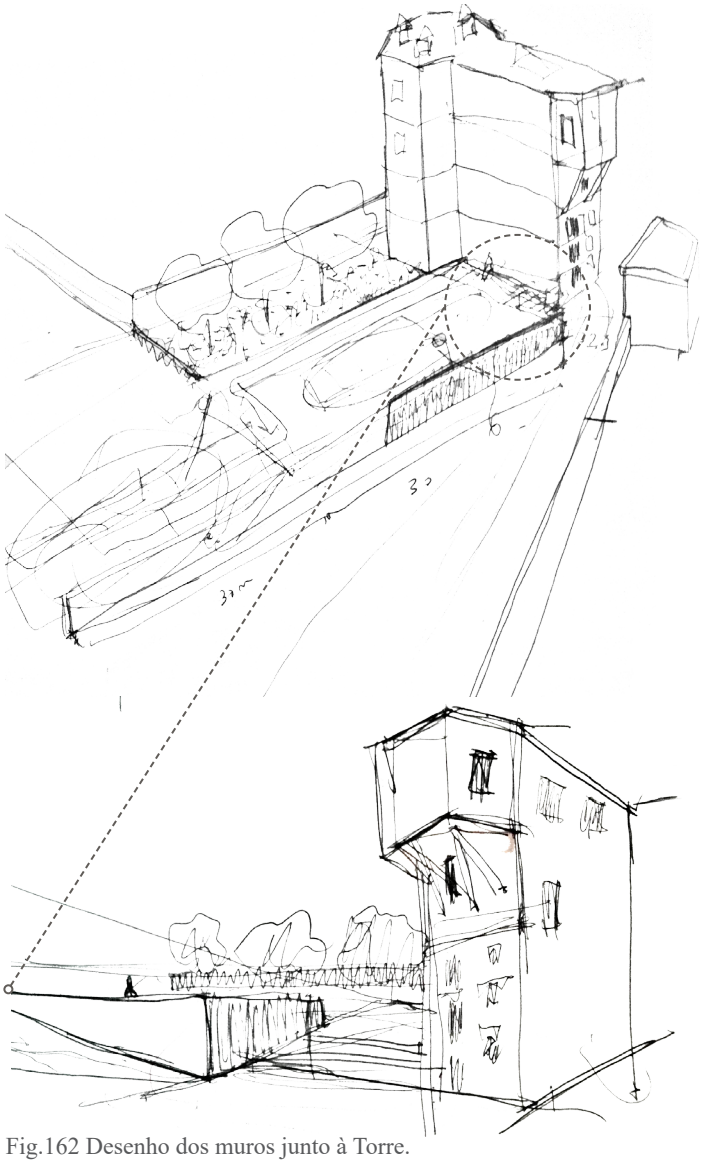


Fig.162 Desenho dos muros junto à Torre.

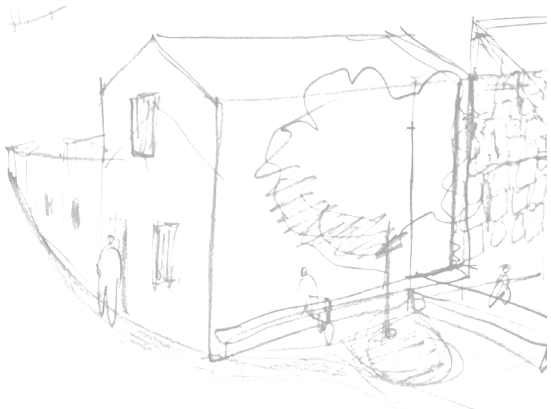


Fig.163 Esquiço da zona de contacto com a rua

4.2.3. POSSIBILIDADES DE PROJECTO

Nesta fase do trabalho inicia-se a análise e explicação de algumas das propostas que foram sendo desenvolvidas e das dúvidas que o seu desenvolvimento despoletou. Deu-se início ao desenho de várias soluções com base nas ideias acima desenvolvidas: um rascunho do novo programa, a intenção de novas ligações urbanas e o reconhecimento da importância da Torre da Secagem na criação de novos pontos de vista.

Nos primeiros desenhos imaginou-se o programa concentrado num único volume, sem qualquer desenvolvimento posterior da sua volumetria.

A relação entre a rua do Jogo e a fábrica muda, retira-se o muro existente e abre-se o antigo pátio de cargas e descargas à rua. Passa-se a criar uma praça limitada pelo conjunto Edificio A+B e pela rua do Jogo. Desenha-se uma zona coberta junto à rua que se conecta com o edificio pré-existente A. O espaço coberto permite a utilização por parte dos residentes para reuniões informais, os almoços/jantares do espirito santo e como ponto de abrigo.

O contraste entre a dimensão do vazio do antigo pátio da fábrica e o vazio entre ambos os edificios pré-existentes direciona o visitante ao momento de entrada, momento enfatizado também, pelo desenho da nova cobertura.

A ideia principal surge das conexões novas que se pretendem criar e como as mesmas influenciam a criação de diferentes plataformas que ajudam a vencer as diferentes alturas até ao alcance da cota ribeirinha.

Todo o projecto é lido pelo desenho de vários muros, a uma altura média de 1,20m, que nos encontros entre plataformas permitem ao visitante sentar-se informalmente. Tal como os muros dos pastos agrícolas cujos limites são desenhados pelos irregulares muros de pedra de basalto, aqui procura-se exatamente a mesma leitura da pedra que também constitui a própria verticalidade da fábrica.

"Para o novo poder encontrar o seu lugar, precisa primeiro de nos estimular para ver o existente de uma nova maneira."[95]



Fig.164 Esquisso de uma segunda implantação

95. ZUMTHOR, Peter; Pensar a arquitectura / Peter Zumthor; trad. Astrid Grabow. - Barcelona : Gustavo Gili, 2009; Pág. 17



Fig.165 Planta de implantação, 2º hipótese.
Escala 1:500

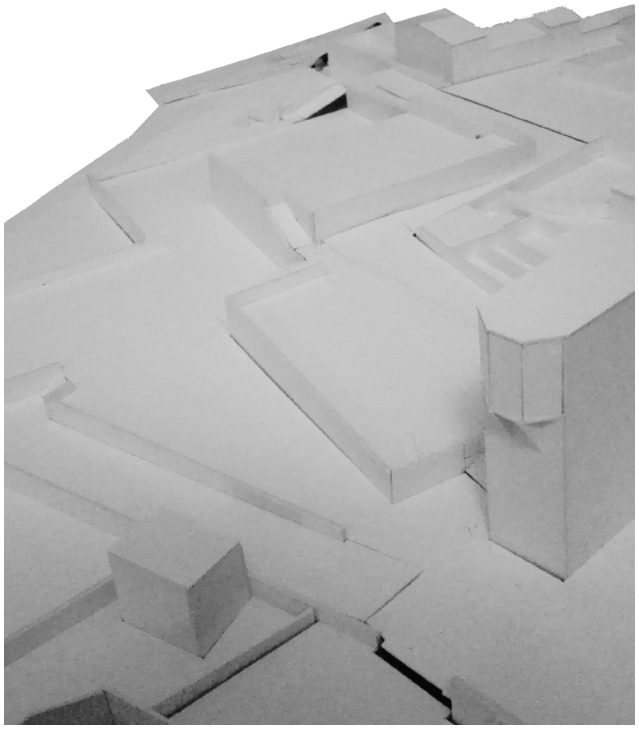


Fig.166_I Fotografias maqueta

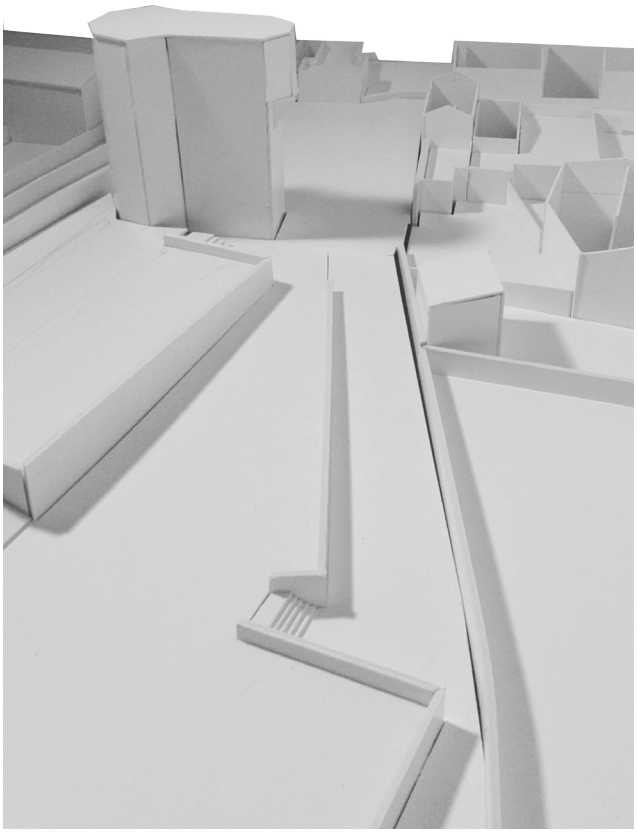


Fig.166_II

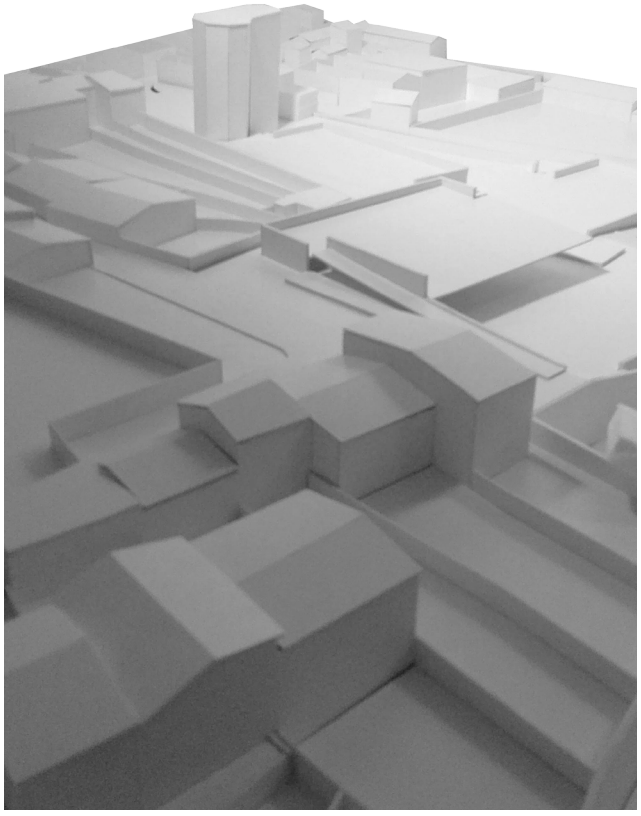


Fig.166_III

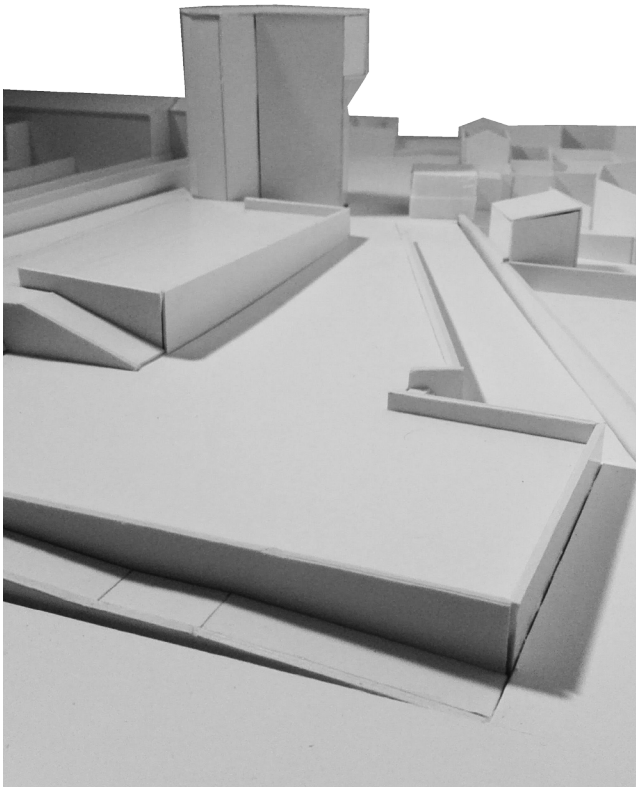


Fig.166_IV

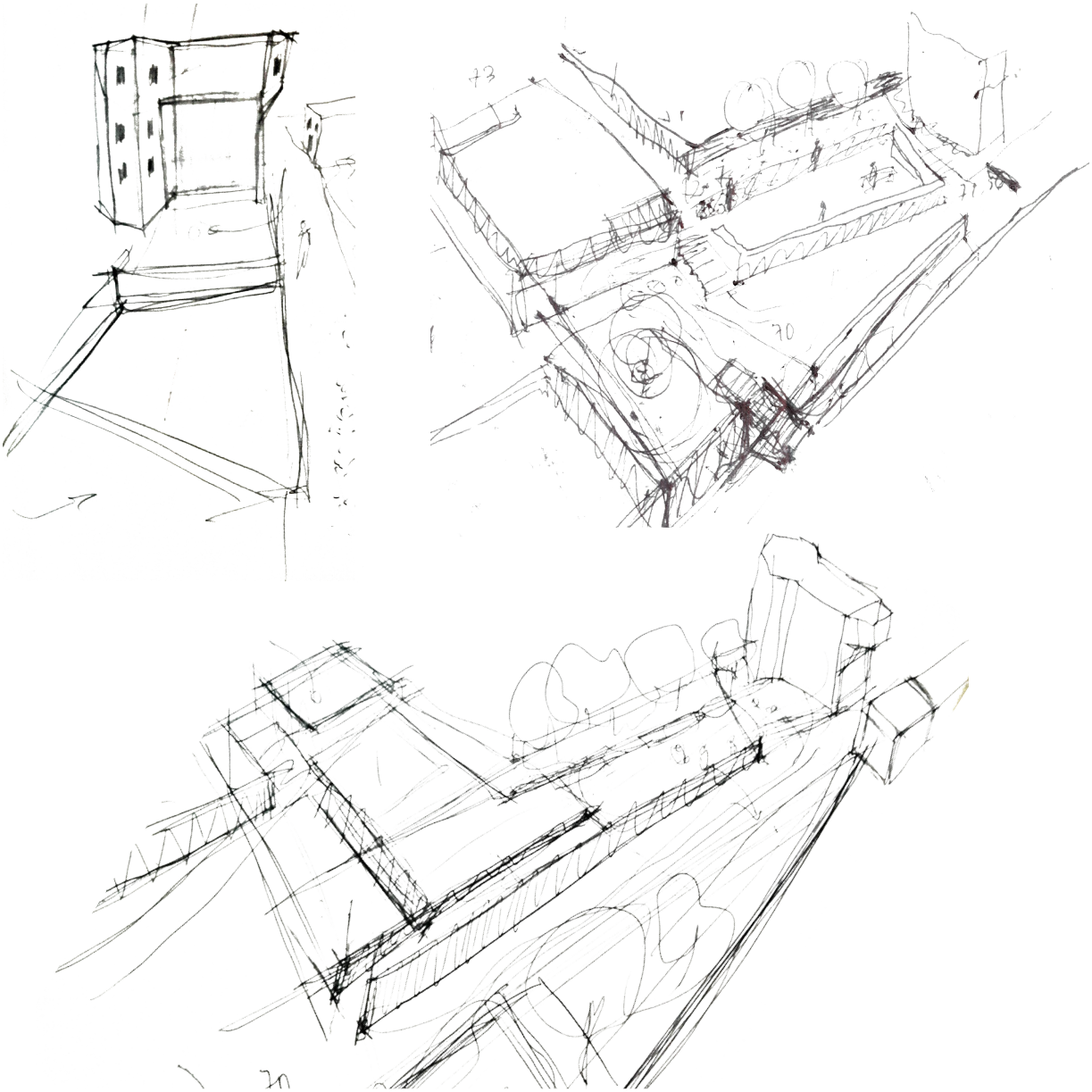


Fig.167 Estudo das diferentes plataformas

Contundo, esta primeira solução revela alguns problemas, especialmente no que diz respeito à sua escala. Nesta altura, ainda não se tinha efectuado uma maqueta de trabalho que posteriormente se revelou essencial para um melhor desenvolvimento projectual.

Após uma reflexão sobre a primeira resposta, há uma tentativa de dinamizar os percursos e um maior cuidado na dimensão dos caminhos criados, oferecendo múltiplas possibilidades ao utilizador.

Novamente, a ideia desenvolve-se através da criação de muros e plataformas, mas na solução em questão a cobertura do novo edificio passa a ser permeável.

Continua-se a reconhecer a Torre de Secagem como um ponto fulcral de partida. Na medida, que a restante proposta estende-se "timidamente" como um conjunto de linhas (muros) que direccionam o visitante para diferentes pontos de vista quer sob a Torre, quer sob a ribeira.

Richard Serra, em Shift, desenha uma paisagem construída que permite direcionar o visitante, realçar a toponomia natural do terreno através da imposição natural da sua obra. Esta é a sensação que este projecto procura.

No entanto, a proposta acaba por criar uma geometria própria que entra em conflito com a restante envolvente, tal como a escala da intervenção fica por resolver em ambas as propostas já discutidas.

Admite-se, nesta fase do processo, o receio de "agarrar" e transformar os limites que o lote impõe, o que leva a situações como o contacto da travessa e do novo edifício, que se demonstram numa resposta insuficiente ao problema.

Assim, após a constatação deste impasse percebeu-se que era necessária a realização de uma maqueta de toda a zona representada na planta à esquerda. Através do processo do desenho e da construção da maquete partiu-se para o desenho de uma nova proposta.

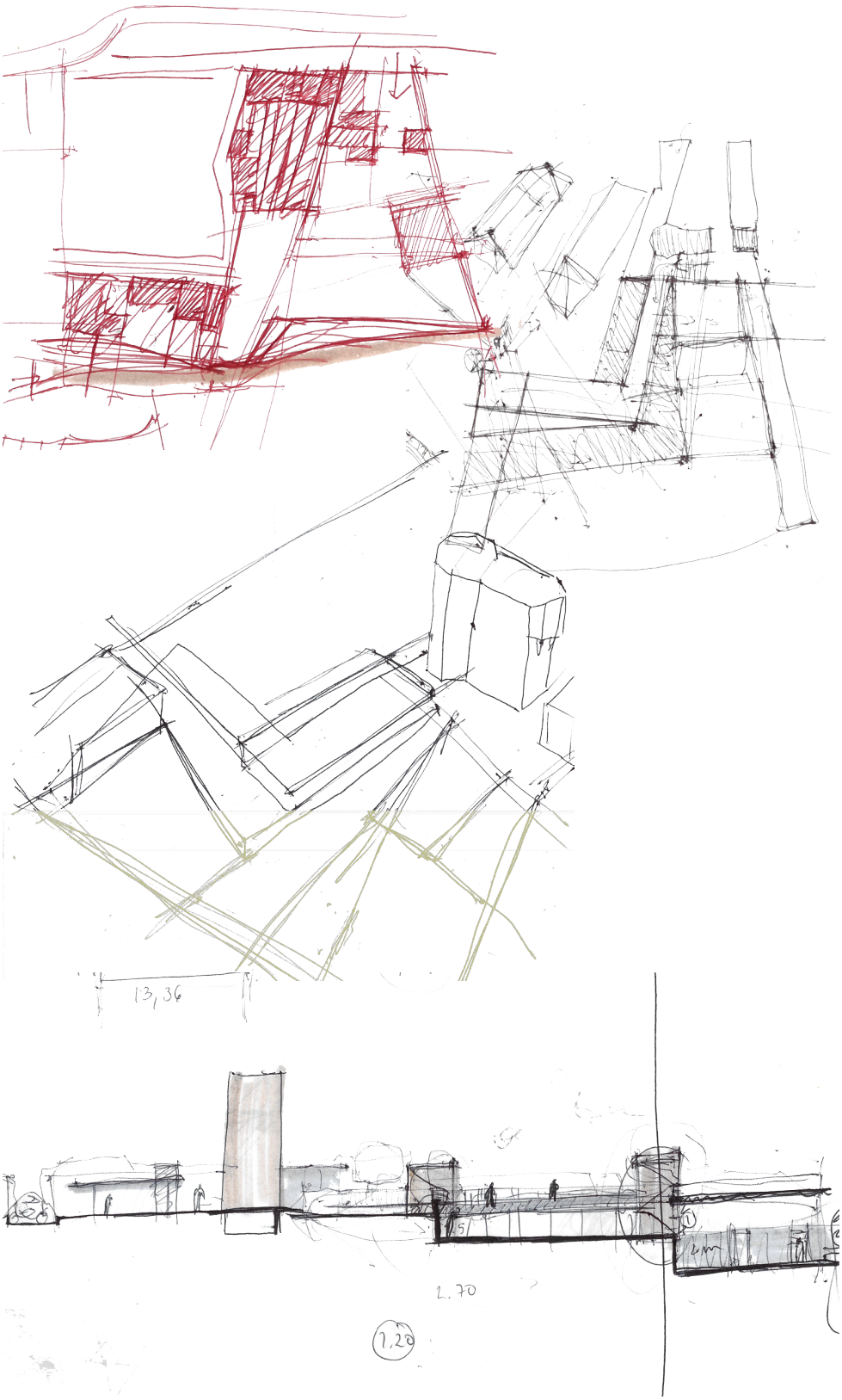


Fig.168 Desenhos de estudo da 3ª ideia projectual

Nesta fase do processo de pensamento, após a realização da maqueta, constata-se que um dos pontos fundamentais de qualquer proposta, que venha a ser desenvolvida, centra-se na sua relação com as diferentes realidades que constituem a envolvente próxima da Fábrica.

Por exemplo, a zona Sul do terreno é o limite que contacta com o agregado urbano de maior densidade na Ribeirinha, onde as pequenas moradias com cerca de 5 metros de frente de rua são regra geral.

Enquanto, nas primeiras ideias há um constante afastamento dos limites pré-definidos do lote como se os próprios se impussesem à nova composição de espaços. Nesta proposta assumem-se os diferentes limites e trabalha-se a sua manipulação e tratamento como parte da resposta.

Primeiramente, são admitidos três momentos diferentes no desenho da solução: 1ª zona limitada pela rua do Jogo e fachada oeste da Torre de Secagem; 2ª zona, considerada o "miolo" do lote, que se estende até ao pavilhão junto à ribeira; 3ª zona compreendida ao novo parque criado e a zona correspondente em relação com a ribeira.

Os diferentes momentos são desenhados de acordo com o já mencionado eixo Oeste-Este. Ou seja, desenha-se sempre com a noção de três intensidades diferentes num mesmo terreno: rua, miolo, ribeira.

Na rua procuramos comunicar com ela, uma comunicação inexistente anteriormente. Retira-se o muro, desenha-se um passeio maior que indica ao utilizador a mudança de um momento ao percorrê-la.

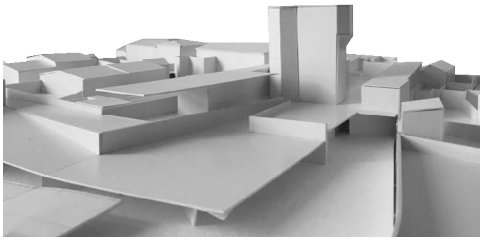


Fig.169_I Estudo da proposta em maqueta

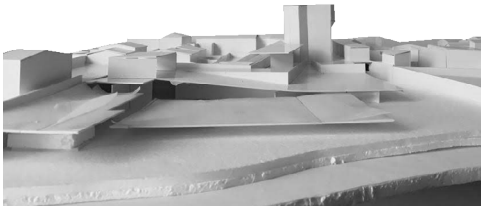


Fig.169_II

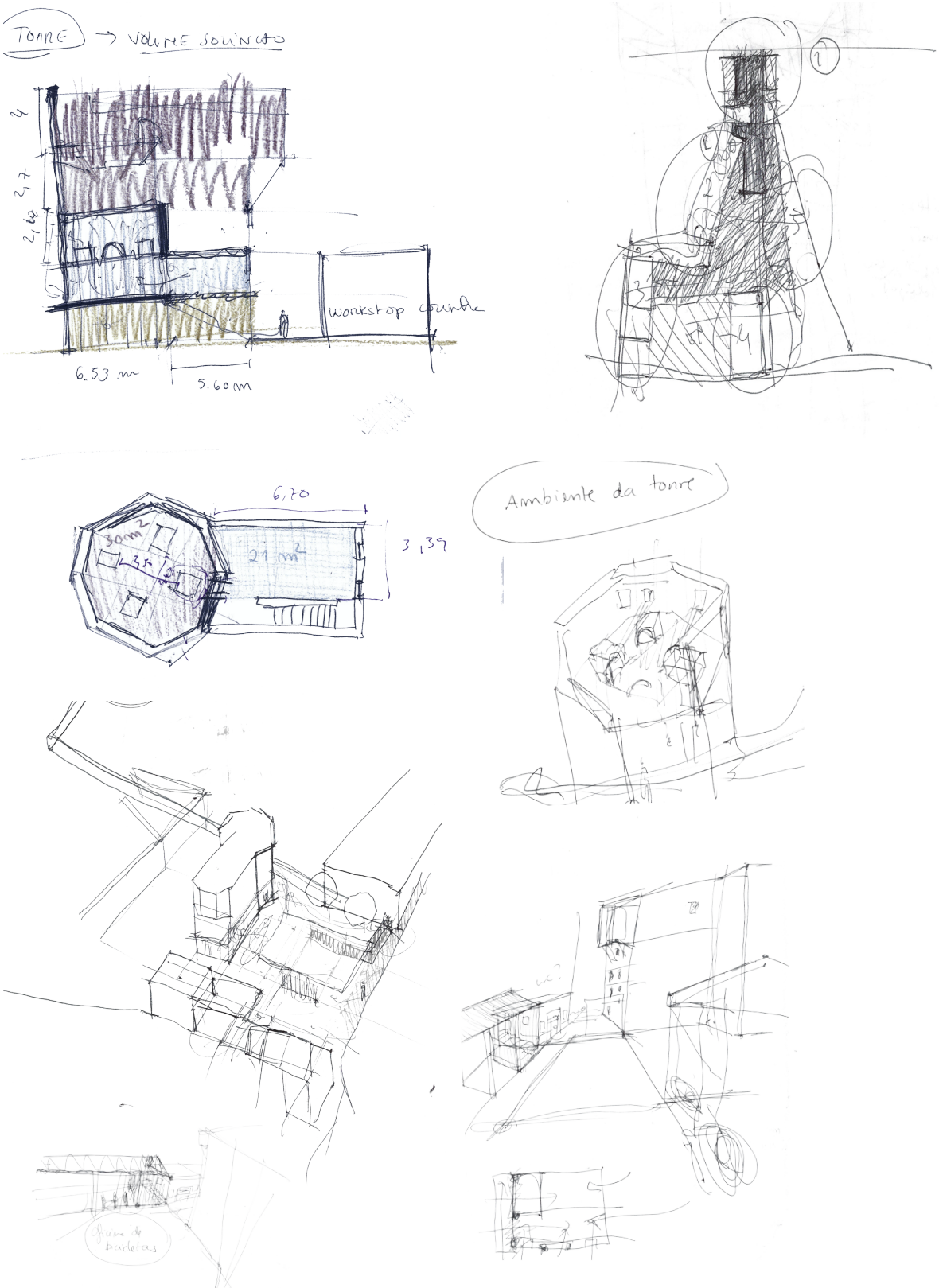


Fig.170 Esquissos que revelam as dúvidas da intervenção a ter na Torre de Secagem.

Reconhe-se este como um dos principais pontos de entrada no novo complexo da Fábrica. Desta forma, desenha-se em concordância com as proporções da Torre de secagem dois volumes opostos que nos encaminham para uma zona de "tensão" criada entre o volume da Torre e a antiga zona de trituração. Entre a torre e a rua do Jogo cria-se uma cozinha comunitária aberta para um espaço exterior, com a possibilidade de coberto/não coberto, de forma a permitir aos residentes a apropriação de parte do novo espaço, para a realização das Festas do Espírito Santo, e outros encontros de carácter social.

Uma das decisões onde houve maior dificuldades, e muitas vezes, contradições: o programa a ter lugar nas antigas salas onde se dava o processo de secagem da chicória. Pois, ao longo do estudo uma das percepções e iniciais decisões de projecto foi manter a sua forma original. Questionando se a forma original, que anteriormente serviu um programa totalmente absoleto aos dias de hoje, poderia vir a servir da mesma forma outras actividades. Além disso, constactou-se que a própria forma única da Torre, apenas com pela sua existência, faz uma referência directa ao passado industrial do complexo.

Por piso a área útil da Torre são cerca de 51 m2, sendo que 21 m2 consituem a divisão adjacente à circulação vertical, e os outros 30 m2 à zona da secagem (forma octógonal) onde se situam 4 fornos antigos (0,90m x 1,20m). Os fornos destacam-se como um elemento organizador do espaço octogonal da zona de secagem, embora a sua função já não seja actual, a sua própria implantação influencia uma futura utilização do espaço em questão.

Assim, ensaiaram-se várias hipóteses de programa, tendo em contas as já referidas condicionantes. Nesta fase do trabalho, voltou-se a questionar o programa anteriormente apresentado, havendo um maior aprofundamento das ideias previamente desenvolvidas.

Que tipo de actividade poderia ter lugar na antiga Torre de Secagem? Algo que nos permitisse aproveitar na totalidade o seu pé-direito até ao último andar ou deviam-se manter os antigos níveis de secagem?



Fig.171 Esquissos entre o pensamento do programa e a formalização do mesmo.

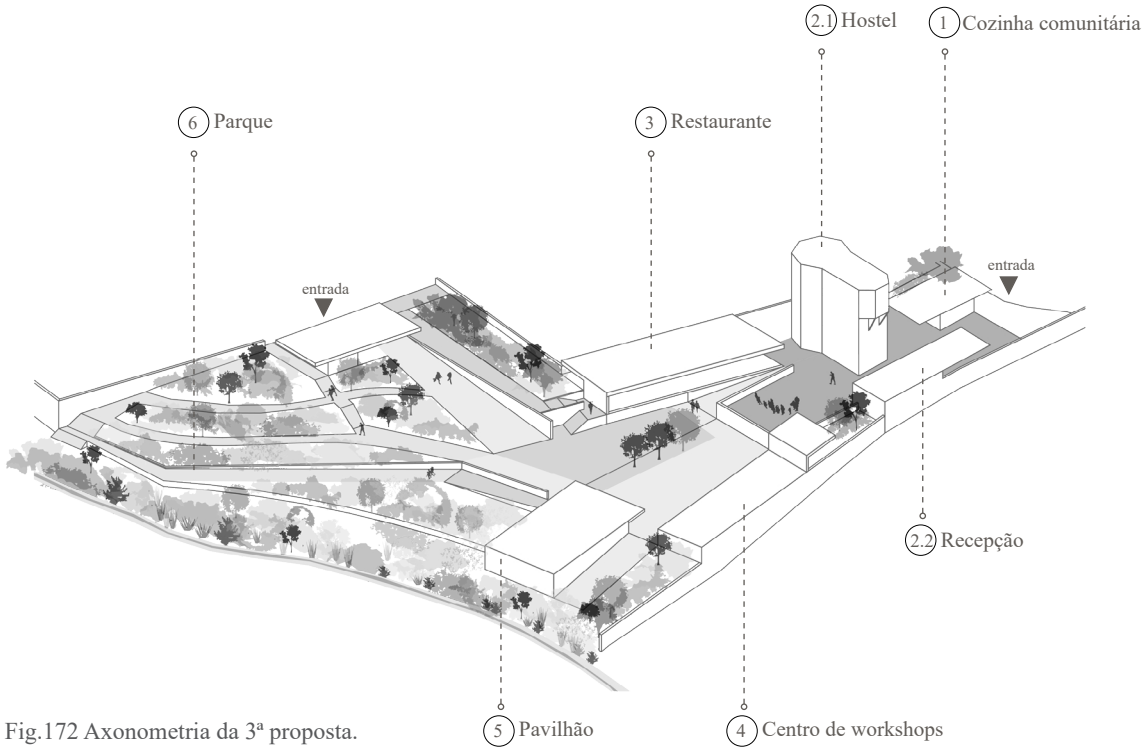


Fig.172 Axonometria da 3ª proposta.

Assim surge a ideia de na torre passar a existir um hostel. A ideia surge como uma solução para o espaço octogonal, pois ao contrário de um hotel que se priza pelo quarto individual, descrição e privacidade, num hostel os seus utilizadores procuram convívio, conveniência e bom ambiente. Os quartos podem ir de duplos a quartos com cerca de 12 camas, a ideia é apenas ter um sitio para dormir por um bom preço.

Tendo em conta as suas características, apostou-se, então, no desenho de um hostel na Torre de secagem, em que o espaço octogonal serveria como quarto. Desenharia-se alcofas em cada dos lados permitindo ao visitante dormir na antiga zona de secagem, ainda com os antigos fornos lá. No último piso teria lugar a sala de estar/ comum do hostel, que costuma ser o lugar onde os visitantes passam a maior parte do tempo.

A recepção do hostel seria na antiga zona de trituração, em que é feito um aumento para a possibilidade de instações sanitárias e um escritório, de modo a entrada ser feita pela zona da antiga maquinaria.

O hostel funcionaria em concordância com o restante programa, sendo que o que se procura é a criação de um Complexo, o complexo da Fábrica: onde existe uma cozinha comunitária, um hostel numa antiga torre de secagem, um restaurante, uma zona de workshops e um pavilhão.

De um prolongamento da cota de entrada da Torre (71.65m) nasce uma praça que serve como ponto de vista público para o restante complexo, permitindo ao utilizador aperceber-se da sua totalidade. Permite-nos a dualidade do utilizador poder observar, por exemplo num evento, as actividades que se passam junto do restaurante ou até uma extensão da zona da cozinha comunitária até a esta praça.

No nível inferior (70m) localizam-se as entradas para os restantes programas: restaurante que se serve de uma esplanada, centro de workshops, e o pavilhão.

O restaurante permite uma ligação à cota superior, também, de modo a poder haver uma conexão entre o funcionamento do hostel e do mesmo. No entanto, não se desenvolveu qualquer ligação interior uma vez que esta atitude geraria mais dúvidas que não se tencionavam levantar. Deste modo, menciona-se apenas a possibilidade de ambos os programas conectarem, numa fase posterior.

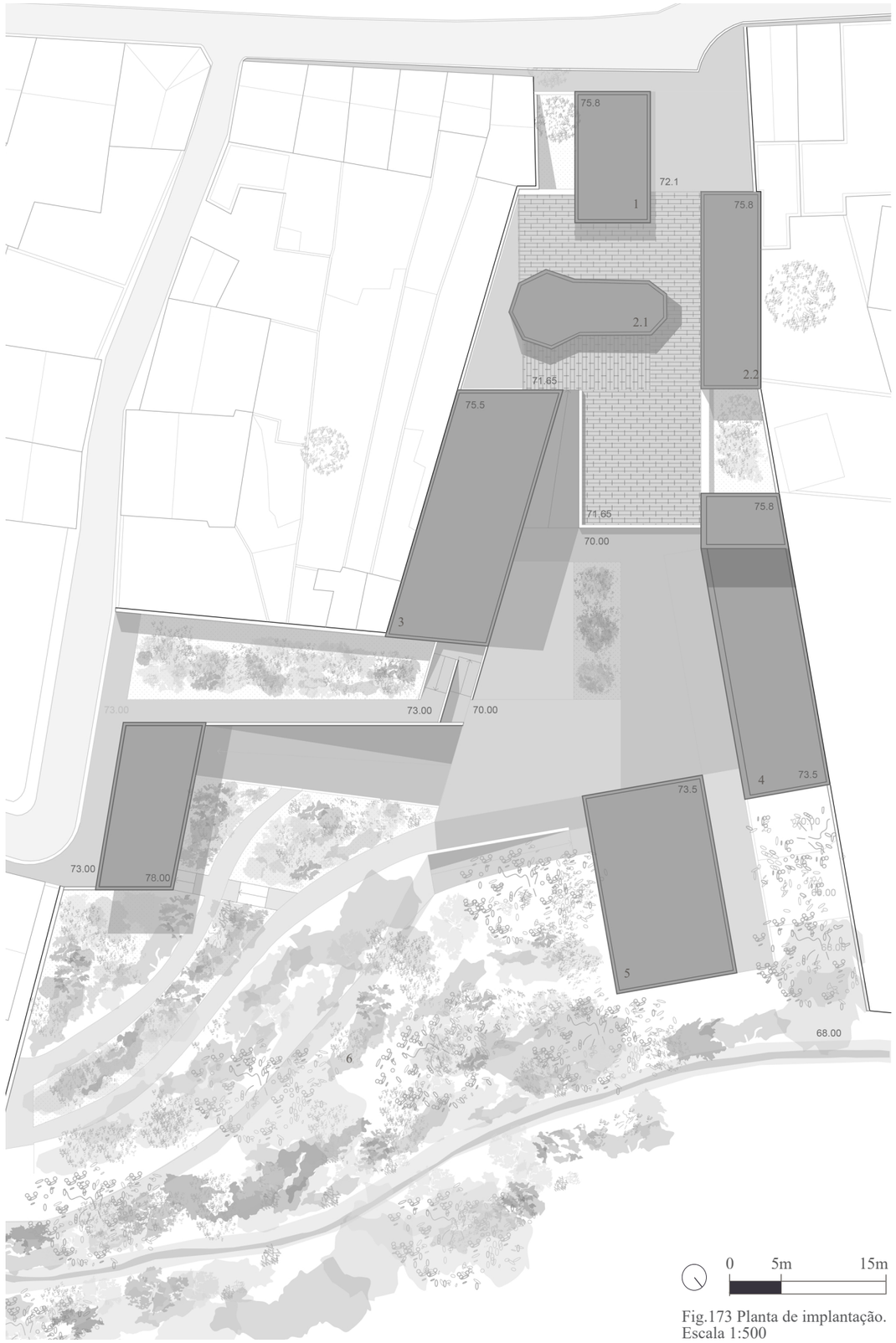


Fig.173 Planta de implantação.
Escala 1:500

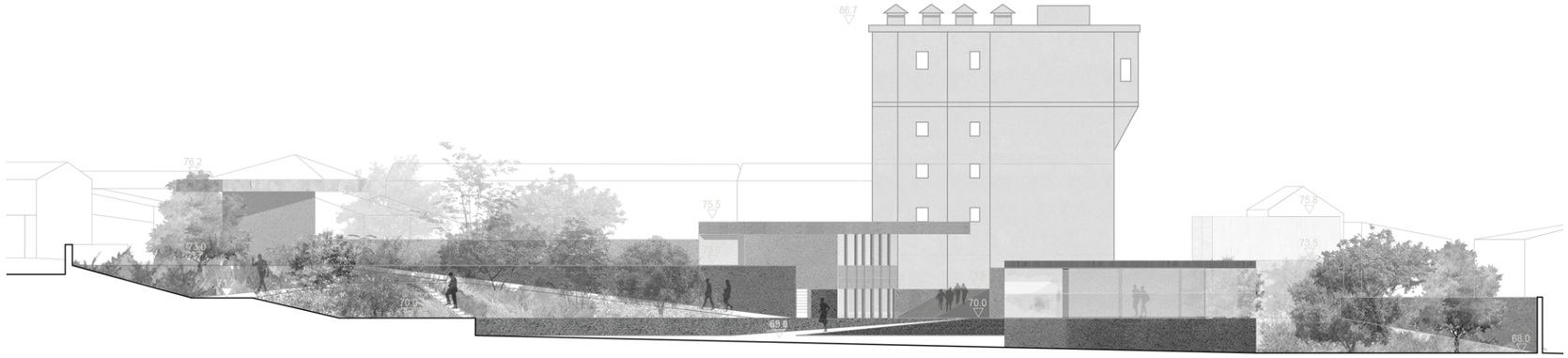
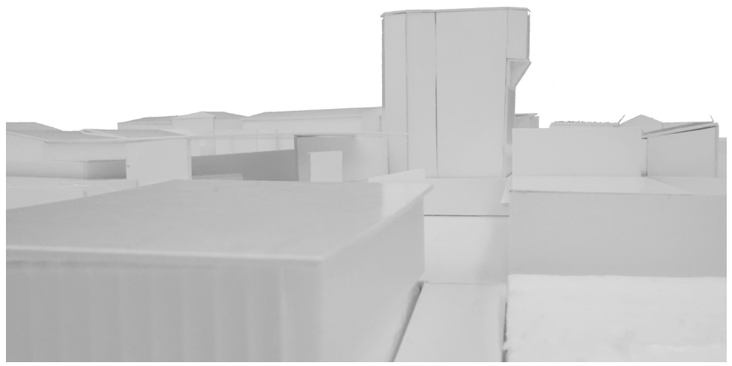


Fig.174 CORTE 3D Escala 1:300



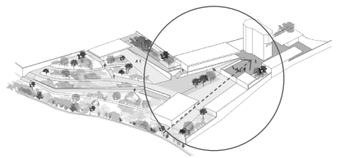
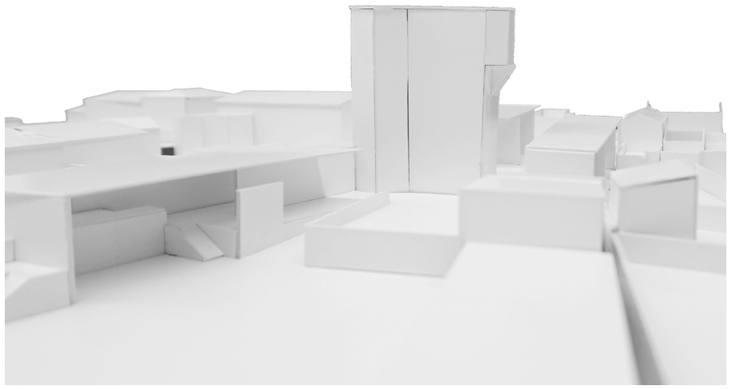


Fig.175 Relação entre o Pavilhão e o volume dos workshops.



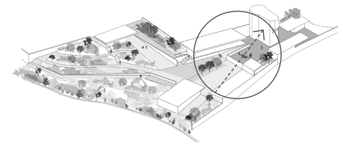
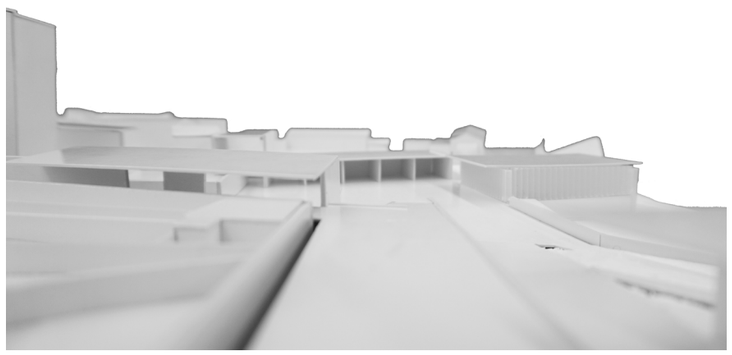


Fig.177 Zona da Praça principal.



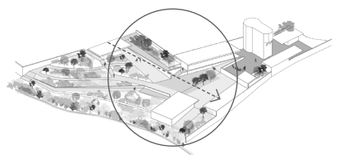
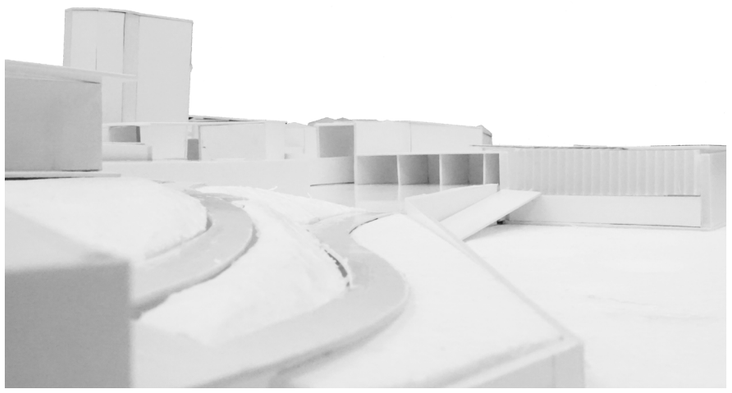


Fig.176 Vista da plataforma à cota 73.



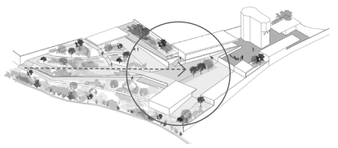


Fig.178 Zona do parque (cota 68m).

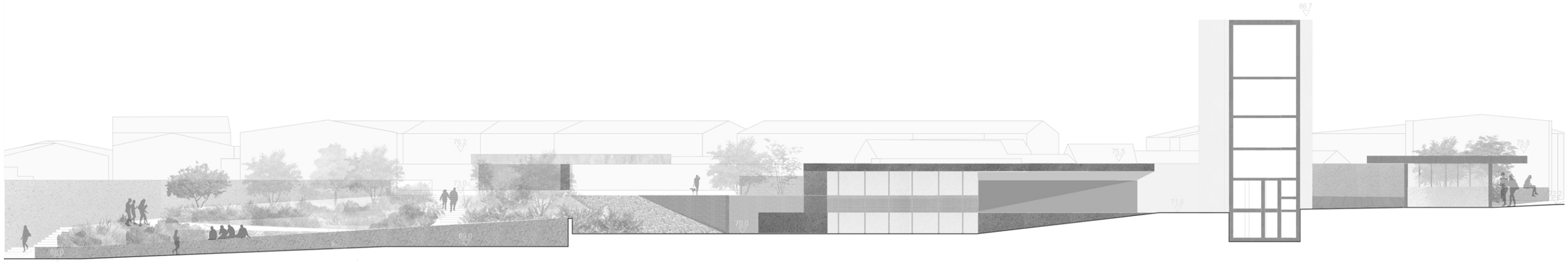


Fig.179 CORTE 3E Escala 1:350

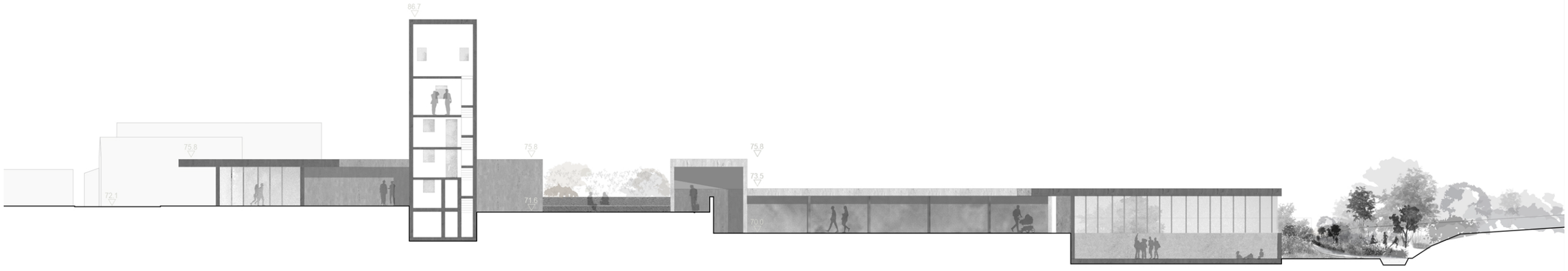


Fig.180 CORTE 3F. Escala 1:350

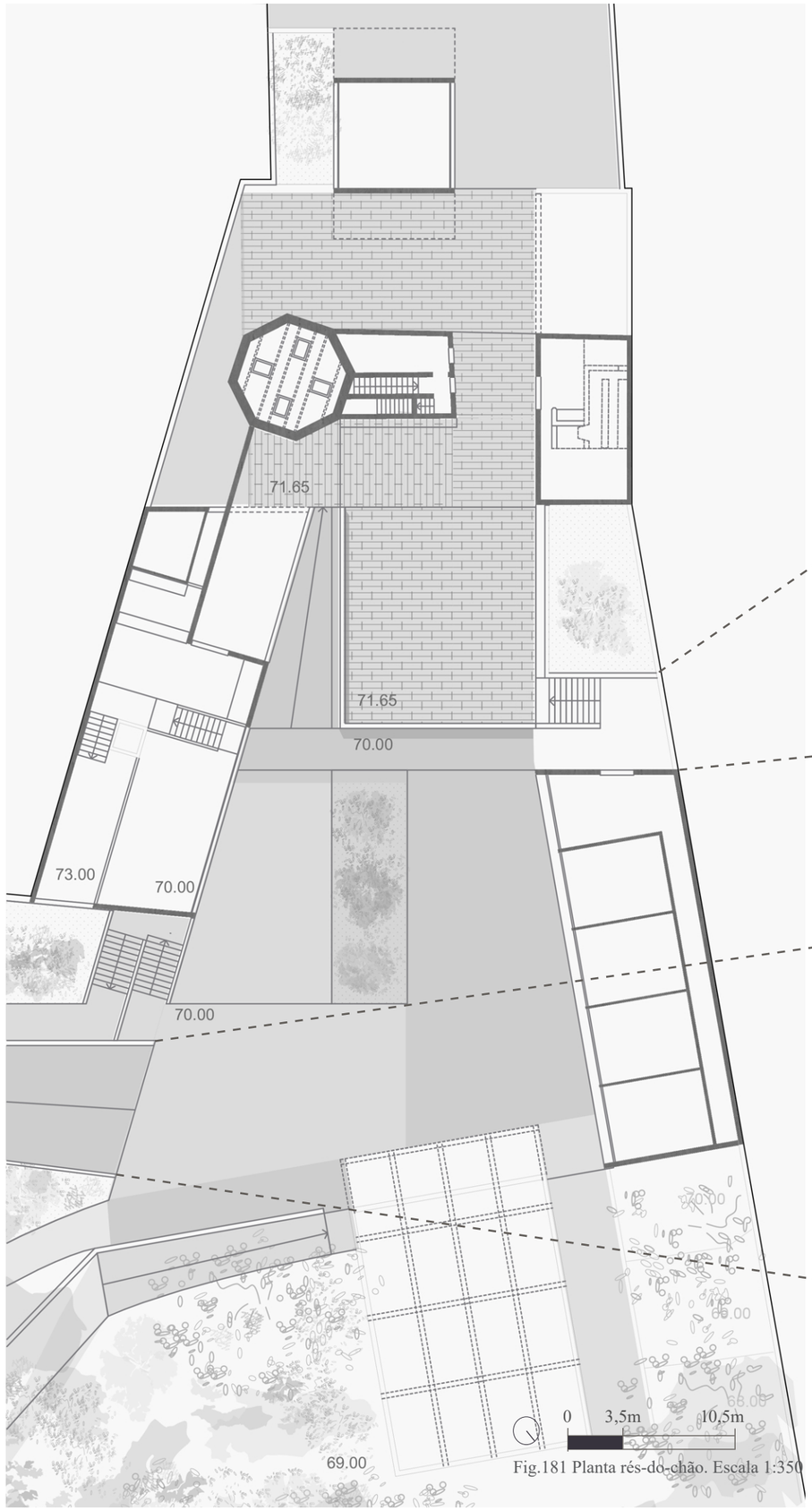


Fig.181 Planta rés-do-chão. Escala 1:350

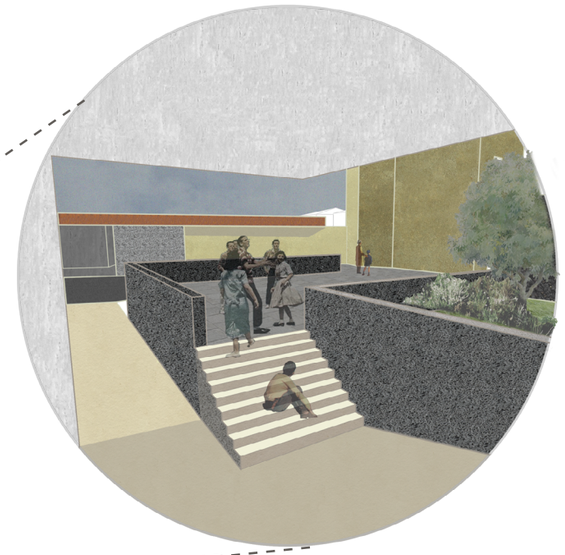


Fig.182 Imagem ilustrativa I

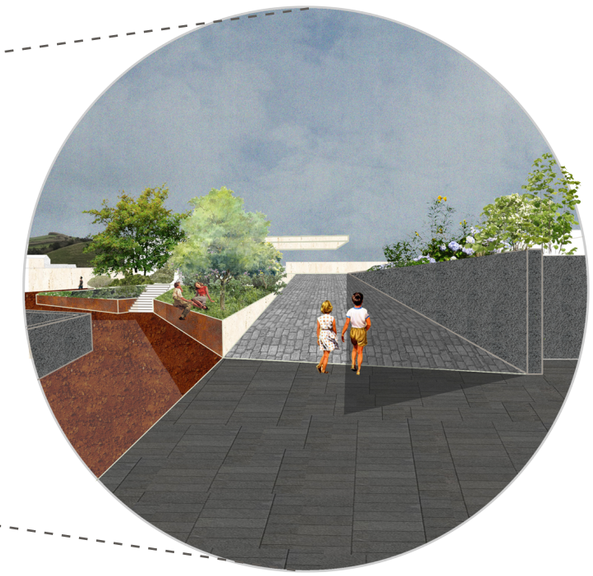


Fig.183 Imagem ilustrativa II.

Com esta ideia inicial de projecto, o principal objectivo é a criação de uma nova ligação urbana. A mesma é feita através de uma progressão de espaços públicos que passam a conectar a rua à ribeira.

Permite-se uma nova permeabilidade, anteriormente inexistente, vencem-se as diferenças de cotas com o desenho de rampas e escadas, que se tornam elementos essenciais na organização espacial.

Criam-se momentos de paragem e contemplação que constrastam com percursos previamente delineados, que nos indicam movimento.

A praça do nível inferior permite o acesso aos três programas que nela se localizam (3,4 e 5), de forma que se torna um ponto central de entrada e de maior movimento.

Assume-se a diferença na atitude aquando da aproximação da ribeira. Ao contrário da anterior dileneação, do desenho artificial de plataformas e da sua consequente pavimentação. Junto à ribeira e na zona do pavilhão que contacta com a cota de acesso à mesma (68m) toma-se a decisão de se manterem plataformas naturais que vençam a descida desde a "entrada secundária" (73m), ao acesso pela praça central (70m).

Procura-se um contraste que nos permite distinguir, enquanto utilizadores, duas situações diferentes. Ou seja, o utilizador que se localize a subir desde a ribeira envolvido num "manto verde" visualiza a torre, e as duas praças principais. Enquanto o visitante que observa o complexo na praça à cota superior (71.65m) consegue entender que pode percorrer o complexo e alcançar uma zona verde, onde se pode refugiar, contemplar, ou apenas caminhar por entre o verde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação nasceu da aspiração pessoal, de enquanto "quase arquitecta", sentir a necessidade de voltar a olhar para as imagens que conhecia desde criança. Deslumbrada pelo passado industrial da Ribeira Grande iniciei a minha pesquisa a tentar compreender o porquê dos múltiplos abandonos das antigas edificações industriais. Resposta, facilmente, refutada pela velocidade a que a nossa sociedade se modifica nos dias de hoje, deixando à sua mercê obras que aos olhos de hoje não representam qualquer utilidade.

Actualmente, o público geral, as entidades responsáveis e os arquitectos reconhecem que o abandono e a ruína do edificado é um problema a debater. No entanto, ainda, é escassa a consolidação e pesquisa sobre que atitude deverá tomar o arquitecto ao intervir num espaço que representa mais do que a realidade em que hoje nos movimentamos.

O conhecimento do caso de estudo deu-se pela curiosidade pessoal, como já se discutiu, e não por um pedido de intervenção, não havia nenhuma proposta de programa à priori. A circunstância em que o estudo se colocou permitiu, no seu desenvolvimento, a liberdade de não se enfatizar a procura de uma solução final, mas sim a produção de um processo projectual. De modo, a serem elaboradas e analisadas várias questões e contradições pertinentes.

Desta forma, pretendeu-se compreender na totalidade a envolvente em que a Fábrica da Chicória se situa. Assimilou-se a complexidade do lugar da Ribeirinha, de uma forma formal, social e comportamental. Entendeu-se que ao longo do trabalho interessava questionar os limites (fora das paredes do edificado) de uma intervenção em património abandonado.

Ao aprofundar-se o conhecimento da realidade em que a obra se insere ganham-se várias pistas para um futuro programa que possa ganhar evidência na antiga Fábrica. Estudam-se os espaços públicos já existentes na freguesia e identifica-se a falta de relação com a ribeira, como um potencial motivo projectual. Analisam-se, também, várias intervenções, como os bairros a norte da fábrica, e aponta-se a falta de cuidado com a escala das mesmas. Um problema recorrente nos projectos que têm vindo a ser desenvolvidos na área.

Há o entendimento de que a Fábrica se situa numa zona de transição da malha urbana consolidada e uma zona de posterior desenvolvimento, naturalmente, mais dispersa. Contundo, percebe-se que uma das características mais importantes do lote da Fábrica é a possibilidade de ligação Este-Oeste, rua-ribeira.

Pretende-se expor ao longo desta pesquisa, que o campo da "valorização do património" se encontra debilitado. O tópico carece de maior aprofundamento e reflexão, pensamentos que se pretendem despoletar ao longo da dissertação. A Fábrica da Chicória é usada como exemplo e caso de estudo, juntamente com os outros exemplos brevemente apontados.

Alerta-se para a constante "mumificação" do património, como se o mesmo devesse ficar parado num tempo longínquo ao que hoje vivemos.

O arquitecto deve saber observar o que a obra foi, e como se manifesta hoje. Deve saber reconhecer que a sua envolvente evoluiu, e perceber como através de uma intervenção completa poderá ser reintegrada na realidade urbana pela qual é envolvida.

A ideia nunca foi terminar o trabalho com uma proposta final, mas sim, darem-se indicações de várias soluções possíveis. No entanto, optou-se por delinear uma linha de pensamento contínua que vai passando pelas várias ideias projectuais que se desenvolveram. Através das mesmas criam-se problemas e levantam-se dúvidas pertinentes para a evolução de uma proposta.

Assim, não se pretende a leitura das várias perspectivas de projecto como algo final, e estanque, mas sim como um início.

Finaliza-se, com a esperança, de despoletar o interesse do público geral e das entidades responsáveis para o património abandonado da Fábrica da Chicória. E talvez, brevemente, poder tirar do papel as ideias e transformá-las em paredes, chão, e tecto nos quais possa pousar os pés e tocar com as mãos.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, Stanford - On streets. Institute for Architecture and Urban Studies, Cambridge, Mass. : The MIT Press, 1994

BRANDÃO, Raul - As Ilhas Desconhecidas – Notas e Paisagens. Lisboa, 2011

BRITO, Raquel Soeiro de - A ilha de São Miguel : estudo geográfico. Lisboa : Instituto de Alta Cultura, 1955

BRUNO, Jorge A.Paulus - Ribeira Grande: São Miguel: Inventário do Património Imóvel dos Açores. Direção Regional da Cultura, IAC – Instituto Açoriano de Cultura e Câmara Municipal da Ribeira Grande, 2007

CALDAS, João Vieira - coord. in Arquitectura Popular dos Açores. Ordem dos Arquitectos, 2000

CANNATÀ, Michele - Construir no Tempo=Building upon time : Souto Moura, Rafael Moneo, Giorgio Grassi / Michele Cannatà, Fátima Fernandes ; trad. Ana Carneiro. - 1ª ed. - Lisboa : Estar, 1999

CHOAY, Françoise - A alegoria do património. trad. Teresa Castro. - 2ª ed.. - Lisboa : Edições 70, 2010

CULLEN, Gordon - Paisagem Urbana. Lisboa : Ed.70, 1984

DA COSTA, Francisco Carreiro - Esboço histórico dos Açores. Ponta Delgada: Instituto Universitário dos Açores, 1978;

DEPREZ M. F. - Génétique et amélioration de la chicorée industrielle. C. R. Acad. Agric. França, 1994

FEIJÓ, Álvaro António Garcia - Ribeirinha, uma viagem no tempo. 1ª edição, Ribeira Grande: Câmara Municipal da Ribeira Grande, 2017

FERNADES, José Manuel - Cidades e casas da Macaronésia : evolução do território e da arquitectura doméstica nas ilhas atlânticas sob influência portuguesa, quadro histórico do séc. XV ao séc. XVIII. Porto : Faup Publicações, 1996

FIGUEIRA, Jorge, MILHEIRO, Ana Vaz - A arquitectura da indústria, 1925-1965 : registo docomomo ibérico. ed. Celestino Garcia Braña, Susana Landrove, Ana Tosões ; trad. Maria de Lurdes Perdigão. - Barcelona : Fundação Docomomo Ibérico, 2005

FRUCTUOSO, Gaspar - Saudades da Terra, Livro IV, vol.1, 1522-1591

GRACIA, Francisco de - Construir en lo construido : la arquitectura como modificación. 3ª ed. - Madrid : Nerea, 2001

GREGÓRIO, Rute Dias - CulturAçores – Revista da Cultura - nº2 – Angra do Heroísmo: Direcção Regional da Cultura, 2005

HENKET, Hubert-Jan in Docomomo : reuse, renovation and restoration / ed. Ana Tostões, Zara Ferreira. - Barcelona : Docomomo international, 2014. - 97 p. : il. ; 30 cm. - International committee for documentation and conservation,Journ al 52, 2015

MOURA, Mário - Onze tempos do chá nos açores, (proposta de esboço) apresentada no XXI Colóquio da Lusofonia, Porto Formoso – São Miguel; Abril 2014

SANTOS, Carlos Nelson F.dos - Quando a Rua Vira Casa, A apropriação de espaços de uso colectivo em um centro de bairro. São Paulo: FINEP/IBAM, 1985

SARAMAGO, José - O Conto da Ilha Desconhecida. Porto Editora: Lisboa, 2018

SIZA VIEIRA, Álvaro - 01 textos. Porto : Civilização, 2009

TÁVORA, Fernando - Da organização do espaço. 3ª edição, Porto: Faup Publicações, 1996

VIERA, Francisco de Campos - O betão encontrou o basalto e isso deu cinzento mais escuro; Público; Lisboa - Abril de 2015

ZUMTHOR, Peter - Pensar a arquitectura. trad. Astrid Grabow. - Barcelona : Gustavo Gili, 2009

PDM RIBEIRA GRANDE, 2006

Legislação : Decreto Regulamentar Regional n.º 17/2006/A, de 10 de abril

Cartografia : Planta de Ordenamento; Planta de Condicionantes.

ARQUIVO HISTÓRICO DA UNIVERSIDADE DOS AÇORES

Livros de Contabilidade de 1930-1944 da “Empreza de Fiação e Tecelagem Micaelense”, consultados em Dezembro de 2018.

ARQUIVO MUNICIPAL DA RIBEIRA GRANDE

Livro de Contabilidade de 1934 da "Empreza de Fiação e Tecelagem Micaelense", consultados em Dezembro de 2018.

PERIÓDICOS

A Persuasão, n.º1683 – Ponta Delgada: 18.04.1894

GREGÓRIO, Rute Dias - CulturAçores – Revista da Cultura - nº2 – Angra do Heroísmo: Direcção Regional da Cultura, 2005

NEMÉSIO, Vitorino - "Açorianidade", in: Insula, Número Especial Comemorativo do V Centenário do Descobrimento dos Açores, nº 7-8, Julho-Agosto, Ponta Delgada, 1932

VIERA, Francisco de Campos - O betão encontrou o basalto e isso deu cinzento mais escuro; Público; Lisboa - Abril de 2015

WEBGRAFIA

https://www.acorianooriental.pt/noticia/plantacoes-de-cha-dos-acores-produzem--50-toneladas-anuais-e-sao-as-unicas-da-europa

http://www.arquivos.azores.gov.pt/details?id=1014762

http://www.azores.gov.pt

http://historiadosacores.tumblr.com/tagged/Ch%C3%A1-da-Barrosa

http://www.lusofonias.net

http://menosemais.com/conteudo/arquipelago

http://www.ribeiragrande.pt/geo/fabrica-de-cha-do-porto-formoso/

https://www.rtp.pt/acores/economia/associacao-agricola-de-s-miguel-teme-que-a--producao-de-tabaco-desapareca-video_55159

https://www.rtp.pt/programa/tv/p34307/e1

http://www.sinaga.pt/index.php?page=historial

https://srea.azores.gov.pt

CRÉDITOS DAS IMAGENS

MOTIVAÇÃO

Fig 1. Imagem característica das ruas micaelenses. Fotografia retirada de https://images-01.delcampe-static.net/img_large auction/000/531/770/651_001.jpg?v=5

CIRCUNSTÂNCIA DO LUGAR I | Condição insular: a ilha de São Miguel

1.1 Caracterização Geográfica

Fig.2 Imagem raster do Arquipélago dos Açores, desenho da autora feito com base na Imagem raster fornecida pela Direcção de Serviços de Cartografia e Informação Geográfica do Governo dos Açores.

Fig.3 Imagem satélite da ilha de São Miguel; Escala 1:500 000. Desenho da autora feito com base na imagem retirada de http://pt-pt.topographic-map.com/places/A%C3%A7ores-3566330/

Fig.4 Triângulo central da ilha de São Miguel; Escala 1:500 000. Desenho da autora.

1.2 Ocupação humana na ilha

Fig.5 Imagem aérea da vila da Povoação. Imagem disponibilizada em http://olharpovoacense.blogspot.pt/2013/10/primeiro-povoamento-na-ilha-de-s-miguel.html

Fig.6 Mapa da densidade urbana da ilha de São Miguel; Escala 1:500 000
Desenho da autora.

Fig.7 Imagem aérea dos Arrifes, zona Sul da ilha de São Miguel. Imagem disponibilizada através de https://www.google.com/intl/pt-PT/earth/

Fig.8 Imagem aérea da Ribeirinha, local do objecto de estudo. Imagem disponibilizada através de https://www.google.com/intl/pt-PT/earth/

1.3. Aproveitamento da terra: Carácter rural da sociedade

Fig.9 Domingos Rebêlo, Sem título. Óleo sobre platex, 1934. Imagem disponibilizada em http://www.domingosrebelo.com

Fig.10 Domingos Rebêlo, Paisagem micaelense com vacas e fardos de palha. Óleo sobre platex, 1932.

Fig.11 Representação do debulhar do trigo. Imagem disponibilizada em https://www.alamy.com

Fig.12 Construção das cafuas-método de conserva do milho. Imagem disponibilizada em https://images-03.delcampe static.net/img_large/auction/000/373/781/712_001.jpg

Fig.13 Fábrica da SINAGA nos anos 50. Luis Miguel Rodrigues Martins.

Fig.14 Publicidade da Fábrica da Gorreana. Imagem disponibilizada em Gorreana Revista Modas e Bordados, nº 1314, 1937.

Fig.15 Fábrica do Chá da Barrosa. Imagem disponibilizada em Revista Insula, nº7, 1932.

Fig.16 Fotografia da Fábrica de "chá Canto", sita na encosta norte da Lagoa do Fogo (também zona norte da ilha). Imagem disponibilizada em https://images-01.delcampe-static.net/img_large/auction/000/567/794/298_001.jpg?v=31

Fig.17 Fábrica do linho nos anos 90. Imagem disponibilizada em http://historiadosacores.tumblr.com/

Fig.18 Fábrica do Linho hoje. Fotografia da autora, 2018.

Fig.19 Fábrica do Alcóol início séc. XXI. Imagem disponibilizada em CulturAçores – Revista da Cultura - nº2 – Angra do Heroísmo: Direcção Regional da Cultura, 2005

Fig.20 Fábrica do Alcóol após a intervenção em 2014. Fotografia da autoria de José Campos, disponível em http://josecamposphotography.com/arquipelago-contemporary_arts_center_menos_mais_joao_mendes_ribeiro_jose_campos/

Fig.21 Fábrica do Tabaco antes da intervenção (esquerda). Imagem disponibilizada em http://amigoscalhau.blogspot.com/2009/05/

Fig.22 Fábrica do Tabaco após intervenção (direita). Fotografia da autora, 2018.

CIRCUNSTÂNCIA DO LUGAR II | A Costa Norte da Ilha de São Miguel

Da rua direita ao Porto de Stª Iria

Fig.23 Vista da Ribeirinha do Miradouro da Vigia das Baleias. Fotografia da autora, 2018.

Fig.24 Identificação do Concelho da Ribeira Grande na Ilha de São Miguel. Escala 1:500 000. Desenho da autora.

Fig 25. Identificação das várias freguesias que constituem o concelho da Ribeira Grande. Desenho da autora.

Fig.26 Esquema das circulações viárias entre a Ribeira Grande e a Ribeirinha. Escala 1:50 000. Desenho da autora.

2.1 Pontos de ligação

Fig.27 Mapa 1:10000 da Freguesia da Ribeirinha e a sua envolvente próxima. Desenho da autora.

Fig.28 Esquema das principais dinâmicas de circulação viária na Ribeirinha. Escala 1:10 000. Desenho da autora.

Fig. 29-32 Fotografias do acesso à Ribeirinha. Fotografias da autora.

2.2 Pontos de encontro

Fig.33 Adro da Igreja da Ribeirinha. Imagem disponibilizada em Google Earth images, 2010.

Fig.34 Localização do adro da igreja na freguesia da Ribeirinha. Escala 1:10 000. Desenho da autora.

Fig.35 Fotografias antigas do que é hoje o espaço do Adro da Igreja. Imagens disponibilizadas em FEIJÓ, Álvaro António Garcia - Ribeirinha, uma viagem no tempo. 1ª edição, Ribeira Grande: Câmara Municipal da Ribeira Grande, 2017; pág. 160/307/314

Fig.36 Fotografias da utilização do espaço durante o Ribeirinha Fest. Fotografias disponibilizadas pela Junta de Freguesia da Ribeirinha, 2014.

Fig. 37 Adro da Igreja. Escala 1:1000. Desenho da autora.

Fig.38 Fotografias do Adro da Igreja num dia normal da semana. Fotografias da autora, 2018.

Fig.39 Largo da Cruz. Imagem disponibilizada em Google Earth images, 2010.

Fig.40 Identificação do Largo da Cruz e ruas adjacentes. Escala 1:10000. Desenho da autora.

Fig.41 Vista para o Largo da Cruz da Rua Direita 1ª parte. Imagem disponibilizada em Google Earth images, 2010.

Fig.42 Largo da Cruz. Escala 1:1000. Desenho da autora.

Fig.43-44 Vista para o Largo da Cruz da Rua das Covas e Vista para o Largo da Cruz da Rua do Porto. Imagens disponibilizada em Google Earth images, 2010.

Fig.45-46 Porto de Stª. Iria. Fotografias da autora, 2018.

2.2 Expectactivas

Fig.47 Extracto da Planta de Ordenamento - PDM 2006. Desenho disponibilizado em http://www.azores.gov.pt

Fig.48 Desenho 1:10000 da Ribeirinha. Desenho da autora.

Fig.49 Zona A em 2008. Imagem disponibilizada em Google Earth images, 2008.

Fig.50 Zona A em 2018. Imagem disponibilizada em Google Earth images, 2018.

Fig.51 Planta com a envolvente próxima da Fábrica da Chicória. Escala 1:2500. Desenho da autora.

Fig.52 Fotografias Zona A. Fotografias da autora, 2018.

Fig.53 Zona B em 2006. Imagem disponibilizada em Google Earth images, 2006.

Fig.54 Zona B em 2008. Imagem disponibilizada em Google Earth images, 2008.

Fig.55 Zona B em 2018. Imagem disponibilizada em Google Earth images, 2018.

Fig.56 Planta da Zona B. Escala 1:2500. Desenho da autora.

Fig.57 Fotografias do Bairro 2. Imagens da autora.

Fig.58 Fotografias do Bairro 1. Imagens disponibilizada em Google Earth images, 2010.

Fig.59 Vista da Ribeirinha do Miradouro da Vigia das Baleias. Fotografia da autora, 2018.

Fig.60 Hipóteses de crescimento junto à Fábrica da Chicória. Escala 1:2500. Desenho da autora.

ESPAÇO INDUSTRIAL ABANDONADO: Fábrica da Chicória

3.1 Sobre Intervir

Fig.61 Torre da Fábrica da Chicória, vista dos Bairros. Fotografia da autora, 2018**.**

Fig.62 Complexo da Fábrica da Chicória, vista da Zona A. Fotografia da autora, 2018.

Fig.63 Fotografias do interior da Fábrica da Chicória. Fotografia da autora, 2018.

Fig.64_I Lx.Factory. Violeta Teixeira, 2013.

Fig.64_II Lx.Factory. Aurora Arquitectos, 2009.

Fig.65_I Fábrica ASA Newsletter, 2012.

Fig.65_II Christian Boltanski, 2012.

Fig.65_III Imagem disponibilizada em http://embankmentact.blogspot.com/

3.1.1 Estado actual do edificado

Fig.66 – 68 Fotografias da autora, 2018.

Fig.69 Imagens disponibilizada em Google Earth images, 2010.

(da Fig.70 à Fig.89 os conteúdos são todos de autoria própria)

Fig.70 Planta de localização do lote da Fábrica da Chicória. Escala 1:1000.

Fig.71 Axonometria representativa do lote total da Fábrica da Chicória.

Fig.72 CORTE A_ Relação altimétrica entre os vários edifícios do complexo. Escala 1:500

Fig.73 PLANTA RÉS-DO-CHÃO_ complexo da Fábrica da Chicória. Escala 1:500

Fig.73_I-73_IV

Fig.74 Edifício D.

Fig.75 CORTE B_ Relação entre a Torre de Secagem e a zona de lavagem e trituração das raízes. Escala 1:500

Fig.76 Fotografia actual do complexo

Fig.77 Relação entre edifício A e B

Fig.78 A_ Fachada direccionada para o pátio

Fig.79 A_ vista das escadas exteriores

Fig.80 A_ Tanque de lavagem

Fig.81 A_ Maquinaria de trituração

Fig.82 Axonometria_Representação da Torre de Secagem

Fig.83 B_ Piso 4 da Torre de Secagem

Fig.84 B_ Fotografias exteriores da Torre de Secagem, com destaque para a zona de recepção das raízes no interior.

Fig.85 I/ II Piso 4

Fig.86 I/ II Piso 3

Fig.87 I/ II Piso 2

Fig.88 I/ II Piso 1

3.1.2 Limites da Parcela

Fig. 89 Vista da Rua do Jogo através da Rua Direita 1ª parte (único acesso automóvel).

Fig. 90 Vista da Rua do Jogo após passagem pela Fábrica da Chicória. Imagem disponibilizada em Google Earth images, 2010.

Fig. 91 Ortomapa da Rua do Jogo. Imagem realizada com base na vista aérea disponibilizada em Google Earth images, 2018.

Fig. 92 Rua do Jogo _ 1º Troço. Imagem realizada com base na fotografia disponibilizada em Google Earth images, 2010.

Fig. 93 Rua do Jogo_2º Troço. Imagem realizada com base na fotografia disponibilizada em Google Earth images, 2010.

Fig. 94 Ortomapa da extensão da Ribeira Velha (da zona das Gramas até desaguar no mar). Imagem realizada com base na vista aérea disponibilizada em Google Earth images, 2018.

Fig.95_I Antigo Moinho do Fulgêncio, Ribeirinha. Imagem disponibilizada em FEIJÓ, Álvaro António Garcia - Ribeirinha, uma viagem no tempo. 1ª edição, Ribeira Grande: Câmara Municipal da Ribeira Grande, 2017; pág. 107

Fig.95_II Imagem disponibilizada em FEIJÓ, Álvaro António Garcia -Ribeirinha, uma viagem no tempo. 1ª edição, Ribeira Grande: Câmara Municipal da Ribeira Grande, 2017; pág.67

Fig.96 Moinhos em ruínas na Ribeira Grande. Fotografias da autora.

Fig.97 Jardim do Moinho no centro da Ribeirinha. Fotografia da autora.

Fig.98 Ribeira Velha nas Gramas. Fotografia da autora.

Fig.99 Recorte do 1º troço da Ribeira Velha. Imagem realizada com base na vista aérea disponibilizada em Google Earth images, 2018.

Fig.100 Recorte do 2º troço da Ribeira Velha. Imagem realizada com base na vista aérea disponibilizada em Google Earth images, 2018.

(da Fig.101 à Fig.113 os conteúdos são todos de autoria própria)

Fig.101 Jardim do Moinho.

Fig.102_I Acesso pela cota superior

Fig.102_II Acesso pela cota superior

Fig.103 Passagem superior no Jardim do Moinho

Fig.104 Pormenor do encontro da casa com a ribeira

Fig.105 Vista do Jardim do Moinho (Traseira das casas da Rua Afrizada)

Fig.106 Antigo Moinho do Fulgêncio

Fig.107 Avenida Fulgêncio Ferreira Marques

Fig.108 Zona de parque infantil e sanitários públicos

Fig.109 Antigo restaurante no Jardim do Moinho

Fig.110 Zona da Ribeira em contacto com a Rua Direita

Fig.111_I Ponte entre a Rua Afrizada e Rua dos Moinhos

Fig.111_II Ponte no Adro da Igreja

Fig.111_III Ponte entre a Rua da Ribeira e Rua de trás

Fig.112 Única zona onde as fachadas principais das moradias relacionam-se com a Ribeira

Fig.113_I Vista da frente ribeirinha do lote da Fábrica

Fig.113_II

Fig.113_III

3.2 VALORIZAÇÃO DA MEMÓRIA

3.2.1 A rua como espaço de convívio

Fig.114 Rua Direita da Ribeira Grande, 1897. Imagem disponibilizada em http://historiadosacores.tumblr.com/

Fig.115 Rua na Ribeirinha no séc.XX. Imagem disponibilizada em http://historiadosacores.tumblr.com/

Fig.116 Rua do Jogo. Imagem disponibilizada em Google Earth images, 2010.

Fig.117_I Festas do Espírito Santo na Rua do Jogo. Fotografia da autora, 2018.

Fig.117_II Fotografia da autora, 2018.

Fig.117_III Fotografia da autora, 2018.

HIPÓTESES DE INTERVENÇÃO

4.1 Exemplos da Costa Norte

Fig.118 Ortofotomapa com a localização das fábricas em análise e das consequentes freguesias. Imagem realizada com base na vista aérea disponibilizada em Google Earth images, 2018.

Fig.119 Fábrica do Linho. Fotografia da autora, 2018.

4.1.1 Fábrica do Álcool

Fig.120 Fachada Norte da Fábrica do Álcool, anterior à intervenção. Imagem disponível em http:/menosemais.com

Fig.121 Incêndio na Fábrica aquando da sua utilização como secadouro de Tabaco, 1970. Imagem disponibilizada em http://historiadosacores.tumblr.com/

Fig.122_I Ortofotomapa da Fábrica do Álcool abandonada. Imagem realizada com base na vista aérea disponibilizada em Google Earth images, 2007.

Fig.122_II Ortofotomapa após intervenção do actual Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas dos Açores. Imagem realizada com base na vista aérea disponibilizada em Google Earth images, 2018.

Fig.123 Axonometria do novo projecto para o Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas dos Açores; Imagem realizada com base no desenho da autoria de João Mendes Ribeiro + Menos é Mais.

Fig.124_I Planta do existente na fase de concurso; Piso 0. Desenho da autoria de João Mendes Ribeiro + Menos é Mais.

Fig.124_II Planta actual do Arquipélago; Piso 0. Desenho da autoria de João Mendes Ribeiro + Menos é Mais.

Fig.125 Fachada Norte do Arquipélago. Fotografia da autoria de José Campos, disponível em http://josecamposphotography.com/arquipelagocontemporary_arts_center_menos_mais_joao_mendes_ribeiro_jose_campos/

Fig.126_I Actividades no Pátio interior. Fotografia da autoria de Rui Soares.

Fig.126_II Fotografia da autoria de Rui Soares.

Fig.126_III Fotografia da autoria de Rui Soares.

4.1.2 Fábrica de Tabacos da Maia

Fig.127 Pavilhões da Fábrica de Tabaco. Fotografia da autora.

Fig.128 Encenação da técnica de secagem do tabaco. Fotografia da autora.

Fig.129 Ortofotomapa do actual Museu do Tabaco da Maia, 2018. Imagem realizada com base na vista aérea disponibilizada em Google Earth images, 2018.

Fig.130 Fotografias da autora, 2018.

Fig.131 Imagem anterior à intervenção. Imagem disponibilizada em https://www.facebook.com/pg/Museu-do-Tabaco-da-Maia-

Fig.132_I Festa das Colheitas. Imagem disponibilizada em https://www.facebook.com/pg/Museu-do-Tabaco-da-Maia-

Fig.132_II Imagem disponibilizada em https://www.facebook.com/pg/Museu-do-Tabaco-da-Maia-

Fig.132_III Imagem disponibilizada em https://www.facebook.com/pg/Museu-do-Tabaco-da-Maia-

Fig.133 Actividades desenvolvidas pelo Serviço Educativo. Imagem disponibilizada em https://www.facebook.com/pg/Museu-do-Tabaco-da-Maia-

4.1.3 Fábrica da Gorreana

Fig.134 Edíficio principal da fábrica. Imagem disponibilizada em http://historiadosacores.tumblr.com/

Fig.135 Trabalhadora a colocar o chá nos recipientes de venda. Fotografia de Laura Salprata, 2003.

Fig.136 Ortofotomapa do complexo da Fábrica da Gorreana. Imagem realizada com base na vista aérea disponibilizada em Google Earth images, 2018.

Fig.137 Plantações de chá na envolvente da Fábrica da Gorreana. Imagem disponibilizada em https://asenhoradomonte.com/2016/07/26/fabrica-de-cha-gorreana-acores/

Fig.138 Fachada Oeste da Fábrica. Fotografia da autora, 2018.

Fig.139 Imagens retiradas de Fabrico Nacional, Rtp1, Açores, 2017.

4.1.4 Fábrica do Linho

Fig.140 Ortofotomapa da antiga fábrica do linho. Imagem realizada com base na vista aérea disponibilizada em Google Earth images, 2018.

Fig.141 Interior de um dos pavilhões da Fábrica do Linho. Fotografia da autora, 2018.

Fig.142 Interior dos pavilhões, 1929. Imagem disponibilizada em http://historiadosacores.tumblr.com/

Fig.143 Estado actual da Fábrica. Fotografias da autora, 2018.

4.1.5 Considerações finais

Fig.144 Fábrica do Linho

Fig.145 Fábrica da Chicória

(no capítulo seguinte os conteúdos são todos de autoria própria)

4.2 QUESTÕES DE PROJECTO

4.2.1 Ligações

Fig.146 Estudos do perfil do lote da fábrica

Fig.147 Observações sobre os novos acessos à ribeira

Fig.148 Relação entre o largo da cruz e o lote da fábrica, a ribeira como ligação. Escala 1:2000

Fig.149 Pensamentos sobre a abertura do pátio da fábrica à rua do Jogo.

Fig.150 Processo da criação do programa, entre organogramas e esquissos

Fig.151 Primeiras propostas

Fig.152 Vista margem esquerda da ribeira

Fig.153 Vista dentro do lote

Fig.154 Axonometria do complexo fabril, em destaque os edificios alvo de modificação.

Fig.155 Esquissos da entrada via Rua do Jogo

Fig.156 Processo de pensamento

Fig.157 Planta de implantação, 1º hipótese. Escala 1:500

Fig.158 CORTE 2E. Escala 1:500

Fig.159 CORTE 2G. Escala 1:500

Fig.160 CORTE 2F. Escala 1:500

Fig.161 CORTE 2D. Escala 1:500

Fig.162 Desenho dos muros junto à Torre.

Fig.163 Esquisso da zona de contacto com a rua do Jogo.

Fig.164 Esquisso de uma segunda implantação.

Fig.165 Planta de implantação, 2ª hipótese. Escala 1:500

Fig.166 Fotografias maqueta 2ª hipótese. Escala original 1:200

Fig.167 Estudo das diferentes plataformas.

Fig.168 Desenhos de estudo da 3ª ideia projectual

Fig.169 Estudo da proposta em maqueta

Fig.170 Esquissos que revelam as dúvidas da intervenção a ter na Torre de Secagem.

Fig.171 Esquissos entre o pensamento do programa e a formalização do mesmo.

Fig.172 Axonometria da 3ª proposta.

Fig.173 Planta de implantação. Escala 1:500

Fig.174 CORTE 3D. Escala 1:350

Fig.175 Relação entre o Pavilhão e o volume dos workshops.

Fig.176 Vista da plataforma à cota 73m.

Fig.177 Zona da Praça principal.

Fig.178 Zona do parque (cota 68m).

Fig.179 CORTE 3E. Escala 1:350

Fig.180 CORTE 3F. Escala 1:350

Fig.181 Planta rés-do-chão. Escala 1:350

Fig.182 Imagem ilustrativa I

Fig.182 Imagem ilustrativa II

O Património Abandonado da Fábrica da Chicória
circunstância, registo e transformação

Beatriz Tomé de Andrade Salvado Sousa

FACULDADE DE ARQUITETURA

Faculdade de Arquitectura da
Universidade do Porto

Dissertação de Mestrado Integrado
em Arquitectura Resumo

O património abandonado da Fábrica da Chicória

circunstância, registo, transformação

Apresentada por
Beatriz Tomé de Andrade Salvado Sousa
Orientada por
Professor Doutor José Manuel Soares